



R.A. Dick

Vozes
na Casa



CASA EDITORA
O CLARIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

VOZES NA CASA

Índice

A autora	13		
Capítulo 1 -	Mrs. Muir	15	
Capítulo 2 -	Gull Cottage	29	
Capítulo 3-0 Capitão Gregg	⁴⁵		
Capítulo 4 -	Tia Eva	57	
Capítulo 5 -	A aposta	71	
Capítulo 6 -	Miles	75	
Capítulo 7 -	Desilusão	⁸⁵	
Capítulo 8 -	O retomo	1 ^o	
Capítulo 9 -	Problemas	109	
Capítulo 10	—	Olivro	121
Capítulo 11	—	O editor	129
Capítulo 12	—	Blood and Swash	137
Capítulo 13	—	Obispo	I ⁴⁷
Capítulo 14	—	Mãe e filha	153
Epílogo.....	1 ^{@^}		
	11		

A autora

O verdadeiro nome de R. A. Dick é Josephine Almés Campbell Leslie.

Nasceu no dia 8 de junho de 1898, em Wexford, Irlanda; desencarnou em 28 de abril de 1979. Era filha de Robert Abercombrigo, um capitão da Marinha e de Josephine Rosling. Casou-se com Melville Eric Leslie em junho de 1927. O casal teve dois filhos, uma menina e um menino.

Seus primeiros estudos decorreram no Princess Helena College; em seguida foi matriculada na Ealing England Religion.

Começou a escrever entre os anos de 1945 a 1979. No decorrer da última guerra alistou-se no "Voluntary Aid Detachment". Ingressou posteriormente na Society of Authors.

Com o pseudônimo de R. A. Dick, em 1945 publicou "The ghost and Mrs. Muir", obra reeditada em 1974 pela Pocket Books. Em 1949 publicou "Adventure of Jama"; em 1953 "She Walked to the Wedding"; em 1954 "Unpainted Portrait"; em 1958 "Light and Shade" e "The Second Blessing".

Em 1959 escreveu uma peça em um ato, "A King Will Come", encenado no Village Hall, em Moreyshire; escreveu uma peça em três atos, "An Improbable Comedy" - "Witch Errant", encenada no "Citizens Theatre" a 20 de março de

1959. Em 1960 publicou "Duet For Two Hands"; em 1962 publicava "Wanted", em 1974 "The Devil and Mrs. Divine".

Deixou uma peça em três atos, "The Tree", interrompida por sua morte.

Escreveu para inúmeras revistas, entre elas "Blackwoods", "Woman's", "Journal Argosy" e "Scots".

"The ghost and Mrs. Muir", que publicamos com o título de "Vozes na Casa", foi adaptada para o cinema com Rex Harrison e Gene Tierney, filme apresentado pela Twentieth Century Fox em 1947. O sucesso foi tão grande que uma cadeia de televisão tomou-a por base com o mesmo título para uma série de filmes, autoria de "Alice Denhan", pela qual a autora não recebeu um único níquel. Essa segunda parte será editada proximamente por esta editora. "Vozes na Casa" já foi traduzido para o francês e o espanhol.

É um romance original, bem urdido, que prenderá a atenção do leitor. A narrativa leve, fluida e imaginosa, faz deste livro uma obra singular e digna das boas bibliotecas. Sua edição, outrossim, faz parte do esforço da Casa Editora O Clarim por trazer ao público o que melhor tem sido apresentado no mundo, no terreno do psiquismo, tendo em vista que o leitor iniciante sempre é atraído pelos romances bem escritos e baseados em fenômenos espíritas.

Neste sentido "Vozes na Casa" cumprirá plenamente o seu destino.

Wallace Leal V. Rodrigues

Capítulo 1 Mrs. . Muir

Mrs. Muir era uma mulher pequena. Todos estavam de acordo no tocante a isso. Mrs. Brown ou Mrs. Smith, quando dela se tratava, referiam-se invariavelmente à "pequena Mrs. Muir" ou então à "querida e pequena Mrs. Muir" e, mais tarde, à "pobre e pequena Mrs. Muir" porque o seu marido, um proeminente membro da igreja e medíocre engenheiro, falecera repentinamente deixando-a com dois filhos e uma reduzida pensão, tão reduzida que ela viu-se forçada a vender a casa, tipo Isabelina, que havia sido construída para ela como um presente de núpcias. Com isso fazia frente às numerosas dívidas que fluíam de todos os lados, ameaçando-a com a mina e a perda dos bens de família correspondentes ao seu casamento.

Uma torrente de conselhos opostos a assediava, proveniente dos familiares de seu esposo e de suas amigas, todos desejosos de orientar o seu futuro para esta ou aquela direção, ora mencionando um apartamento de três cômodos, ora uma vila de pobres, uma chapelaria, uma casa de chá, uma pensão para homens solteiros, enquanto as crianças seriam dela separadas e mandadas para um colégio de caridade, em determinadas instituições ou, quiçá, o recurso da adoção.

- Isto - disse a pequena Mrs. Muir ao despertar uma manhã, tocada por um raio de sol de março que, através da janela do nascente incidia sobre o seu rosto

- isto tem de terminar. Preciso equilibrar a situação por mim mesma.

E, para encorajá-la em suas ânsias de independência, o bravo canto de um melro primaveril, portador de novas ideias, vibrou no ar, chegando a ela do jardim existente na parte baixa da casa.

-Abandonarei Whitchester! - exclamou baixinho e, repentinamente, sentou-se na cama, afastando os lençóis e repetindo novamente.

' -É isto mesmo! Preciso deixar Whitchester! Por que não pensei nisto antes? É a única solução.

Uma sensação de liberdade apoderou-se dela e pôs-se a trautear, enquanto se vestia, trechos de melodias que cantava quando era uma garota de dezessete anos e Edwin Muir havia chegado à casa de campo de seu pai - desejoso de edificar ou reconstruir uma ala da biblioteca-, passando logo a cortejá-la.

Em Nether-Whitley não havia rapazes para uma escolha. Ela estava lendo uma novela, no capítulo em que o herói possuía uma mecha de cabelos caindo-lhe sobre a testa. O cabelo de Edwin adquirira a mesma forma e seu despreocupado pai, que vivia apenas no passado, entre poetas gregos, não era uma autoridade em cortes de cabelos. A novela terminava com um beijo no jardim de rosas e as mágicas palavras "e para sempre viveram felizes"... E Lucy Muir, que fora beijada no orquidário, não podia encontrar outro final para seu próprio romance. Só que o herói do livro não era filho único, pelo contrário, tinha uma mãe viúva e duas irmãs com austeros costumes, que residiam nas casas mais próximas.

A vida de Mrs. Muir se não fora infeliz também não fora tampouco feliz; em resumo fora "a sua vida " junto à velha Mrs. Muir, em uma casa cheia de armários de remédios e emulsões para serem esfregadas no peito de Edwin, de modo a descongestionar-lhe a garganta e, igual-mente, tônicos que deviam ser tomados três vezes ao dia, após as refeições, visto que parecia um pouco pálido. Havia também cobertas de lã vermelha e meias cor-de-rosa, tecidas a mão, para dormir.

Além disto, a vida de Helen Gould, a irmã mais nova de Edwin, pertencia a vários clubes da cidade, clubes de tiro ao alvo, clubes de baralho, arqueiros ou de *croquets*. A vida da outra irmã, Eva Muir, se desenrolara em associações de cânticos, corais dramáticos ou literários. Os deveres de dona-de-casa tinham sido atribuídos a Edwin. Nem mesmo as noites pertenciam a ela e sim ao marido que, na cama de casal, mal adormecia, passava a roncar fazendo-a estremecer até mesmo nos sonhos.

Não restara para ela nada que poderia ser tido como seu. Elas escolhiam seus vestidos, seus chapéus, suas diversões, os empregados e até mesmo as suas doenças.

- Querida pequena Lucy, pareces tão pálida! Deves tomar Burgundy. Pobre pequena Lucy, parece que perdes o peso. E preciso que tomes óleo de fígado de bacalhau.

Lucy, que era adversa a discussões, argumentações e provocar brigas, deixava que decidissem tudo, mesmo o que dizia respeito aos seus filhos Cyril e Arma.

De fato ela não tivera tempo, antes, de pensar que aquele não era o seu rumo. Só agora, distanciada das obrigações sociais que suas cunhadas lhe permitiam, chegava à conclusão de que havia outras formas de vida que podiam ser melhores e mais convenientes!

Tão logo terminou de fazer a refeição matinal, antes que algum intruso pudesse interferir em seu novo domínio independente, vestiu o seu traje negro, de luto, escolhido para ela por Helen e apressou-se em se dirigir à estação.

- Para onde a passagem? - indagou o empregado enquanto ela hesitava diante do guichê.

- Para o mar! - respondeu Lucy em um impulso.

Era uma maneira nova de viver, próximo ao mar e faria muito bem às crianças. Que alegria não seria para elas construir castelos na areia e mergulhar, correndo sem guardiões, preceptoras, nem tias.

- Para Whitecliff? - perguntou o empregado pacientemente e pela segunda vez.

- Sim, por favor, para Whitecliff - Lucy respondeu.

Era um desses ensolarados e ruidosos dias de março, com grandes nuvens brancas atravessando o céu azul como galeões, e um vento que fazia as folhas farfalharem, arrancando chapéus das cabeças, golpeando portas, fazendo bater janelas.

Em Whitecliff o tempo estava rude e borrascoso e ela fazia esforços para sustentar o chapéu dotado do véu de luto, a bolsa e a saia ampla com as mãos calçadas de luvas negras. Cruzou o pátio da estação e ao dobrar a esquina da rua principal deparou com um letreiro no qual pode ler "Itchen, Boles & Coombe - agentes imobiliários".

Entrou e sentou-se quase sem respiração em uma cadeira estofada em couro vermelho; apoiou-se no enorme balcão que a separava de Mr. Coombe, um dos sócios da firma, para o qual pôs-se a olhar sem fôlego para falar.

- Procura uma casa, senhora? - perguntou o homem cortesmente, fixando-a através dos óculos de grossas lentes.

Lucy Muir assentiu com a cabeça. Tinha em mente um pequeno apartamento mas no momento faltava-lhe alento para se explicar, v - Ah! - disse Mr. Coombe abrindo um livro azul, grosso, cujas páginas começou a folhear com grande rapidez enumerando detalhes de casas, mansões e supostos palácios, com tal velocidade que Lucy Muir, apesar de estar agora em condições de falar, não podia valer-se de uma pausa, na qual pudesse intervir, salvo com uma outra palavra "*Gull Cottage*"^(*)... Três dormitórios... duas salas... banheiro... escritório... gás... reservatório de água... pequeno jardim... local agradável, situado idealmente perto do ponto de ônibus que levava ao mercado e às escolas... próximo à igreja...

mobiliado... cinquenta e duas libras por ano... - disse Mr. Coombe finalizando abruptamente.

- Cinquenta e duas libras por ano por uma casa mobiliada - repetiu Lucy Muir. - Resulta em mais ou menos uma libra por semana.

- E um preço absurdo! - exclamou Mr. Coombe aborrecido e fechando o livro com estrépito.

"Mobiliado", pensou Lucy rapidamente. Isto poderia poupar-lhe os gastos com uma grande mudança. "E eu poderei vender as pesadas peças de mogno, todas as terríveis camas de latão, as palmeiras e os imensos jarrões de porcelana, e..."

- Laburnum Mount lhe agradecerá ou Beau Sejour - disse Mr. Coombe abrindo uma gaveta e tirando dela um molho de chaves Yale.

- Gostaria de ver "*Gull Cottage*" - acentuou Lucy.

(^o) *Gull Cottage* - A mansão das gaivotas.

- Essa não lhe agradecerá - respondeu Mr. Coombe firmemente. - Iremos primeiro a Beau Sejour.

- Primeiro prefiro ver "*Gull Cottage*" - replicou Lucy ruborizando. - Tem o tamanho e o preço que me convém. Suspeito de que algo não vai bem nessa casa. O aluguel é muito baixo. Há goteiras?

Mr. Coombe olhou-a fixamente por um momento, sem responder. Parecia que um problema atormentava-lhe a consciência; finalmente chegou, senão a uma decisão, pelo menos a um armistício.

- Não, não há goteiras. Tudo está em perfeita ordem. O proprietário vive na América do Sul e está ansioso por se ver livre dela.

- Iremos, antes, ver "*Gull Cottage*" - Lucy insistiu.

Mr. Coombe voltou a fixar os olhos nela com tanta intensidade, que dava para se ver os seus pensamentos. Parecia estar tentando foijar alguma informação em sua mente que não fosse com palavras.

- Na estação disseram-me que havia aqui muitas imobiliárias - disse Lucy um pouco nervosa com seu próprio atrevimento.

Mas se estava disposta a começar uma vida nova, então precisava iniciar imediatamente e conduzir-se no caminho que escolhera.

- Oxalá eles tenham também contrato de locação para "*Gull Cottage*"

Mr. Coombe abriu bruscamente outra gaveta de sua escrivaninha e retirou de dentro uma enorme chave de ferro.

- Meu carro está lá fora - disse levantando-se. - Desde que a senhora está decidida, eu a conduzirei até lá.

A pequena e muito frequentada praia de Whitecliff desenhava uma curva em torno da baía, formando uma enseada descoberta de onde se podia ver o sol.

Na colina por trás dos hotéis e casas de pensão, além das franjas de areia e dos recifes, se encontravam a estação e as casas de comércio, a Prefeitura Municipal, as instalações dos bombeiros e da polícia, com um encantador

jardinzinho, onde podia-se ver um canhão, lembrança de uma guerra passada, que parecia um monstro fossilizado no meio dos canteiros de flores. Outros jardins exibiam-se ao ar e oscilavam ao vento.

A leste e a oeste, um caminho de terra quase branca. Aqui e lá destacavam-se as casas residenciais, as igrejas e os colégios. Mr. Coombe rumou nesta direção.

Lucy, assentada ao seu lado, contemplava com grande interesse tudo que seus olhos podiam abarcar. Ela se recordava agora que já estivera antes em Whitecliff. Fora com Edwin visitar um cliente provável que pensara em transformar um velho moinho de vento em uma casa moderna. Enquanto Edwin planejava a reconstrução, o seu provável cliente adquiriu uma propriedade em Lake, no mesmo distrito, e Edwin nunca mais voltou a Whitecliff outra vez. O lugar não era apreciado por suas cunhadas, que preferiam as cidades mais modernas e maiores de que Whitecliff, a algumas milhas da costa. Aquela visita há dez anos não teve nenhum significado para Lucy, porém agora olhava de modo diferente as faces coradas das crianças nos seus carrinhos, os braços e as pernas fortes dos rapazes que jogavam na areia da praia, e o mar que arremessava sua espuma contra o vento, como se, de certa forma, aquilo pertencesse à sua própria vida.

Mr. Coombe voltou a olhá-la fixamente.

- São institutos de ensino - disse Mr. Coombe, laconicamente, gesticulando para a esquerda onde se seguiam dois edifícios de tijolos vermelhos separados por um muro do mesmo material e separando os campos de jogos.

- Parece-me muito bem cuidado - comentou Lucy.

jpy- Tem métodos educativos tão bons quanto qualquer outra escola. Eduquei-me ali.

Muito interessante - acrescentou Lucy.

- Certamente. E está muito bem equipado. Oferece oportunidade para o ingresso em qualquer universidade, além de oferecer bolsas para o próprio colégio.

- E o senhor obteve alguma? - perguntou Lucy polidamente.

- Bem, eu não. Para falar a verdade não foi necessário. Eu ocupei o lugar de meu pai quando tinha vinte anos de idade. Esta é a estrada dos recifes - disse Mr. Coombe um pouco depois, enquanto fazia uma mudança de marcha no veículo de modo a pô-lo em condições de subir uma colina que levava ao final da esplanada.

Casas com aspectos bem cuidados e jardins, viam-se de um lado do caminho, enquanto do outro se levantavam os rochedos e o mar.

- Esta é "Gull Collage 'S* disse depois, parando o automóvel defronte à última casa da estrada, que terminava abruptamente do declive rochoso, do qual partia um áspero e branco rochedo.

Era uma pequena casa de pedras cinzentas, localizada bem distante de sua

vizinha mais próxima. Uma mureta de pedra escura rodeava-a como uma espécie de balaústre, separando a casa do jardim desde o caminho central. Uma grande e desbotada janela, cuja parte superior terminava em arco com postigos azuis, voltava-se do segundo andar para o mar. Tinha a forma de um quebra-luz como que para proteger a entrada dos raios solares em qualquer ângulo e em qualquer hora do dia

- Gosto dela! - exclamou Lucy impulsivamente, debruçando-se na janela do carro. - Gosto muitíssimo dela.

Mr. Coombe desligou o automóvel, dizendo quase agressivamente: -A senhora não pode julgar devidamente a casa vendo-a apenas na parte exterior. Creio que devo adverti-la que para uma mulher sozinha o lugar é muito isolado.

- Mas eu não sou sozinha - disse Lucy, olhando-o fixamente e com espanto.

Seguramente qualquer pessoa que a visse podia perceber pelo seu véu, seus sapatos negros, em suma, por toda sua aparência, vestida em negro, que devia tratar-se de uma viúva.

-A senhora é uma viúva recente, imagino. E isso pode significar que vive só, sem a proteção de um homem - acrescentou Coombe, desta vez mais gentil.

-Em qualquer local que eu viva estarei desprotegida.

-Mas não tão solitária...

- Em seu livro estava escrito que esta casa estava situada idealmente. Foi o que o senhor leu.

- Está situada idealmente, mas não para uma dama só. Permita-me levá-la a Beau Sejour - insistiu ele.

- Depois de ter visto "*Gull Coítage*"? - disse Lucy abrindo a porta do automóvel.

Mr. Coombe resmungou ininteligivelmente, mas desceu do veículo e se apressou em dar a volta para ajudar Lucy a descer. Continuou segurando seu braço até que abriu o portão, guiando-a pelo caminho empedrado. Era óbvio que o homem pensava: "Pobre e pequena coi- sinha", enquanto desenrascava o véu amplo e negro de Lucy que havia enganchado no botão de seu sobretudo, em virtude do vento.

A porta rangeu ao ser aberta por Mr. Coombe. Em frente à entrada se destacava a escada curva que levava ao piso superior onde três portas brancas se abriam para um vestíbulo quadrado iluminado pela janela redonda. As portas se encontravam abertas e podiam-se ver através delas a cozinha, ao fundo, e a sala de jantar, ao seu lado. Na sala de visitas, à direita, havia uma lareira e sobre ela uma velha pintura, o retrato de um capitão marítimo com seu uniforme. Não era uma boa pintura. A mão do homem estava pousada em um telescópio de bronze, o maxilar era quadrado e as faces estavam pintadas de uma cor quase vermelha; seu cabelo negro contrastava vivamente com os olhos azuis que pareciam olhar Lucy fixamente com tanta vivacidade e intensidade que ela por

um instante teve a impressão de que um deles piscava-lhe, de maneira imprópria para uma viúva com seus negros crepes.

- De quem é este quadro? - perguntou Lucy.

Mr. Coombe olhou severamente a pintura ao entrar na habitação como se tentasse submeter os olhos do retrato aos seus e disse com a voz estrangulada:

- Este é o antigo dono da propriedade, o Capitão Daniel Gregg... A senhora tem uma maravilhosa vista por estas janelas - prosseguindo rapidamente arrastando-a, para surpresa de Lucy, para a janela, de onde ela pôde ver apenas um descuidado jardim rodeado de árvores quase secas e dando os fiindos para uma parede de pedras.

Ela se voltou tão logo pôde e passou a examinar o interior da casa. Esta estava bem mobiliada com alguns objetos de muito bom gosto, porém outros de gosto muito discutível, como ela jamais vira antes... Sobre a lareira havia um relógio ladeado por dois estranhos jarrões, um tapete persa perfeito quanto aos desenhos e à cor. Havia também um sofá de veludo vermelho coberto por um xale indiano bordado, um biombo chinês de laca vermelho - muito em moda no século passado - e, igualmente, uma mistura nas porcelanas chinesas, de Blackpool, Cardiff e Sout hampton, além de um aparelho de chá de Satsuna com uma fina coleção de cristais de Waterlood. Em cima de uma mesa de bambu havia um jogo de xadrez de marfim; nas paredes estavam dependuradas fotografias e litografias, uma ao lado da outra, juntamente com *kakemonos* - um bordado florentino e velhas estampas. Tudo aquilo estava coberto de pó e festonado por tantas teias de aranha que parecia coberto por um véu.

"Que habitação estranha" pensou Lucy "não obstante é agradável". Começou então a dar-lhe ordens conforme os seus próprios gostos, pintando a parede de outro tom pálido, cortando sem compaixão as cortinas de brocado, substituindo todos os móveis e trazendo para seus lugares suas poucas antiguidades favoritas, o confortável soía e suas poltronas que tinha sido herança de seu pai. "Você será o primeiro a ir", disse para si olhando o retrato do Capitão. Entretanto algo ocorria com a luz, pois parecia que a figura movia os olhos que agora estavam fixos nela, apagados e sem vida, extraordinariamente azuis.

-A sala de jantar necessita de uma boa limpeza- disse o sr. Coombe, lugubrememente, dirigindo-se para este aposento.

A sala de jantar não necessitava tanto de limpeza, só o polimento do que não fora feito. Os papeis das paredes estavam caídos e descoloridos, tendo se tomado de um roxo azulado, como se podia ver em alguns obscuros pontos e isso em contraste com a pintura branca que se descascara e parecia atacada pela lepra. O jogo da sala de jantar: aparador, mesa e cadeiras, haviam perdido o seu brilho e a fina poeira que encobria a todos dava a impressão de que foram atacados por outra enfermidade semelhante.

- Essa casa parece que não foi habitada há anos - disse Mrs. Muir.

—Está certo - disse Mr. Coombe acrescentando - a porta do lado é da cozinha.

Ali também o pó e a sujeira cobriam tudo como um tapete escuro sobre utensílios que pareciam todos estar voltados contra a parede, por vergonha do seu estado e falta absoluta de polimento.

-Agora compreendo por que o senhor não queria deixar-me entrar - disse Lucy triunfante. - Queria que a casa estivesse limpa antes que viéssemos vê-la.

Um fogão a gás se apoiava contra as paredes dos fundos, com uma cafeteira sobre ele e uma caixa plástica. Na caixa havia pedaços de sabão sem uso. Sobre a mesa, debaixo da janela, vários objetos, uma xícara, um prato, metade de um pão e um recipiente de manteiga, tudo sobre uma folha de jornal. Lucy dirigiu um olhar sobre a folha de jornal e notou que a data era da semana anterior.

Creio ter ouvido o senhor dizer que a casa não fora ocupada desde há muitos anos! - exclamou ela mostrando a data.

- Não foi - contestou Mr. Coombe. - Uma criada veio fazer uma ligeira limpeza.

- Fazer o quê? - perguntou Lucy arqueando as sobrancelhas.

- Limpou o vestíbulo e a escada - defendeu-se ele.

- Saiu às pressas, pois parece estranho que tenha deixado tanta comida sem voltar para levá-la.

- Talvez se tenha sentido indisposta...

-E o senhor não sabe nada a respeito?

-Talvez tenha achado o trabalho muito pesado. Encontramos a chave no escaninho da oficina e nunca voltou para cobrar seus honorários.

-Estou pensando que há algo de muito especial acerca desta casa! —disse Lucy reflexivamente.

-Então não existem motivos para que deixemos de sair. Eu sabia que esta casa não iria agradar-lhe.

-Mas é o que me agrada. E exatamente a casa que desejo. Mas há algumas coisas inconvenientes que desejo averiguar para saber do que se trata, ainda que o senhor não queira dizer-me.

Sem pronunciar uma palavra Mr. Coombe deu meia volta e se dirigiu para a escada. Um banheiro e três dormitórios podiam ser vistos lá em cima, desde o primeiro degrau da escada. Os dormitórios estavam mobiliados com simplicidade. Sobretudo, se podia ver um manto de poeira.

No quarto da frente destacava-se a grande janela com arco superior. Havia pequenas almofadas sobre o manchado assento da única cadeira existente; uma cama de ferro; uma cômoda com gavetas; uma grande poltrona de vime em frente à lareira de gás; três quadros de barcos navegando brilhavam na parede. O que despertava poderosamente a atenção era o telescópio de bronze colocado sobre um tripé, resplandecendo ao sol do entardecer que entrava pela janela; Lucy

olhou fixamente o objeto e voltou a olhá-lo. Ela já vira antes muitos telescópios, mas o que havia de estranho neste, por certo era considerá-lo um móvel pertencente ao dormitório. Mas, entendendo-se que o último ocupante fora um Capitão da marinha, por esse motivo podia estar ali adequadamente, como estaria um violino de um violinista. No entanto, havia sobre este telescópio, em particular, algo que causara um impacto em Lucy com singular e potente violência, mal havia entrado no quarto.

-Mas, como é estranho; está limpo! - disse quase com um grito.

-Peço-lhe que me desculpe... - disse alarmado Mr. Coombe.

Lucy mal ouvira. Um outro som parecia estar sendo produzido na casa, chegando aos seus ouvidos: foi uma sarcástica e ampla gargalhada...

Ela olhou de soslaio para Mr. Coombe, mas ele não estava rindo.

- Venha - disse novamente apertando-a pelo braço, puxando-a para fora da casa.

E saltando pelos degraus da escada saiu mesmo antes que ela pudesse protestar.

- Eu não queria mostrá-la! A senhora quis vê-la! - exclamava Mr. Coombe acionando o acelerador do carro a fim de partir rapidamente.

- O senhor sempre dirige tão rapidamente? - perguntou Lucy, enquanto o carro deslizava costa abaixo.

- Não - replicou Mr. Coombe diminuindo a marcha quando chegaram à esplanada, com os pacíficos espetáculos que ofereciam os gordos bebês, as cadeiras de rodas dos inválidos e os meninos brincando. - O certo é que não me sinto muito bem.

- O senhor está pálido, poderíamos passar por uma farmácia e comprar sal de frutas para que o tome.

- Não, isso não adiantaria nada, muito obrigado... é em minha cabeça que não me sinto bem, deveria prestar um favor a um cliente, porém a minha consciência me pesa.

- Temo que não precise dar explicação alguma - acrescentou Lucy - pois não houve nenhum cliente, e o senhor não deve ter tido nenhum outro problema de consciência além deste.

- Pelo contrário, aluguei esta casa quatro vezes em dez anos; tempo de que data a firma. O inquilino que mais demorou nela, permaneceu vinte e quatro horas. Escrevi ao proprietário, porém ele não teve como ajudar-me. "Confio no senhor e não quero falar mais a esse respeito" - respondeu-me categoricamente.

- Mas não há outras imobiliárias? Por que não dá-la a outros?

- Oh! eu não poderia fazer isso. Seria um completo fracasso. Eles não poderiam alugá-la nunca depois de tudo que sucedeu.

- Suponho que a honestidade recompense.

- Quero dizer que se eu tivesse insistido em alugá-la, a senhora não tê-la-ia querido. Essa é a natureza humana. Gregson & Pollack pretendem que nada há de mal na propriedade, porém nunca conseguiram que um único inquilino passasse da sala de estar. Apesar dos esforços que fazemos, nenhum quer permanecer. Assim é que se riem de mim a cada momento, e se não fosse um homem casado, com uma família, já ter-lhe-ia ateado fogo em uma noite escura. Ponho-me nervoso, sonho com ela. Maldito Capitão Daniel Gregg, por toda essa trabalhadeira que nos dá. Desculpe-me senhora...

- E um fantasma? Foi assassinado?

- Não, não! Ele se suicidou. Oh! pobre homem! Não seria feliz? A senhora vai perguntar se ele foi infeliz? - perguntou Mr. Coombe.

- Não, não assim - admitiu Lucy. - Mas se não era infeliz por que pôs fim à sua vida? Para causar problemas a essa gente?

- É muito egoísmo de sua parte, e tão inconsistente! - replicou ela.

E acrescentou reflexivamente - Se queria morrer, por que não continuou morto?

- E verdade! - concordou Mr. Coombe.

- E não se poderia fazer alguma coisa? - e pensou consigo mesma se seria possível enterrar um fantasma.

- Não tenho á menor idéia. Se eu fosse a senhora esqueceria de tudo referente a isso. Afinal o problema não é seu.

- Realmente não é - confirmou ela. - Mas eu gostaria imensamente de residir em "*Gull Cotíage*" e me candidato a ela.

- Mas a senhora viu bem por si mesma que não há possibilidade de se viver ali. Agora mesmo levá-la-ei a Beau Sejour.

Victoria Drive, onde se situava Beau Sejour, era um largo e reto caminho que levava desde a estação, ao Fever Hospital, com uma vista para os terrenos de um estabelecimento de gás.

Beau Sejour era uma casinha muito limpa com a frente estucada de branco, colocada entre uma larga fila de casas similares.

- Oh não! Sinto que não quero viver aqui - disse Lucy apenas o carro se detivera ante a casa.

- A senhora poderia viver confortável e serenamente aqui, estaria cercada por trabalhadores e gente bem educada. O mobiliário é todo moderno, e, antes de fixar um ponto de vista do lado de fora, entremos, eu tenho a chave.

-Não! Não - replicou Lucy afundando-se no assento do banco.

E fechando os ouvidos com os dois dedos, por temor que seu velho costume de obedecer a sugestão dos outros pudesse influenciar em seu ânimo novamente, lembrando-se também que em sentido comum as conveniências corretas são feitas para quase todo mundo. Queria evitar o risco de anular sua incipiente independência e deixar tudo em frangalhos, esparsos a quatro ventos.

- Já sei! - disse ela sentindo-se muito mais segura. - O senhor não poderia alugar "Gull Cottage " a título de prova por uma noite?

-Aprova! Nunca houve uma tal coisa-replicou Coombe.

- Oh! Oh! eu sei que não é de todo correto, mas essa não é uma casa comum, não é certo? - E acalorando-se entusiasmada com sua ideia acrescentou - Eu poderia dormir ali uma noite e verificar se há realmente algo que poderá assustar as crianças. Poderia quicá enterrar o Capitão Gregg se é certo que é ele quem assombra o lugar e dizer- lhe que a casa já não lhe pertence - prosseguiu ela enquanto Mr. Coombe permanecia em silêncio. - Se quem habita a casa sai precipitadamente ao menor ruído, é natural que a casa não deve ter boa fama. É muito ridículo crer em aparições e outras tolices, isso é para o século passado. Incrível realmente é que no século vinte se possa crer em coisas tais. Todos os objetos ocultos podem fazer ruídos nas casas. É preciso calçar os móveis para que permaneçam em silêncio à noite e expulsar as ratazanas que roem as vigas do forro.

- A senhora não vai explicar a gargalhada como algo produzido por estalos de móveis nem pelo barulho de ratazanas! - comentou Coombe.

- Poderia talvez ser produzida pelo vento que desce rugindo pela lareira. De qualquer forma não vou deixar "Gull Cottage " tão facilmente. Se o senhor não quer alugar a casa e deixar-me passar ali a noite, talvez o façam Gregson & Pollack.

- Desculpe-me se lhe digo: a senhora é a mulher mais obstinada que já encontrei ao longo de toda minha vida - acrescentou Coombe.

- Então o senhor permitirá que eu realize meu desejo?

'Sr Se» para fazer-lhe companhia, encontrar uma senhora digna de confiança, permitirei isso - respondeu inflexivelmente Mr. Coombe.

- Obrigada. Trarei comigo minha velha cozinheira que está casada com um jardineiro; ela é de Pinlico e não tem medo de nada. Vejamos, hoje é quinta-feira, se não lhe aviso o contrário, chegaremos com o trem da manhã de quinta-feira.

Capítulo-2 Gull Cottage

Na quinta-feira, às dez e meia da manhã, Lucy Muir estava outra vez na porta de "Gull Cottage Mas desta vez Martha Godwin estava ao seu lado, em vez de Mr. Coombe. Martha era a única cozinheira que Lucy havia escolhido por sua conta em uma agência de Londres, durante sua lua-de-mel, e antes que suas parentes tivessem tempo de tomar o controle. Elas não haviam aprovado Martha por causa de seu linguajar "cockney"⁽¹⁾ e espírito independente. Mas não puderam encontrar

⁽¹⁾> O dialeto popular de Londres. - Nota do Tradutor.

nenhuma falha em seus cardápios. Martha estivera durante seis anos em seu posto até que, de repente, casou-se com o jardineiro já idoso, que vivia nos alojamentos do município e estava na atualidade encarregado do campo de bowling do local. Não tinham filhos e para não deixar o marido sozinho teve dificuldades para acompanhar Lucy. De outro lado Lucy não tinha facilidade para deixar a residência familiar.

- Para onde vai? E por quê? Pensar em abandonar Whitchester... absurdo, ridículo... sem nenhum sentido.

Todos os amigos estavam em Whitchester. Que irá fazer em lugar tão pobre como Whitecliff? Se Lucy supunha que o ar marinho era saudável para crianças, por que não viver em Whitmount, onde havia mais movimento e onde seus amigos poderiam ir visitá-la?

- É uma questão de compensações - disse Lucy. - Se não há divertimentos, então não haverá necessidade de dinheiro para se gastar com isso.

— Oh! dinheiro — diziam elas, desviando-se do tema, como se não lhes parecesse agradável ver Lucy com esse problema.

Naturalmente que gostariam de ajudá-la, todavia o querido Hdwn havia gasto a maior parte do patrimônio de seu pobre pai e a pensão da mãe terminara por ocasião de sua morte. De qualquer forma, isso era outra coisa. O que importava era que a doce e pequena Lucy fosse meter-se em um obscuro antro como Whitecliff Isso as preocupava. Além disso, Lucy não estava apressada e poderia esperar até a próxima semana quando Eva estaria mais desocupada. Eva poderia acompanhá-la até Whitmount.

Lucy, quase sem fôlego, mas resolutamente, enfrentou o temporal tomando o primeiro trem para Whitecliff em companhia de Martha. Recolheu a chave da "Gull Cottage " nos escritórios onde a esperava Mr. Coombe com ar de desaprovação bastante silencioso.

Ei-la agora introduzindo a chave na fechadura da porta azul da frente.

— Poderiam ter-lhe dado uma lixada e uma mão de pintura'. — resmungou Martha, olhando o azul empolado da pintura. — Como se atrevem a alugar a casa nestas condições? Meu irmão Eert arrendou uma casa que — bem cedo ficou sabendo — estava em péssimas condições. Ele teve que trocar o teto por causa das goteiras.

Encontrava-se ao lado de Lucy, quadrada e erecta, com seu vestido negro e uma coifa adornada com violetas que se agitavam a compasso do vento, colocadas bem atrás dos cabelos lisos e presos. Em um cesto de vime, junto ao material para passarem a noite, havia uma barra de sabão amarelo, uma escova e espanadores, que ela punhava como uma amazona, preparada para batalhar contra qualquer inimigo à vista ou escondido. Lucy havia aberto a porta da cozinha para a cozinha suja e cheia de teias de aranha.

— Operação limpeza—disse Martha sucintamente, tirou o avental, amarrou o avental, arregaçou as mangas e foi buscar água —Água quente! É o que necessitamos. Água quente, muita água Algo parecia andar mal no fogão a gás.

E a Lucy tentou acendê-lo sem lograr êxito no intento.

Quando chamaram telefonicamente Mr. Coombe, este lhes disse que havia se comunicado com a companhia de gás, de água e de eletricidade. Tudo estava em ordem. Disse-lhes que se chamassem a companhia de gás por telefone, esta lhes mandaria um homem logo em seguida. Da companhia disseram que os trabalhadores estavam todos ocupados e que lamentavam não poder mandar ninguém até o dia seguinte.

- E melhor providenciar uma cozinha portátil! - disse Martha. - Necessitamos de água quente.

- Uma cozinha portátil! - repetiu Lucy perplexa.

- É uma que tem uma pequena fornalha que pode ser cheia com querosene - disse Martha, enquanto amarrava na cabeça um lenço de algodão vermelho e atacava as teias de aranha do teto com a vassoura.

Enviaria o fogão a querosene, respondeu o homem da venda, quando Lucy telefonou fazendo a encomenda. Quase em seguida, um rapazinho de bicicleta empurrava o portão posterior da cerca e depositava o pacote no umbral da porta.

Enquanto recebia o dinheiro da nota com suas mãos sujas, o empregado lançou a Martha um olhar brincalhão, dizendo-lhe:

- Aposto que vocês não permanecerão aqui. Essa casa apavora todos os inquilinos.

- Vá embora! - exclamou Martha em voz alta. - Ou dar-lhe-ei pavor onde dele mais precisa.

O rapaz desviou os olhos, deu-lhes as costas e se foi assoviando "O corpo de John Brown".

- Fantasmas! - bufou Martha que estava inconformada por Lucy, antes de realizarem a viagem, sobre tudo que se referia à assombrada "Gull Cotíage - Fantasmas! Não existe tal coisa!

Entrou com o pacote, desatou-o e encheu o depósito pondo a ferver um recipiente com água.

A uma e meia interromperam seu trabalho para tomar chá e comer uma parte das provisões que tinham levado. A cozinha estava agora habitável. Os colchões, as almofadas, os lençóis e cobertores dos dormitórios, estavam estendidos sobre os arbustos que rodeavam os jardins dos fundos. Todas as janelas da casa estavam completamente abertas e o ar marinho derramava seu acre cheiro, enchendo todos os cômodos.

— Gosto desta casa! — disse Martha assoprando o chá escuro para esfriá-lo. — Gostaria de vir trabalhar com você nesta casa...

— Seria maravilhoso isso, mas eu não posso pagar uma empregada. Você sabe bem.

— De qualquer forma não sei como você vai se arrumar, pois nunca fritou um bife em toda a sua vida. Cozinhar é fácil se souber usar a cabeça e não se

enganar! — prosseguiu Martha enquanto lavava a sua xícara depositando-a com um golpe sobre a mesa. — Descanse um bocado enquanto eu me ocupo com a escada.

Encheu o balde com água fervente e subiu degrau acima.

"Ainda não ouvimos nada, absolutamente nada", pensou Lucy. "Não creio que a casa seja assombrada!"

Recostando-se em uma poltrona começou a compor mentalmente os cômodos, retirando e trocando as coisas até que viu tudo perfeito em sua imaginação. Ao anoitecer todos os cômodos, excetuando-se a sala de estar e a de jantar, estavam limpos das teias de aranha e com a poeira removida.

— Amanhã poderemos prosseguir limpando - disse Lucy enquanto Martha preparava duas camas no quarto de cima, de frente à escada.

— Você não precisa preocupar-se com o trabalho! - dizia Martha enquanto alisava o fino lençol de linho que Lucy havia trazido consigo em sua mala, substituindo a áspera manta azul. — Agora você irá deitar-se e fechar os olhos, embora por dez minutos, enquanto preparo os ovos e o toucinho para completar a ceia.

— Martha, não comece a dar-me conselhos, pois não vou aceitá-los partindo de uma pessoa tão jovem como você - disse Lucy enquanto sacudia um travesseiro e substituía a fronha por uma sua, toda bordada.

— Jovem, eu, que vou completar trinta e dois anos em fevereiro! Ora, não diga tolices.

- Eu farei trinta e quatro em julho - disse Lucy. - Como envelhecemos, não? Nossa vida já vai pela metade e que temos feito?!

- Bom, eu sei o que tenho feito. Cozinhei bifés suficientes para cobrir uma linha daqui até Saint Paul. E bem longe e não falemos nada dos remendos das meias, capazes de envolver um elefante inteiro! — exclamou Martha sorrindo.

- Está certo, você tem tido uma vida ativa...

- Você não fez muito menos. Com duas crianças... Mas se pensa governar sozinha esta casa não tenha dúvida que será demasiado para você.

- É fácil governar uma casa? Penso que não - disse Lucy.

- Nunca acreditei que esta fosse uma tarefa fácil. Em todo o caso tudo está perfeitamente em ordem e muito bonito...

- Em perfeita ordem! Nunca ouvi você dizer tais palavras antes - observou Lucy.

- Atrevo-me a dizer que a maresia faz-me pensar como marinheiro...

- Eu me pergunto: como seria o Capitão Gregg? - refletiu Lucy. - Por seu retrato não se pode admitir que seja um homem capaz de tirar sua própria vida.

- Ora vejam só! Não fique ocupando a cabeça com pensamentos doentios. Se o fizer poderá imaginar coisas... - disse Martha.

- Não imagino coisas. Realmente não há nenhum fantasma. É o vento que

desce pela chaminé da lareira, as sombras nas paredes ou os ramos dos arbustos batendo contra as venezianas! - justificou Lucy.

- Ou pássaros aninhados nas cumeeiras - acrescentou Martha. - Bem, irei à cozinha e trarei a ceia.

-Pode arrumar-se sozinha ou quer que eu a ajude?

-Ajudar-me? - exclamou Martha. - Que é um par de ovos fritos e um pedaço de toucinho, para quem já preparou sete pratos para doze pessoas? Ajudar-me, ora vejamos!

Lucy assentou-se em uma poltrona. Estava mais cansada do que supunha. Inclinou a cabeça sobre a almofada, olhando o quadro que mostrava uma formosa embarcação. Suas pálpebras pesaram e ela sonhou...

Sonhou que o Capitão Gregg voltara à vida e se encontrava na habitação com ela. Era um homem bem mais alto do que se poderia imaginar, vendo-o no quadro; tinha ombros largos e pernas compridas e claudicava um pouco ao caminhar de um lado para outro da habitação, como se estivesse passeando no camarote com o mar embravecido. Não trazia o uniforme, mas envergava um casaco azul naval, camisa branca e gravata preta. Fumava um cachimbo. Lucy notou que a mão que sustentava o cachimbo tinha um belo formato e trazia no dedo mínimo um anel de selo em ouro, completamente diferente da munheca de madeira que sustentava o telescópio no retrato existente no andar inferior. Era uma mão firme, cheia de vida e força. Toda a graça e o modo de portar-se do homem dava uma impressão de grande virilidade. Não havia nada deprimente nele nem de neurótico, nada que pudesse de algum modo ser associado a uma natureza infeliz que se houvera imposto sua própria morte. No sonho chegou até muito perto de Lucy olhando-a, fixamente, com uma benévola expressão de seus olhos azuis. Por alguns minutos se deteve ali. Virou-se logo dirigindo-se para a janela, abriu-a e voltou ao seu passeio compassado, movendo-se para lá e para cá, como se estivesse contando algum problema que tinha em mente.

Tão real o via no sonho que quando despertou na casa vazia, apenas podia crer que não estivera ali o marinheiro. Olhou com atenção ao seu redor procurando-o. Naturalmente tudo havia sido um sonho e voltou a recostar-se sentindo um pouco de frio resultante da brisa que soprava e a alcançava pela janela aberta.

Sorriu pensando que não estava muito segura de ter fechado a janela antes de começar a arrumar as camas na companhia de Martha.

- Curioso! Eu diria que fechei a janela. O trinco estava muito duro e apertei um dedo ao cerrá-lo.

Ainda tinha uma marca roxa em seu dedo indicador para prová-lo. "Quem teria aberto a janela?" - perguntou-se Lucy enquanto uma obscura nuvem pareceu envolver totalmente o seu espírito.

"Esta é minha casa e meu lar, mas não sei como poderei trazer as crianças sem que se sintam atemorizadas".

Foi até a janela e fechou-a cerrando-a com força, como desejosa de expulsar seus próprios pensamentos. Voltou atrás para desfazer a mala de onde tirou um jogo de toalhetes que foi colocar sobre a cômoda, para distrair-se da melhor forma possível. Pôs-se em contato com os objetos familiares, dirigindo-se a um espelho colocado na parede em frente, no qual começou a pentear-se enrolando os compridos cabelos. Enquanto isto, viu que a porta se abria lentamente sem nenhum ruído. Manteve-se hirta com o pente no alto da cabeça, como se sua própria pessoa se tivesse convertido em uma imagem de marfim. Seu estado de nervo foi tão grande que, em seguida, quando o rosto vermelho de Martha assomou pela abertura sentiu um incrível alívio. Inclinado-se tanto para a frente viu-se obrigada a apoiar-se no móvel.

- Eu entrava muito cautelosamente, pensando que você tivesse adormecido e não desejava molestá-la, pois que um ovo é um ovo, agora e depois, que pode voltar a ser frito num abrir e cerrar de olhos, mas um sonho é um sonho...

- Estive adormecida alguns minutos - disse Lucy.

Mas, havia realmente adormecido? Aquilo fora um sonho, e a visão tão real da figura com paletó azul, filmando seu cachimbo, podia ser um fantasma? E a janela aberta?...

- Martha, fechei ou não a janela antes de amimar as camas?

- Sim, e você apertou um dedo. Está fechada agora, não é certo?

- Sim, Martha, está fechada agora - insistiu Lucy, mas se perguntou por que motivo tivera a recente experiência. Um sentimento de estranheza manteve-a em silêncio por temor das chacotas de Martha ou mesmo das consequências se ela se convencesse a si mesma. Não deixava de pensar nisso.

- Você está esgotada. Eu não devia ter deixado que trabalhasse tanto. Eu sou forte como um boi e me esqueço de que as outras pessoas não o sejam também.

- Eu também sou forte! - defendeu-se Lucy. - E porque sou baixinha que me consideram débil. Sou forte, sou sim! - exclamou Lucy como que desejosa de tranquilizar seu espírito, e para fazer frente à corpulência de Martha.

— Naturalmente que você é forte, tão forte como Hércules, e se sentirá mais forte ainda com uma xícara de chá em nossa pequena ceia.

Martha estava certa. Lucy sentiu-se muito melhor depois da ceia. Quando lavaram os pratos, sentaram-se para conversar sobre os velhos tempos, de quando Cyril e Anna eram bebês e a vida de Martha era uma constante luta com a babá de roupa engomada e tesa: adolescente que os havia criado desde os primeiros dias. Martha bocejou e se dirigiu diretamente para a cama do quarto de trás, deixando Lucy que olhava uma revista que havia comprado durante a viagem no trem. Martha bem que gostaria de poder lê-la.

Logo Lucy começou a bocejar, e, embora fosse apenas nove e meia da noite, decidiu-se a encher o saco de água quente e ir logo para o leito, a fim de estar

em condições para o rude trabalho que esperava no dia seguinte.

"O saco de água quente é uma fraqueza" - pensou - "mas, tão acolhedor para os pés finos e capaz de aquecer tão bem a cama!"

Como havia usado toda a água quente que tinham para lavar as vasilhas usadas na ceia, voltou a encher o recipiente vazio embaixo da torneira, levantou a tampa do fogareiro para acender a mecha, mas a única resposta que teve ao riscar o fósforo foi uma débil chama azul que se apagou quase no mesmo instante, deixando tudo na penumbra e uma fumaça de parafina flutuando no ar. Quando se propunha deixar a cozinha, descobriu que estava sem combustível. A garrafa que a continha estava vazia.

- Que falta de sorte! — exclamou Lucy. - Mas, é claro, esteve aceso o dia todo. Deveríamos ter pensado em comprar mais parafina antes que o armazém fechasse. A bolsa de borracha estava ali sobre a mesa, fria como uma rã. Seu pensamento se fortaleceu: tinha de obter água quente para colocar nela. Tirou o recipiente do fogareiro e o colocou, com um golpe, sobre o fogão de gás. Acendendo outro fósforo deu a volta na chave, tentando acendê-la, porém ela não funcionou.

— Por que não queres acender?... Por que não queres? Por que não queres? - repetia Lucy em voz alta e tom de desespero.

- Por que eu não quis que funcionasse! - disse uma voz profunda...

Deixando cair a caixa de fósforo que mantinha nas mãos, ela olhou perscrutadamente em torno do cômodo.

- Eu não aceito gás! Odeio esse maldito elemento; renego-o! - continuou dizendo a voz.

A voz não soava precisamente ali, e tampouco ela a escutava com seus ouvidos. Parecia que penetrava diretamente em sua mente, como se fossem seus próprios pensamentos. Mas como poderiam ser seus pensamentos, quando ela nunca blasfemava nem sequer consigo mesma.

- Deve ser o Capitão Gregg que me fala... - disse ela enfraquecendo-se subitamente e buscando forças em sua fraqueza. Reprovou-o com fúria:

- Você é um orgulhoso, odioso e irracional! - exclamou. - Se queria viver nesta casa, por que não o fez em vez de suicidar-se como um estúpido e um grande covarde pondo tudo a perder?

- Eu não me suicidei! Maldita suposição! - a voz parecia bramar em franca fúria e através de sua cabeça como as notas graves e profundas de um órgão. - Eu adormeci em frente desta maldita estufa de gás do meu dormitório, sentado em minha poltrona, e devo ter esbarrado com o aparelho junto aos pés enquanto dormia. Era uma noite tormentosa, o vento soprava como um vendaval do sudeste contra minha janela. Como a chuva ameaçava as cortinas, fechei as janelas como qualquer homem de bom senso tê-lo-ia feito. E os idiotas que chegaram pela manhã em encontraram morto tomaram o feto por um suicídio. Minha criada

assegurou que eu sempre vivia e dormia com as janelas fechadas em qualquer estação do ano. Como diabos ela poderia sabê-lo se nunca havia dormido comigo?

— Isto prova que eu nunca poderia ter pensado na parte final deste discurso — pensou Lucy ruborizando-se.

- Naturalmente que não. Você é uma mulher de pensamentos retos, que está em meio ao caminho de sua vida.

—Eu estou mais viva do que você e desejo que vá embora, que me deixe só. Só desejo encher minha bolsa de água quente para ir dormir.

— Bom, pois vá dormir, eu não a detenho, apesar de que você se locou toda essa traparia feminina em minha querida cama! — exclamou o Capitão Gregg.

— Não é traparia, é a melhor roupa de linho que se conhece, toda bordada à mão. Eu não poderia dormir em leitos que não fossem de linho e por isso trouxe a minha roupa de cama.

— Se você tivesse se dado ao trabalho de procurar em meu armário de roupa branca, teria encontrado as mais finas peças de fio da Irlanda!

— acrescentou o Capitão Gregg. — Comprei-as eu mesmo em Dublin. "Por que eu não poderia senão dormir em lençóis de linho?" Nunca vi um disparate tão pomposo como este. Do que você necessita, jovem, é de uma viagem a bordo com um vendaval do sul que lhe permitisse enjoar todas as manhãs em pleno mar, por três dias e três noites. Então dormiria em enxergas e se sentiria convencida.

—Eu não o faria.

—Bem, você dormiu muito confortavelmente na minha velha poltrona, antes da ceia.

—Ah! foi você que abriu a janela, congelou-me e quase me provoca a morte.

— Você exagera como toda mulher. O ar fresco é bom e só deixou seu nariz um pouco corado.

Lucy pôs-se a rir.

— De que se ri? — perguntou o Capitão.) — Eu aprecio uma boa gargalhada e Deus sabe que nos últimos doze anos ouviu-se muito pouco riso em minha casa...

— Parece-me tão ridículo estar conversando com um fantasma a respeito de um nariz avermelhado... Antes da ceia vi-me horrorizada por sua causa e quase morri de susto. Sempre nos sentimos aterrorizados pelo desconhecido.

— Eu nunca estive tão assustado como quando, em uma ocasião, levei meu barco a um porto desconhecido, sem ter piloto.

—Eu suponha que os barcos quando tocam o porto têm um piloto!

— disse Lucy.

- Têm - replicou o Capitão. - Têm! Mas nessa ocasião meu piloto oscilou e caiu sobre o timão. Assustei-me muito mais ainda na ocasião em que o cozinheiro enlouqueceu e queria trinchar-me para a ceia; isso na calma zona das águas equatoriais, com uma temperatura bastante alta e um carregamento de couro cru, cujo mau cheiro chegava até o firmamento.

- Você deve ter tido uma vida bastante agitada e deve também ter visitado muitos países.

-As terras não me interessam tanto quanto os mares. Para os marinheiros de água doce, todos os mares são mais ou menos iguais: sal e umidade, tormenta e calma. Mas cada mar tem suas próprias características. E eu aprendi a conhecer a maioria delas.

- Por que se retirou se amava tanto o mar?

-Estava envelhecendo na opinião de várias pessoas, curto de vista e sem fôlego, lerdo em meus pensamentos e movimentos. E preciso que se seja senhor de si mesmo, antes de ser senhor dos mares. Em um barco há várias vidas em risco e se precisa treinar muito para ser um senhor perfeito. Foi assim que me dirigi a um dique seco, em perfeito acordo comigo mesmo e optei por uma vida de navegante de segunda mão, através de meu telescópio. A maioria dos barcos do mundo inteiro chegam e saem pelo canal, navegando pelos sete mares. Se você pretende permanecer nesta casa, mostrar-lhe-ei como tudo sucede.

-Pretendo ficar! - Lucy declarou com energia.

- Ninguém permanece nesta casa. Eu não quero que fiquem. Você vai se surpreender ao certificar como é fácil assustar as pessoas. São os marinheiros de água doce... Isto é o que são...

-Você abriu a janela lá de cima para assustar-me e pôr-me em fiiga.

-Não! Abri-a por que não queria que se produzisse outro acidente com o amaldiçoado gás. Não desejo que se produza um segundo caso de suposto suicídio em minha casa, sob a suposição de você possuir uma mente enferma.

- Parece-me que você ainda não sabe que não está mais em sua casa. Ela pertence a alguém que reside na América do Sul.

-Isto é outra coisa! - bramiu como uma tempestade o Capitão Gregg. - Põe de lado esse parente que herdou minha casa e meu dinheiro por ser o mais próximo da família. Maldito seja! Eu ia deixar a "*Gull Cottage*", por testamento, para uma casa de descanso dos velhos capitães do mar. O dinheiro que possuía daria para a manutenção.

-Bem! Agora é demasiado tarde! O melhor para esta casa é que se a habite e dela se cuide... Isso antes que apodreça e se transforme em uma pocilga, como, aliás, já está ocorrendo.

-Não quero que ninguém habite minha casa, exceto marinheiros.

- Mas eu quero viver nela! - disse Lucy. - Está bem situada para que as crianças frequentem a escola, e o aluguel é o que posso pagar. Virei nela, mesmo que tenha que esquentar a água para o banho no fogareiro portátil.

-Você não poderá viver nela, senhora. Não permitirei que meu dormitório se transforme em uma alcova perfumada, cheia de festões e enfeites.

- Você quer dizer que vamos prosseguir do mesmo modo? Mas é horrível! — Lucy, muito cansada pelo trabalho do dia deixou-se cair sobre uma cadeira e

inclinando a cabeça entre as mãos, pôs-se a chorar.

-Não chore! - disse o Capitão rudemente. - Embora as contingências, senhora, não chore. Se algo existe que não posso suportar, é o pranto das mulheres. Acenda o seu maldito fogareiro e encha sua bolsa. Pouco me importa tudo isso. Mas pelo amor de Deus, deixe de choramingar.

-Não estou choramingando... - disse Lucy respirando fundo. - Choro porque estou cansada, sinto-me muito infeliz e além do mais, não tenho uma casa onde viver.

O Capitão pareceu explodir:

-Tolices! Há mil casas vazias na Inglaterra, esperando que alguém vá habitá-las. Esta espécie de engodo não me afeta.

- Mas acontece que eu quero viver nesta casa; é a "minha casa", muito mais do que qualquer outra que jamais vi. E se a quero quando se encontra tão suja, pode-se imaginar o quanto irei querê-la quando estiver limpa e arrumada!...

-Por que lhe agrada tanto? É pelo ridículo aluguel?

- Não! Não! Senti que este era o meu lar tão pronto a vi. Enamorei-me dela. Não posso explicar o porquê. Foi como se a casa me desse as boas vindas e reclamasse que a salvasse da destruição.

- Há nisso um pouco de capricho! - grunhiu Gregg. - Mas também pode haver algo de verdade nisso tudo. O primeiro barco que tive estava em um estado tão lamentável, por falta de reparação, que o obtive por um bom preço. Mas jurei a mim mesmo que navegaria duas vezes melhor, com os novos consertos que lhe fiz, como nunca havia sucedido com seu antigo dono. Isso sucedeu, talvez como um agradecimento pelo amor com que o tratei.

- Se lhe prometo não converter o seu dormitório em um aposento perfumado, você permitirá que o experimente por seis meses?

- Se você se aposar por seis dias, não poderei desalojá-la mais daqui. De qualquer forma, se lhe dá prazer, traga seus filhos no verão e conversaremos a respeito.

-- Assim sendo, você se irá embora e nos deixará sozinhos? — Lucy perguntou.

O Capitão respondeu rapidamente:

-Absolutamente! Não sairei daqui. Por que motivo o faria?

- Porque não posso trazer as crianças para cá estando você presente. Além do pavor que elas poderão sentir em uma casa mal- assombrada, pensemos em seu linguajar inadequado e nos maus costumes que poderão assimilar.

- Condenado seja! Meu linguajar está controlado, minha senhora! - assegurou Gregg secamente. - Quanto aos meus costumes, posso assegurar que jamais uma dama se constrangeu comigo. Gostaria de saber se muitos desses chorosos cantores de salmos estariam nas mesmas condições que eu, pois vivi uma vida de homem e não tenho a que me envergonhar por ela. Sempre me esforcei por dizer somente a verdade mesmo que, para isso, tivesse de enfrentar o próprio diabo.

- De qualquer forma - disse Lucy - ser-me-ia difícil acerca dos seus costumes. Cyril e Anna estão nas idades de doze e onze anos, na fase mesma em que os garotos perguntam tudo. E é preciso explicar-lhes. Não obstante você foi muito gentil consentindo que poderíamos ficar. Nunca encontrarei uma casa que me agrade tanto. Foi você mesmo quem a construiu?

- Sim, construí-a eu mesmo... -redarguiu o Capitão enfadado.

-Você foi muito hábil. Meu marido, que estudou arquitetura por muitos anos, nunca construiu uma casa tão pequenina e agradável quanto esta. Parece-me que ele era mais entendido na construção de penitenciárias e oficinas de correio - acrescentou Lucy lealmente, pois que a lealdade para com seu esposo morto era o mínimo que podia fazer uma viúva, que ainda usava luto rigoroso.

- Por que é que você usa todas essas roupas pretas? - perguntou o Capitão Gregg - rompendo oportunamente seus pensamentos. - Quanto a você, realmente pouco importava seu esposo e por isso bastava a tarja negra no seu chapéu de luto.

- Oh! me interessava, me interessava! - redarguiu Lucy.

- Você não precisa perder tempo em mentir-me. No estado em que me encontro agora, pensamentos e palavras brotam juntas, como se partisse do baixo profundo ou de um tom agudo do piano. Em nós produzem diferenças que não posso explicar. Não, minha querida, você gostava de seu marido mas não estava apaixonada por ele.

Lucy se levantou de sua cadeira e disse com dignidade:

- Não ouvirei mais uma única palavra vinda de você.

De imediato acendeu outro fósforo e desta vez o gás jorrou naturalmente. Colocou o recipiente sobre a chama e tomou a sentar-se novamente, esperando que a água fervesse.

Um silêncio total pairou sobre a cozinha, quebrado apenas pelo silvo da chama do gás. Lucy, assentada, muito quieta na dura cadeira de madeira, parecia muito jovem e bonita. Suas faces estavam se tornando rosadas pelos esforços e suas mãos muito brancas, embora ásperas pelo trabalho do dia, descansavam pacientemente sobre seus joelhos... Muito cansada para pensar... muito cansada para o sentir... Agora podia confiar no seu destino futuro.

O Capitão Gregg disse depois de uma longa pausa:

- Qual é o verdadeiro caminho que pretende seguir na vida? É preciso pensar bem, para não encetar uma aventura funesta. Os homens são tão imbecis correndo impetuosamente em circulo, com os olhos fechados, interferindo uns sobre os outros ou, desesperadamente, permanecem sentados maldizendo a Deus por não obterem respostas. Entretanto, jamais estão em condições de escutar. Agrada-me uma mulher que ainda pode estar quieta! - continuou depois de uma pausa. - Se tivesse encontrado uma mulher que contivesse sua língua e não me molestasse, talvez me tivesse casado. Esta água está fervendo em demasia! -

interrompeu-se ele. - Não vê como sobe o vapor? Se permanecer esperando, a tampa de plástico da bolsa voará pelos ares. Além disso está desperdiçando gás. Maldição! Você precisa se tomar um pouco mais prática.

- Sim - disse Lucy levantando-se docilmente para encher a sua bolsa de água quente. - Suponho que devo ser mais prática.

—E preciso que lhe dêem um empurrão! - resmungou o Capitão. - Cedo ou tarde irá queimar as mãos entornando a água desta maneira. Será melhor que amanhã compre uma bolsa nova.

- Muito bem, eu o farei! - respondeu bocejando quando terminou de enroscar a tampa da bolsa de água quente. - Não sei se é correto desejar-se a um fantasma uma boa-noite... - disse Lucy encaminhando-se para a porta. - Mas se for, eu lhe desejo que tenha um bom sono.

- Espere um momento! - disse rapidamente o Capitão. - Há algo que desejo dizer-lhe. Ocorreu-me uma solução para todos nossos problemas. Gosto de você e compreendo as suas razões. A casa estará melhor se você viver nela. Assim sendo pode vir e viver aqui, se promete deixar meu dormitório como está. Prometo-lhe que não irei a nenhum outro cômodo da casa, e assim as crianças nunca chegarão a saber nada a meu respeito. Isso solucionará seu problema. Além disto, por meu intermédio você poderá comprar esta casa.

- Não tenho dinheiro suficiente para isso.

- Espere um momento - disse o Capitão Gregg peremptoriamente. - Você comprará a propriedade com o meu dinheiro. Tenho uma quantia em ouro escondida na casa, da qual ninguém sabe nada. Você tomá-lo-á e comprará a casa do meu maldito parente. Em seguida fará um testamento, deixando-a para se tomar um lar de velhos marinheiros.

Lucy protestou:

- Impossível! Em primeiro lugar, se uso seu dinheiro, isso seria um roubo e em segundo lugar, se você fica com o melhor dormitório da casa, onde dormirei eu?!

—No mesmo cômodo! — respondeu Gregg.

, -Mas...

— Em nome dos céus! Por que não? Deus bendiga minha alma, senhora. Eu não tenho corpo, e depois de não tê-lo durante doze anos, não sofre de apetites carnis. Demônios, senhora! Você não leu nas escrituras. No céu não há casamentos nem compromisso de tal índole.

— A dificuldade reside em que você não está em um céu! — respondeu Lucy.

—Tudo isso é muito difícil de ser explicado a você, ademais, está cansada e cochilando. Apesar de que, fora de dúvida, eu jamais poderei explicar estes fatos com palavras terrenas. Mas, no momento, você terá que aceitar a minha palavra quando lhe digo que nem sonhando intentaria tocar num único fio do seu cabelo, e muito menos macular sua reputação. De qualquer forma está tudo decidido. Falaremos acerca do dinheiro amanhã. Boa-noite.

—Não, não, nada está decidido. Espere mais um pouco, espere... - apressou-se Lucy em dizer, mas por mais alto que falasse já não obtinha resposta... Ouvia-se apenas o sibilar do vento que soprava do mar e o refluxo das ondas debatendo-se contra os rochedos bem lá embaixo, na praia...

Capítulo. 3 0 Capitão Gregg

Em Whitecliff produziu-se uma comoção quando se soube que "Gull Cottage " não só estava vendida, mas que estava habitada, aparentemente em caráter permanente, por uma viúva com dois filhos.

Passadas algumas semanas a novidade foi-se diluindo e as pessoas que já começavam a tratar com Mrs. Muir, rendidas pela sua simpatia, já a chamavam de "essa pequena e agradável coisinha", esquecendo-se de que a casa havia estado por muito tempo vazia com a reputação de ser mal-assombrada e cenário das aparições do Capitão Gregg.

Apenas Lucy o recordava. Como poderia esquecê-lo?! Ele visitava-a todas as noites, depois que as crianças iam para a cama. Vinha comentar as coisas ocorridas durante o dia. O fato de ter retirado o ouro de seu secreto esconderijo sob uma pedra da adega e comprado com ele aquela casa, para nela viver e ter assegurado em um testamento pelo qual deixava o edifício para um lar de velhos capitães afastados do mar, fascinava-a mais do que o próprio fantasma a quem começava a considerar um bom amigo, apesar de alguns atritos.

Haviam discutido por semanas quanto à questão do dinheiro, pois tudo aquilo permanecia como um peso na consciência de Lucy, isso apesar de o Capitão Gregg lhe assegurar que seu parente era um rico comerciante que não necessitava do dinheiro e era o último homem na Terra a quem haveria de deixar sua fortuna, se tivesse havido tempo para fazer o testamento e morrer depois.

- Não me interessa - dizia Lucy obstinadamente uma noite pela milésima vez. - Eu me sinto como uma ladra. As vezes pergunto-me a mim mesma se você é realmente um fantasma. Quero dizer: nunca o vi, exceto em sonhos. Por que permanece ainda aqui? Por que andar rondando se não há nenhuma razão para você prosseguir aparecendo?

- Já lhe disse que prosseguiria aqui até que minha casa fosse um lar de velhos homens do mar, e sou um homem de palavra. Você não seria mais do que um grumete. Deus bendiga minha alma, pois tenho perfeito direito de permanecer em minha própria casa, que edifiquei com minhas mãos e que agora comprei com meu próprio dinheiro, esse dinheiro que incidentalmente foi parar nas mãos do meu parente milionário. Desta forma não posso imaginar por que você se preocupa.

Apesar de tais afirmativas Lucy estava aflita. Ela não conhecia ninguém que estivesse em termo tão íntimo com um fantasma. Aliás, os fantasmas eram sempre tratados como brincadeiras de seus amigos e relações. Eram espectros e fantasmas, vozes e visões, pertencentes exclusivamente a mentes saturadas de santos medievais ou de lunáticos na atualidade. Alarmada, Lucy supunha que o Capitão Gregg não fosse mais do que uma obra de sua imaginação. As mulheres quando se aproximam da metade das suas vidas, sozinhas, costumam inventar situações descabíveis. Ela, todavia, estava pisando nos umbrais da metade da sua vida e positivamente sentia-se solitária. Seguramente o Capitão Gregg estivera ainda mais confundido do que ela no cimo mesmo da fantasia.

Este novo aspecto do caso pesava muitíssimo sobre ela, até que um dia dirigiu-se a Londres para consultar um psicanalista que era das relações de sua cunhada, a qual procurava auxiliar uma desafortunada mulher que havia sofrido uma desilusão com um jovem clérigo que lhe manifestara intenções de frigir com ela.

Depois de uma séria conversação com o especialista em peculiaridades humanas, que tentou colocar tudo a descoberto, desnudando-a até o esqueleto, revirou sua vida íntima e lhe assegurou que ela era tão normal quanto qualquer mulher comum deveria ser, apesar de existir uma curiosa obsessão em seu subconsciente: talvez um desejo pelo amante ideal era o que a fazia ouvir aquela voz. Se ela continuasse visitando-o a cinco "guinéus" por visita, uma dezena de vezes a mais, chegaria a não duvidar da sublimação desta voz conseguindo racionalizá-la.

- Eu não creio que alguém possa fazer com que a voz de meu fantasma seja mais racional; por outro lado não tenho nenhum tipo de amante. Disso estou segura.

- Isto, naturalmente, se sua consciência reprimir seu instinto natural - disse o especialista.

- O senhor não acredita de nenhuma forma em fantasmas? - perguntou Lucy.

- Muito bem, querida senhora. Há coisas misteriosas entre o céu e a terra que não pode sonhar a própria filosofia... - disse cautelosamente o psicanalista. - Volte a semana que vem e veremos o que se pode fazer.

Lucy refletiu:

- Não tem nenhum mérito pagar cinco "guinéus" por isto.

- Eu lhe teria dito o mesmo - asseverou o Capitão Gregg naquela noite. - Mas de qualquer forma você não ficaria satisfeita, até que soubesse por si mesma.

- Você acredita em psicanálise? - Lucy perguntou.

- É uma nova ciência e estão só no período de experimentação. Desafortunadamente só fazem experiências com pessoas neuróticas, como se essas fossem cobaias; e são incapazes de aliviar seu subconsciente com uma

linguagem clara. De qualquer maneira isto escapa ao meu entendimento.

- Eu pensava que você, no estado em que se encontra, poderia saber tudo - disse Lucy. - Diga-me, por exemplo, como é ou com que se parece o outro mundo.

Produziu-se um grande silêncio. Por fim o Capitão Gregg disse-lhe:

-É muito difícil de explicar. E como querer ensinar navegação a uma criança que está fazendo um pato de celulóide flutuar na banheira.

As palavras que teria de usar não fariam nenhum significado para você. Não há palavras terrenas adequadas a esta outra dimensão, justamente como não há palavras aptas para a telegrafia e eletricidade, pelo menos até que os cientistas abram caminho trabalhando duro nas análises das coisas. Ademais, se você pudesse entender, duvido que eu seria claro para explicar-lhe. Quero significar que isso seria como entregar-lhe uma cópia em um exame difícil de graduação em idiomas estrangeiros. Você passaria bem no primeiro grau, perfeitamente, mas quando não tiver assimilado a análise que você mesma tenha feito suas, essas teses logo lhe dariam o grau superior. Não, querida, o claro é claro e você tem que abrir caminho em sua vida por si mesma. O mesmo sucede com a morte.

-Mas eu não estou pedindo que diga o meu destino e me ofereça antecipações quanto ao meu futuro. Apenas quero saber, por uma simples curiosidade, como é realmente o outro mundo. Vocês têm nuvens e luz todo o dia? Tocam harpas de ouro, dormem durante a noite, onde? - perguntava inquieta Lucy.

- Não lhe disse que você estava no primeiro grau? - acrescentou impaciente o Capitão. - Demônios! Você não está mais no jardim da infância. Aqui não há dia, não há noite, é a eternidade, não existe tempo...

- Oh! pobre de mim! - disse Lucy. - Eternidade, tudo prosseguindo para sempre; isso faz a minha cabeça rodar.

-Exato. No entretanto, você esperava que eu explicasse isso com palavras simples. No momento a realidade da Terra é o que deve preocupá-la. E quanto a mim duvido que você seria capaz de captar uma situação tão complexa. E tão assombroso quanto assistir ao correr dos dias que vão passando pelas mentes fora da rotina.

* * *

As crianças seguiam felizes para a escola onde permaneciam inclusive na hora do almoço até que Lucy se tomou um pouco mais eficiente na arte de cozinhar. Ela própria se sentia mais que feliz em sua vida solitária, sabendo que esta seria interrompida cada noite pela conversa vivaz de sua filha Arma que todos os dias lhe contava algumas cenas da vida durante o dia, e, igualmente pelas coisas que seu tímido filho Cyril lhe descrevia. Depois que as crianças subiam ao dormitório, havia o diálogo com o Capitão Gregg sobre os acontecimentos do dia, os quais, via de regra, mereciam a aprovação dele. Mostrava-se fiirioso e desaprovava as modificações nos cômodos de baixo, até que, finalmente, teve que admitir que a cor ouro pálido das paredes e as cortinas de brocado na sala superavam em gosto

o seu tapete, almofada, bibelôs japoneses e a escrivaninha de laca, melhorando sensivelmente o aspecto geral.

- Mas, por que quer desfazer desse excelente conjunto de móveis? - grunhiu Gregg. - Não posso fazer qualquer ideia a respeito. Paguei um bom dinheiro por ele.

- Estou certa do que diz, porém, meu pai pagou muito mais pelas poltronas que pus em seu lugar. Obtive duas libras e dez xelins pelos seus. Foi o preço de artigos de segunda mão e me serviu para pagar o novo anteparo da lareira.

- Um roubo, nada mais que um roubo. De qualquer maneira quem haveria de querer um novo anteparo? Eu trouxe este material de mármore da Itália. E que fez você com ele? Converto em um adorno para o jardim fundo. Deus do Céu! Creio que você seria capaz de arrancar as lousas da sepultura de seu pai para usá-las no jardim! - bramiu Gregg.

- Certamente que eu faria se fosse de mármore negro esculpido e adornado com belos motivos - replicou Lucy vivamente.

-Notre-Dame está cheia de velhos entalhes - exclamou Gregg.

-Talvez. Mas não servem para aquecer-me os pés.

- Não vejo tampouco por que motivo você tirou o meu retrato do lugar e o trouxe aqui para cima!

-Você deveria estar agradecido por eu não o ter levado para o sótão! - disse Lucy olhando de modo desaprovador a velha pintura que agora se encontrava sobre a lareira do dormitório.

-É uma boa pintura - sustentou Gregg com ardor.

-É uma questão de opinião. Eu acho que é horrível.

-Por que o julga tão mal?

-As mãos são horríveis...

- Essas não são as minhas mãos. Levei o artista que pintou esse quadro até a América do Sul, e fez o retrato em vez de pagar-me a passagem. Naturalmente que eu não poderia estar posando constantemente para ele e desperdiçar assim o meu tempo. Pintou-me então colhendo um pouco de cada um que passava.

-Este não pode ser considerado um bom artista.

Gregg tossiu acrescentando:

-Absolutamente não o era, tinha um problema de bigamia que acho que não era facilmente resolvido. Qualquer mulher gostaria de casar-se com ele e não seria de estranhar que várias teriam querido convertê-lo em um bom marido. Era um jovem de pequena estatura, sem barba e de cabelos louros.

-Eu estava me referindo à sua habilidade artística.

- Oh! está bem, deixe isto de lado, isto pouco me importa. Faça do quadro o que quiser. Não me preocupo muito com ele.

Mas o Capitão não se acalmava tão facilmente e quando Lucy contratou um jardineiro a fim de pôr em ordem o jardim, mandou cortar a araucária que havia

nele. Nessa noite, o Capitão Gregg explodiu sobre sua consciência como um furacão ou um tufão.

-Minha árvore, minha araucária que plantei com minhas próprias mãos para nela brincarem os macacos! - estalou iracundo.

- E por que você não realizou seu plano? - perguntou Lucy.

- Por quê? Maldição! Porque queria ter uma árvore para que nela se entretivessem os macacos nos jardins da frente.

- Porque - insistiu Lucy Não tem a mínima utilidade e nem é ornamental. Penso que é muito preferível ter ali um maciço de rosas.

Um maciço de rosas é detestável! - disse o Capitão aborrecido, deixando escapar chispas dos seus olhos. - Oxalá esse maciço de rosas morra com o sol.

- Eu desejaria que você não blasfemasse! E tão feio!-lamentou Lucy.

- Eu não estou blasfemando, uso apenas uma linguagem de escola dominical comparado ao que estou pensando.

Bom. Antes eu não poderia admitir uma coisa destas. Pensava que você deveria sabê-lo muito melhor agora. Mas parece que sendo um espírito é não obstante muito terrenal!

- Você é capaz de tirar a um santo a sua canonização! - exclamou o Capitão. - Mas todas as mulheres são iguais; eu deveria tê-lo imaginado.

Desvaneceu-se logo, em repentina calma que golpeou os sentidos dela de uma maneira mais forte que um trovão. O fantasma não voltou por várias noites, até que Lucy comprou dois pequenos pés de louro no mercado local e os plantou nos gramados verdes, um a cada lado da porta de entrada.

- Vejo que os louros estão crescendo bem! - ouviu-se a voz do Capitão soando vagamente como de maneira casual, quando encontrava-se ela acendendo a luz em seu dormitório, algumas noites depois, e isso porque ele mantinha a sua palavra de nunca visitá-la quando os meninos estivessem por perto.

- Oh! espero que assim ocorra - disse Lucy muito mais animada do que ela mesma poderia admitir pelo retomo dele.

-Apropriados também! - asseverou Gregg.

-Apropriados?...

- Os vimeiros florescerão como os verdes louros. É uma bonita maneira de admitir sua traição, minha querida; mas não faz mal. Esqueçamos tudo isso; nunca fui dessas pessoas que guardam rancor, inclusive quando aquele suíno em Valparaíso se apropriou de minhas melhores calças. Fi-lo tão somente cair num buraco e não voltei ao assunto.

Os dias deslizavam e os laburnos ostentavam sua glória amarela em cachos de ouro desde suas raízes. As plantas, como um vivo tapete, espraivavam-se pelo campo que se exibia para além da parede do jardim na parte posterior da casa, e as framboesas atraíam os estorninhos, gorriones, zorzales e melros em uma irmandade ruidosa, piando pelo jardim e a cozinha.

A maioria dos residentes havia alugado suas casas a preços de verão aos turistas, e as estacas e postes apodrecidos voltaram a ter utilidade na praia onde as cabines de banho, coloridas, surgiam como um colorido jardim de flores.

"Mais coloridos do que meu próprio jardim, onde as árvores se marchetavam sob o momo sol de agosto, mostrando-se mais saudável que as plantas na relva". Nisso pensava Lucy, "as malditas trepadeiras daninhas também se enredavam" observou ela, olhando ao seu redor para ver se alguma das crianças que estavam de férias se encontravam por perto, de modo a ouvir a sua maldição de marinheiro. Era um trabalho muito pesado estar arrancando as raízes das ervas daninhas; isso porque frequentemente cresciam agarradas umas às outras, frondosamente em torno das aquileias, boca-de-lobo e as plantas perenes do jardim, sagradas pela mitologia do Reno. Era um trabalho muito cansativo para ela. Sentou-se sobre os saltos afastando um ramo de sua frente e, com o dorso da mão sustinha-se, quando ouviu o mído do portão da cerca produzido pelo carteiro, que entrava sem se anunciar pelo caminho e tomava a voltar. Muito pouca gente escrevia a Lucy. Curiosa se apressou a ir buscar a carta posta na caixa-correio. Teve a impressão de que era um menino retirando daquele lugar um tesouro. Limpou as mãos na grama e subiu as escadas, procurando o que chegava.

A primeira vista, ao ler o endereço do nome do remetente, viu que era sua cunhada Eva. Com gesto decidido, como que para mostrar a sua independência, fazendo esperar esta dominadora pessoa, deixou cair a carta no bolso do avental e voltou descansadamente para o jardim. Galgou os degraus para o mirador redondo e assentou-se sobre o parapeito, contemplando a costa que se encontrava logo abaixo, onde as crianças brincavam. Ela podia vê-los distintamente: Cyril, construía trabalhosamente um lago nas úmidas areias usando os calhaus e a queda da corrente que vinha da montanha. Estava trabalhando duro, traçando pequenos cursos dentro do lago, que havia escavado, reforçando o dique que havia feito para mantê-lo ali. Permanecia reclinado sobre sua pá de ferro, com os ombros dobrados atendendo ao seu labor. Anna dançava ao largo do fio das ondas com os pés desnudos, arrastando uma vasta cauda de algas marinhas. Seu cabelo anelado, marrom-escuro, levado pela brisa dava encanto a todas as partes do seu gracioso corpo.

Lucy amava-os muito. A áspera, a pedra cinzenta estava quente sob suas mãos pelo calor do sol. Nos vãos, uma erva selvagem, escarlate, florescia e mais longe daí, um par de goivos de cor amarela e marrom, parecia ao alcance de sua mão. Uma almofada de ervas verdes protegia os cravos marinhos sobre seus duros talos como velhas varetas de um guarda-chuva. Uma gaivota voava muito baixo, em direção à água, curvando suas asas, planando o seu pequenino corpo. A maresia soprou friamente as coradas faces de Lucy e ela sorriu intimamente.

"Pergunto-me se há algo diferente em mim" - pensou Lucy então - "para que

eu possa tirar tanto de tão pouco, porque a minha alegria me vem realmente dissipar as brandas tardes de verão em sufocantes salas de desenho, escutando as mulheres criticarem a moral da vizinha, e realizar os movimentos na mesa de bridge; não consumindo as noites de verão, ouvindo homens e mulheres que desejavam resolver os problemas do mundo, a maneira correta para o serviço de cinco formas diferentes de jantares; não costurando nos círculos, não lendo em grupos. "Eu devo ser muito egoísta" - pensou ela - "porque não quero estabelecer nada, nenhum direito sobre ninguém. Tudo que desejo é estar em paz para que possa fazer o possível neste problema chamado vida, para mim e meus filhos. Como seria o mundo" - perguntou-se- "se cada um resolvesse seus próprios problemas? E mais ainda, que fosse preciso condutores de Estados e nações que não tivessem apenas autoridade, mas uma mão firme".

—Arma! Armai

A aguda voz de Cyril chegou até ela levada pela brisa, tão claramente como se estivesse falando sobre seus ombros.

- E hora do lanche - disse empertigando-se enquanto tomava o balde e começava a caminhar pela praia até o sendeiro que conduzia à casa. Anna continuava dançando sobre a úmida areia.

Cyril, arquejando pela subida dos degraus do caminho, disse-lhe:

-Chamei Anna porque já é hora do lanche.

-Eu sei querido, ouvi-o daqui.

O menino se deteve ante a relva olhando-a. Era gordinho, usava óculos redondos, sustidos por um pequeno e pontiagudo nariz, cabelos avermelhados, hirsuto, desde a frente. Era bom e consciente e, ademais, o seu filho mais velho. Mas, por que não o amava tanto quanto devia? Repentinamente chegou o motivo à sua mente. Era um filho de Eva, mais do que dela mesma; era Eva em pessoa com uma camisa cinzenta e calças sujas. Era este um pensamento deprimente: havia dado à luz um varão, tal qual a tia solteirona, apenas em miniatura.

- Querido - disse ela com veemente afeto, quando um mal pensamento assaltou-lhe a consciência.

-Meu querido, que lindo lago você construiu.

- Não era um lago, era um tanque, porém Arma não quis ajudar-me - disse Cyril com voz firme. - O carteiro veio? - continuou olhando fixamente a carta branca que sobressaía sobre o bolso do avental de sua mãe.

- Sim, querido!

Isso era típico em Cyril: se aproximava das coisas sempre obliquamente. Não havia nenhuma comunicação direta entre mãe e filho, mas, por sorte, havia uma diferença em que era desigual à sua tia, pois se comportava com a rigidez de um autêntico varão.

- - Olá, mãezinha! - ouviu Lucy atrás dela, e voltando-se viu sua filha trepando pela parte posterior da parede. Com um último esforço da menina, para escalá-la,

enganchou a perna que balanceava verticalmente enquanto ela procurava no bolso um punhado de conchinhas.

- Oh! - disse com desagrado. - Apertei-a ao tentar escalar a parede. Tinha uma madrepérola e um caracol amarelo e um outro pequeno encarnado como um leque. Eu os havia escolhido especialmente para você, minha querida mamãe. Mas não importa - acrescentou arrojando os fragmentos ao vento. - Há muitos outros mais. Procurarei os melhores amanhã. Agora estou faminta. Que há para comer?

- Salada, queijo cremoso, pão preto, manteiga, mel, leite, torta e frutas! - respondeu Lucy.

- Magnífico! Você sabe mesmo escolher os melhores pratos! - exclamou Arma enrolando-se como um cachorrinho junto de sua mãe, no alto da parede. Notando por sua vez a carta do bolso, perguntou:

- Você tem uma carta; de quem é?

- De tia Eva - respondeu Lucy, tratando de manter em sua voz algo de aborrecido.

- Oh! Que é que ela quer? •

- Ainda não li. Tinha as mãos sujas - explicou a mãe com dificuldade, sob o fixo olhar de Cyril. - eu a lerei enquanto comermos.

A carta não era muito longa, dizia apenas que todos estavam bem, e que ela pensava em viajar para "Gull Cottage", no dia 10 de agosto.

Anna estrilou:

- Mas ela não pode vir, não temos dormitório.

- Eu lhe escreverei que não temos quarto disponível - acrescentou Lucy, mesmo sem nenhuma esperança real no coração.

Essa situação não desanimou Eva Muir. Voltou a escrever que podia dormir em um divã na sala se fosse necessário. Chegaria pelo trem que se detinha em Whitecliff, às 5:45h da tarde.

"Isso é terrível" - pensou Lucy enquanto estava se vestindo na noite posterior à recepção da segunda carta.

- Escreva-lhe dizendo que você está com varíola! - ouvia o conselho do Capitão Gregg.

- Isso de nada serviria. Ela virá e me manejará. Nada pode desistir Eva quando toma uma determinação. Agora me arranjo sozinha e por mim mesma. Isso atrapalha tudo. Terei de fazer o que ela diz porque senão haverá choque.

- Você nunca se interessou em entrar em choque comigo! - disse o Capitão Gregg.

- Mas com você é diferente, não posso vê-lo pôr-se ruborizado e feio pelo aborrecimento. Ante Eva não terei mais do que ceder e tomar a ser a "pobre pequena Luc'", assim tão débil, tão pequena e tão tola.

- Deixe-a por minha conta, querida. Deixe-a aos meus cuidados! Disse o Capitão Gregg. - Houve uma ocasião em que tive passageiras como ela a bordo de

meu barco e me arrumei muito bem com elas. Nenhuma mulher tentou manejar o meu timão.

Lucy respondeu:

-Não! Você deve prometer-me que nunca falará com ela. Deve prometê-lo. Ela me arrastaria desta casa imediatamente se soubesse a seu respeito. Quanto a isso não há dúvida. Pôr-me-ão numa casa de saúde, visto que não há fantasmas.

-Mas ela acreditará em mim—assegurou o Capitão.

-Não, ela não deve de nenhum modo saber a seu respeito! - protestou Lucy.

-A demoníaca influência de uma mulher entrando em minha casa, sem pedir permissão - resmungou o Capitão.

-Está claro, ela pensa que essa casa é minha, e sempre considerou o que é meu, é também dela.

- Bom, está na hora de que ela saiba que está equivocada - afirmou o Capitão.

- Não, você deve prometer-me não estar perto de mim até que ela se tenha ido embora.

-Eu não farei tal coisa! — replicou o Capitão.

-Oh! Deus meu! Que poderei fazer! — gemia Lucy.

-Você não fará nada. Deixará tudo entregue a mim! - dizia Gregg com um súbito riso mal disfarçado.

Capitulo-4 Tia Eva

- O que você tem a fazer é começar a criar galinhas. Há muito espaço nos fundos, e também pode vender ovos! - dizia Eva a Lucy.

-Eu nada conheço relativamente a galinhas.

- Ah! mas poderia aprender, minha pequena. Você bem que poderia aprender! - assegurava Eva.

Não havia 24 horas que estava em casa e já se havia acostumado à forma de viver de Lucy, à sua inteira satisfação, ou, mais ou menos o que a sua imaginação sugeria, uma vez que, "a querida pequena Lucy", para sua surpresa mostrou-se obstinada a seguir seus conselhos.

Obviamente queria animá-la a frequentar clubes.

Sua atitude era própria e adequada quando do luto de seu defunto marido, todavia mesmo dentro do luto, teria direito a ser feliz. Estava mal que vivesse como uma prisioneira. As pessoas pensariam que isso era ridículo. Além disso, não havia muitos divertimentos para as crianças no seio desta fantástica casa.

- Você deveria sair e fazer amigos, jogar tênis e golfe, associar-se a um clube de bridge. O que tinha em primeiro lugar a fazer era retomar à casa. As crianças não tinham uma sala para se dedicarem aos deveres colegiais. Lucy devia saber que era essencial para os filhos ter um lugar próprio, assim como cada um

tinha o seu dormitório. Resultava um pouco saudável, pois que obrigava-as a estarem muito tempo onde dormiam.

Foi uma egoísta "querida Lucy" haver escolhido para ela o melhor dormitório da casa, esse deveria ser o quarto para deveres escolares. Lucy e Anna poderiam compartilhar do dormitório de trás e...

- Essa maneira de mobiliar a sua casa... O que faz aqui e que serventia tem esse telescópio tão grande? — perguntava Eva penetrando no quarto particular de Lucy, sem bater na porta.

—Aprecio olhar as estrelas! - disse Lucy debilmente.

Nunca lhe ocorreu olhar as estrelas em Whitchester. Deixe isso ao cuidado dos astrólogos, minha querida. Indubitavelmente não desejo a você passar por uma excêntrica. Pensa que está bem manter este grande retrato de um homem estranho em seu dormitório? Não seria melhor, de mais bom gosto, ter uma ampliação daquele excelente retrato de galeria do quadro de Edwin? Por que tem apenas quadros de barcos nas paredes e fotografias em miniatura das crianças? O que foi feito do meu valioso retrato, tomado no último Natal, que lhe dei de presente com uma moldura de prata entalhada? Por que havia você de dormir nessa singela cama de ferro? O que sucedeu à bonita cama de bronze, com que o tio Henri a presenteara como recordação de bodas?

Lucy só podia mover a cabeça. Sempre havia odiado essa cama de bronze decorada com obesos anjinhos dourados. Vendera-a a um comerciante de objetos de segunda mão, por uma soma módica, mas a dor de cabeça causada pelas constantes palavras de Eva não lhe permitiam dizer nada.

-Vá! Vá! — continuava Eva batendo nas costas de Lucy.-Você deve sair, fazer uma outra vida, minha querida, passear. Edwin não gostaria que você fizesse esta vida. Pelo que vejo tudo isto é muito seu. Não, não me agradeça. Conheço qual é o meu dever e nunca me engano. Se você não se aborrecer, tirarei o divã da sala de jantar e o colocarei no dormitório de Anna. A mim nunca agradou dormir no mesmo cômodo onde se come.

Lucy disse que não se importava. Importava-lhe muitíssimo tanto quanto a Anna.

- A tia ronca muito - protestava a menina. - E impregna o cômodo com o perfume do dentifrício e de seu creme; faz-me perguntas de aritmética quando estou me vestindo. Isso é desagradável! Por que teria de vir aqui? Éramos tão felizes sem ela.

"Estava certo!" pensava Lucy. O único que se mostrava contente era Cyril, visto que Eva e ele mesmo apreciavam colecionar insetos e plantas, andavam juntos por vales e montes em tomo de Whitecliff, com uma rede verde para caçar mariposas e uma botelha de cianeto de potássio mortal, armadilhas para caçar cardeais, canários, e colecionar cascos de tartaruga. Todo fugaz encanto que perpassava sob as pétalas das flores ao sol, era trazido à casa

triumfalmente, e suas frágeis asas eram estendidas em dura crucificação sobre tábuas, com especificações para a fúnebre coleção. Da mesma forma juntavam flores, que amassavam entre papeis secantes em uma prensa de madeira etiquetando os despojos murchinhos com nomes em latim.

- Este garoto é muito vivo! - disse Eva logo ao chegar de uma dessas expedições. - Posso dizer-lhe Lucy, que me apraz muito a vivacidade e é isto que falta a você. Não há em você nenhuma vivacidade.

-Eu a possuo para realizar o que me faz falta, ao que me é relativo!

- defendeu-se Lucy. - Mas prefiro atender as coisas que tenham vida.

- Tenham vida! Você fala como se eu fosse uma criminosa... - replicou Eva.

-E você por acaso não é isto?

- Mas, minha querida, trata-se de umas poucas flores e insetos. Onde está o seu sentido de avaliação? Ademais, pense no muito que Cyril está aprendendo - enfatizou Eva.

- Parece-me que poderia aprender muito mais nos livros, sem necessidade de destruir tanta beleza! Oh! eu sei que é necessário aos cientistas destruir vidas para preservar outras. O que não posso entender é que seja necessário que as crianças façam necrotérios com ovos de pássaros, mariposas e...

-Eu vou lhe ensinar a fazer algumas tapeçarias! - interrompeu Eva.

- Tecer é magnífico para os nervos. Penso que você deveria tomar um tônico, pois não me parece muito bem. Ontem escrevi a Helen a seu respeito. Disse-lhe: "a querida Lucy não se acha muito bem, e eu estarei aqui até que ela se restabeleça".

* * *

-Eu não posso suportá-la mais, eu não posso suportar - gemia Lucy essa noite sobre os travesseiros e, erguendo sua cabeça, olhou o retrato do Capitão que fixava um olhar sardônico sobre ela, através dos seus olhos iluminados por um raio de luar que se filtrava pela janela sem cortinas, exclamou:

-E você não me ajuda de modo algum! Disse-me que deixasse Eva a seu encargo, e, não obstante, você ficou uma semana sem aparecer.

-Sim. Lembra você de nossa última conversa na qual me implorava que não me acercasse de você, até que essa mulher se fosse? - ouviu-se a voz do Capitão.

- Mas você me disse que ia fazer alguma coisa! - defendeu-se Lucy.

- Pequena criatura teimosa - acrescentou o Capitão com um riso abafado. - Mas se você me pede, amargamente, não obstante eu a auxiliarei depois de tudo.

- Mas o que fará você? - ocorreu a Lucy perguntar, algo temerosa, pois desta vez ela havia forçado a situação.

-Não se preocupe, isso é coisa que me pertence.

- Você deve dizer-lhe - disse Lucy, calando-se abruptamente e caindo pesadamente sobre a cama, no momento mesmo que ouvia o ruído de uma porta que se abria e os passos calçados de chinelos que se aproximavam.

- Você se encontra bem? - perguntou Eva entrando no aposento.

- Perfeitamente bem, muito obrigada - respondeu Lucy cobrindo-se com o lençol até o queixo e dali espiando a figura de Eva, que vestia um roupão rosa pálido. Seu cabelo caía-lhe em uma trança atada com uma fita branca. Seu rosto estava untado com creme que brilhava pa- lidamente à luz da lua. Seus olhos esquadriavam todo o cômodo.

- Pareceu-me tê-la ouvido gritar...

- Eu? Você? - repetiu Lucy nervosamente enquanto sentia a presença do Capitão, quase que como um moderador. Estremeceu sob as roupas da cama, desejando que ele não interviesse na conversação.

- Deve ter tido um pesadelo! - disse Eva sentando-se aos pés da cama.

- Não, não, eu não tinha ainda adormecido.

- No entretanto, ouvi claramente que você gritava - insistiu a cunhada. — Seja-me sincera, eu escutei gritos duas vezes.

- Deve ter sido sua imaginação. Você sabe que há vozes como as de Jeanne D'Arc - sustentou Lucy timidamente.

- Minha querida menina! O que ocorre com você? Posso assegurar-lhe que eu tenho uma imaginação completamente sob meu controle. Vozes! Francamente, que coisa. Na realidade, Lucy, estou preocupada com você. Deveria fazer uma viagem, um cruzeiro.

- Um cruzeiro?! - disse Lucy.

- Sim, há muitas pessoas que partem num cruzeiro, onde há grandes diversões. Estou certa de que lhe fará muito bem. Deixe de pensar estas coisas sem sentido. Poderia ir às índias, às ilhas gregas, onde encontrará as pessoas mais agradáveis. Você se divertirá muito! - insistia Eva.

- Diga-lhes que vá ela num cruzeiro e que o navio aíimde! - rugiu intemamente o Capitão Gregg.

Lucy fechou os olhos, esperando que o pandemônio se instalasse sob sua cabeça. Mas tudo estava tranquilo. Abriu os olhos para voltar a ver Eva, ali, assentada placidamente, como se fosse surda.

- Está claro que é surda, espiritualmente surda - explicou o Capitão. - Ela não pode ouvir-me porque sua pessoa está em suma concordância com a Terra. Se você tem algo que dizer-me, não precisa fazer mais que pensá-lo. Não necessita falar-me gritando, eu posso interpretar seus pensamentos. Não faça nenhum disparate em nenhum destes malditos cruzeiros.

- Eu não o farei! - começou dizendo Lucy em voz alta e se calou repentinamente.

- Minha querida Lucy, você não pode dizer-me se o cruzeiro lhe agradará ou não, até que o tenha feito! - respondeu Eva. - Não creio que seja muito conveniente falar no tom que você estava usando quando estou tentando ajudá-la.

- É muito amável de sua parte, Eva, porém não necessito de nenhuma ajuda.

- Isso está bem! - afirmou o Capitão.

- Eu estou perfeitamente bem e me sinto muito feliz - prosseguiu Lucy fortalecida pelo estímulo do Capitão. - Tudo que desejo é que me deixem sozinha para viver a minha vida, como eu quero e não como outras pessoas consideram que será melhor.

- Agora faça o que lhe parecer melhor, minha senhora! - exclamou o Capitão triunfalmente.

- Francamente, Lucy, eu não posso dar-me conta do que tenha ocorrido ultimamente. Você era tão doce, uma pequenina coisa. Lady Smythe sempre me dizia: gosto muito de sua cunhada. É uma doce coisinha. Duvido que agora possa dizer-me o mesmo.

- A que demônios posso importar, o que a Lady pensa, ou não pensa! - bravejou o Capitão Gregg. - Continue Lucy, diga-lhe isso a ela.

- É a mim realmente não me interessa o que Lady Smythe possa dizer a respeito de minha pessoa. A mim não interessa o que possam dizer de mim - continuou temerariamente Lucy. - Porque a maioria dos boatos representam o demônio na mente das pessoas e que vão emergindo à superfície.

- Esplêndido, eu não sabia que você tinha tanto interiormente, minha querida! - Manifestou Gregg.

- A mim? Está me acusando de ter uma mente endemoniada? - perguntou Eva agastada.

- Isso é típico das mulheres! - grunhiu Gregg. - Reduzem tudo à parte pessoal e é melhor que nos desfaçamos dela. Já está começando a aborrecer-me.

- Porque se você pensa assim é melhor que o diga claramente - continuou ela, levantando a voz. - Quer dizer que apreciam as coisas caras e duras.

Eva se interrompeu repentinamente e ajustando-se melhor aos pés da cama, acrescentou mau-humorada: em uma noite calorosa desta? Estou congelada até os ossos.

- Sou eu, senhora, e desejaria que fosse um ciclone! - disse Gregg.

- Oh! Querida - acrescentou Lucy tratando de ocultar misteriosamente seu riso.

- Não vejo por que você ri quando eu estou me congelando até sentir-me morrer! - exclamou Eva. - Não há razão, e oxalá você não pense que não tem senso de humor, e sim que tenha uma mente destrambelhada.

ÕSE Não estou rindo de você! - disse Lucy debilmente, enquanto outra sacudidela de riso a acometia.

- De que esta rindo, de quê?...

Lucy não pode responder.

- Histeria! - declarou enfaticamente ela. - A primeira coisa que farei amanhã será levá-la ao médico. - Ergueu-se muito tesa, e saiu do aposento fechando estrondosamente a porta atrás de si.

Na manhã seguinte, Eva não levou Lucy ao médico. Este, entretanto, veio para examinar o estado da própria Eva. Não podia manter a cabeça em pé nem girá-la. Não estava acostumada a ficar enferma e disso resultava uma impaciente e desagradável inválida.

- Essa correnteza de ar deve ser terrível no inverno! - queixava-se Eva
- Não percebo nenhuma corrente de ar, pelo contrário, sinto-me realmente muito bem - disse Lucy, gentilmente.

- Não é preciso exceder-se - Lucy disse essa noite ao Capitão. - Não quero tê-la prostrada na cama.

- Este é o agradecimento que recebo pelas moléstias de que me encarreguei - disse ele com ar zangado. - Mas não se aflija, minha querida, eu a tirarei daqui em um menor tempo do que canta um galo.

O peito de Eva se encontrava melhor no dia seguinte, mas sua constituição física parecia sofrer muito. Certamente saiu com Cyril para caçar mariposa, porém quase não se mantinha em pé e não conseguia curvar-se em busca de raízes, através dos campos e colinas. Finalmente, caiu em um arroio, regressado à casa completamente empapada até os olhos.

V&zeâ na ctu a

-Você estava com eles? — perguntou Lucy assustadoramente ao Capitão quando ele foi visitá-la à noite.

-Fiz isso sim, puxei-a para dentro do arroio. É uma coisa desagradável para um cavalheiro ter que fazê-lo, mas não há damas nem cavalheiros depois da morte...

-Apenas santos e anjinhos! - disse Lucy severamente - e parece que o céu não se preocupa muito por você, apesar de estar vivendo ali durante doze anos.

- Insisto em dizer-lhe que nesta vida não há tempo. Não sou um espécime perfeito para o mundo do mais além, pois a metade do meu tempo eu o passo aqui, mas não discutamos acerca disso, nosso trabalho no momento é o de fazer Eva ir-se, para que a casa fique em paz novamente.

Eva estava conformada, era de uma fibra muito dura e isso tomou 'dez dias a mais para desalojá-la. Até que enfim se foi!

- Você está louca permanecendo numa casa exposta a grandes frios no inverno! - dizia Eva depois da ceia, quando ela e Lucy estavam sentadas no living junto ao fogo. Apesar do Capitão não deixar escapar chamas, pois estava muito bem aceso, uma inexplicável coluna de fumaça se foi erguendo dirigindo-se para o rosto de Eva, onde ela estava sentada, fazendo-a tossir e derramar lágrimas. Tinha um reumatismo nos joelhos, um forte resfriado na cabeça e estava muito aborrecida consigo mesma e com a vida.

- Olhe-me — dizia Eva com enfado. - Doem-me todas as partes do corpo e em casa nunca estive enferma.

Lucy não disse nada, mas seu silêncio foi tão significativo que alcançou a

própria insensibilidade de Eva.

— Sim, voltarei para casa e permanecerei lá! - exclamou Eva - Mas terá que me convidar se quiser que eu os visite novamente nesta casa. E se todos vocês não morrerem de pneumonia neste inverno, não me deixem a culpa.

—Este lugar é mais apropriado para nós e permaneceremos aqui - disse Lucy, complacente, enquanto uma nuvem de fumaça envolvia sua cunhada Eva.

-Espere! Espere! -diziaEva tossindo.-Enquanto isto procurarei apartamentos baratos em Whitchester.

- Para quem? - perguntou Lucy.

- Para você, quando desanimar de suas buscas! - replicou Eva.

- Estou muito bem instalada - respondeu Lucy estranhamente.

- Egoísta, completamente egoísta. Isso não é mais do que você chegaria a ser! - espetou Eva.

- Por quê? - perguntou Lucy, amparando-se no travesseiro que estava remendando para esconder suas coradas maçãs do rosto.

- Por que sou egoísta? Por que depois de tudo estou vivendo como quero?

- \bcê sempre viveu como quis.

- Não, eu vivi como Edwin queria que eu fizesse, e sua mãe, você e Helen. Agora, por fim, vou ser eu mesma.

-Apesar da saúde e felicidade dos seus próprios filhos! - disse Pacaloradamente Eva.

—Por essa mesma causa. Eu quero que eles cresçam com um verdadeiro sentido das coisas.

- Estamos muito bem aqui e nos sentimos muito felizes quando estamos sozinhos.

- Quando estão sozinhos? Já percebo, sensível como sou. Posso tomar uma indireta muito melhor do que qualquer outra pessoa. Você quer que eu me vá embora, não negue. Você quer desfazer-se da irmã do seu próprio marido, não o negue, é o que digo...

Lucy não disse nada, sentada com seu cerzido. Seus dedos tremiam tanto que a agulha lhe caiu das mãos.

- E não negue! - gritou Eva pela terceira vez, perdendo todo controle.

—Eu não estou negando - respondeu Lucy serenamente.

Por um momento, Eva olhou fixamente a cunhada com surpresa, com a mesma surpresa que esta teve ao notar que encontrara coragem suficiente para dizer tão agravantes palavras.

— Sinto muito, Eva, falei impulsivamente, mas esta é a verdade« Você não pode viver como vivem as outras pessoas. Volte para su casa e faça algo de útil para você mesma.

— Oh! ir-me-ei - disse Eva juntando os seus bordados, e pondo-se em pé. Pisando fortemente dirigiu seus passos para a porta e dali acrescentou - Ir-me-

ei amanhã pelo primeiro trem.

— Eu não queria dizer isso - conjecturava Lucy para consigo mesma, recostada no parapeito da janela, na noite seguinte, enquanto olhava as luzes de Whitecliff, que se assemelhavam a uma abóbada bordada como se fosse uma coleção de pirilampos com sua luminosidade lucilante que faziam vir à casa, de um ponto muito distante, o perfume da madressilva, das rosas e da lavanda, na brisa do verão em meio a vigorosa maresia que chegava do mar. Mas um sentimento adverso ameaçava sua felicidade com obscuros limites, parecendo querer colocar o colorido de sua paz em um severo litígio.

— Por que se sente abatida? — ouviu-se a voz de Gregg.

— Bom, ela se portou bem e eu a feri terrivelmente. Deve ser muito penoso não servir-se necessariamente para nada. Ela intenta ser amada — asseverou Lucy.

— Não duvido! p replicou Gregg. — Ela só deseja sua própria conveniência a qualquer custo. Esta é a razão pela qual nunca será necessária para nada. Deus nos ampare! Que mulher!

— Pobre Eva! — lamentou-se Lucy.

— Não se ponha sentimental agora, Lúcia! — animou-a o Capitão. - Você não acentuou esse "pobre Eva" enquanto ela esteve aqui. É inteiramente superficial e falso dizer isso, agora que ela se foi embora.

— Meu nome é Lucy! — disse ela.

— Depois de ontem, chamá-la-ei Lúcia! — replicou firmemente Gregg.

— Lucy é um nome que não tem entranhas. Lucy não teria tratado essa mulher como Lúcia o fez. E eu estou orgulhoso disto.

— Se você não tivesse enfraquecido os joelhos de Eva e o seu estado de espírito, eu nunca teria sido capaz de enfrentá-la — dizia Lucy. - Temo que Cyril estranhe a situação. Ela era muito boa para com ele.

- Se essa mulher tivesse permanecido muito tempo aqui, teria feito Cyril um pedante mal-educado, e de Anna uma revolucionária - acrescentou o Capitão. - Cyril é um pequeno pedante por natureza, mas ainda não chega a ser um mal-educado.

- Por favor, lembre-se de que Cyril é meu filho.

- Oh! não, não! Não é seu filho, é filho de Edwin, de modo algum filho seu. Não estará querendo mentir-me, minha querida, mesmo que seja por lealdade. Cyril a aborrece e você sabe muito bem disto.

- Ele é meu filho, e eu o amo! - protestou Lucy.

- Você não pode deixar de amá-lo. As mães são curiosas. Porém, você não ama Cyril como ama Anna.

- É pouco conveniente ter favoritos na família! - sentenciou Lucy.

- Ora, não seja tão tola! Se você se põe a falar como um borrador velho e fora da moda, eu me vou! - sentenciou Gregg.

- Para onde? - perguntou Lucy com interesse. - Penso que você poderia contar-me algo de sua outra existência.

- Cresça um pouco mais e quiçá o faça.

K- Pelo menos poderia dizer-me se existe ali um estado de felicidade! -insistiu Lucy.

- Isso depende do indivíduo. Se um homem viveu na Terra somente pelos seus desejos terrenos, de ambição, de posses, bebidas e mulheres, de início tem um termo infernal, pois não encontra meios para satisfazer as suas luxúrias. E aí está algo em que você pode pensar Lúcia. Já ouviu alguma vez falar de um fantasma feliz?

- Não! - contestou Lucy.

- Não? E por quê? Porque somente os infelizes retomam à Terra como fantasmas. Eis uma nova ideia para você cogitar. As almas que retomam estão prisioneiras ao seu estado antigo de vida e como viveram na Terra. De resto, uma percentagem considerável não deseja retomar nunca mais do Além.

- Mas isso não será um egoísmo? Quero dizer: quando eles vêem seus parentes e amigos chorando, sangrando os seus corações por uma palavra de conforto, não pensa você que poderiam voltar, mesmo que seja uma única vez, para dizer-lhes que tudo está bem?

— Para quê? - perguntou o Capitão. - Quando todos desejam é salvar sua própria fé, isso me fere todas as vezes em que observo esses espetáculos. Todos esses hipócritas cantores de salmos, que passam a metade das suas vidas nas igrejas, implorando a Deus todo poderoso que lhes conceda asas como as das pombas, para voar até o paraíso, e quando seus amigos obtêm essas asas, se uniformizam com roupas negras e se referem ao morto como "o pobre ou a pobre"... Isso não faz sentido, e logo arrastam-se de volta cada poucos minutos para secar suas lágrimas... Bem, minha querida, pense nessa confissão. Outra vez vem ao caso a questão do tempo. Recorde- se do que lhe disse antes. Não alcanço nem sequer tentar colocar tudo isso em linguagem terrena, porque não há palavras.

— Justamente acaba você de dizer que só os espíritos infelizes retomam. Então você é infeliz.

-Não tão infeliz, quanto aborrecido. Sempre considerei que o suicídio em sua generalidade era o fim mais covarde que um homem poderia escolher para si próprio. Estou ressentido e continuo ressentido, pois fui qualificado de covarde, e também me ressinto que esse tipo de América do Sul possui o que eu pensava doar aos honestos capitães e, também, sou um estúpido idiota e pouco evoluído quanto às coisas do mais além, apesar de que a você possa parecer tudo isso muito bem.

—Devo dizer-lhe que você não parece nenhum infeliz, nem mórbido e muito menos sobrenatural. Não sinto nenhum arrepio quando você me visita.

— Bem, você vai senti-lo de pronto se não se meter na cama. Está caindo uma chuvinha no mar, e logo poderá chegar um barco através da névoa do norte do Canal - disse o Capitão, enquanto Lucy, obediente, se aproximava das janelas abertas. — Para você há fantasmas que aparecem nos barcos e que geme suas sirenas, e você vagando pelo nada, como se estivesse à margem do mundo. Anima-se agora e lhe contarei quando um barco a vapor nos extraviou na névoa, fora do *The Nore*, quando eu era um grumete de navegação.

-Animar-me? Se ainda nem me desvesti?

- Bom, desvista-se, isso não me preocupa.

- Estava pensando precisamente em mim. Você pode ir embora, por favor? - exclamou Lucy muito tesa.

—Não há nenhuma necessidade de que me vá embora - replicou Gregg. - A vestimenta ou sua escassez não significam nada para mim - deixou escapar um riso abafado e em seguida um longo silêncio se fez.

Lucy se desvestiu tranquilamente.

- Você tem os ombros muito bonitos! -disseentom natural Gregg. - E uma delicada figura.

-Oh! Deus!-exclamou Lucy, tomando de sua camisola e pondo-a em sua frente.

- Você ainda está aqui, pensei que já se tivesse ido embora.

-Você não usa roupas apropriadas! - continuou o Capitão imperturbável. - Roupas em demasia! Ninguém poderia imaginar que você é uma "Vénus de Milo" em miniatura, com toda essa roupagem... Não há necessidade de que se ponha corada.

- Você é um odioso! - acrescentou Lucy, levando suas mãos até o rosto ardente, motivo pelo qual deixou cair a camisola, levantou-a rapidamente e vestiu-a.

- Vá-se embora homem horrível! Vá-se! - ordenou ela.

- Bem, bem, Lúcia, controle-se - disse Gregg com doçura - não é necessário semelhante rabugice; os corpos são corpos que significam pouco para mim! Demônios! Como já lhe disse antes. Todas essas tolices acerca da nudez é de qualquer forma uma maldita idiotice.

- Você vai-se embora? —interrompeu Lucy erguendo o tom de sua voz.

- Maldição. Não! Mas me perei de costas como você pediu.

Produziu-se então um outro silêncio. Lucy apagou a luz e acabou de desvestir-se. Colocou sua velha camisola fora de moda, com borda- dinhos no decote e nos punhos, e ficou mirando as estrelas e o brilho da lua, que se refletiam sobre as obscuras águas, até que pareceu formar-se parte de algo muito maior do que sua própria pessoa, onde não havia lugar para um falso orgulho, nem falsa modéstia, nem falsas imaginações.

— Boas-noites! - disse gentilmente, lamentando-se por ter sido ríspida.

— Oh! Lúcia! - contestou temamente o Capitão. - Você é tão pequena e

adorável! Como me daria gosto de levá-la à Noruega para ver os fiordes e o sol da meia-noite; à China!... O que perdeu por nascer tão tarde: viajar através dos sete mares comigo! E o que perdi eu também.

Capítulo 5 A aposta

O verão se encaminhava para o outono, o outono para o inverno, e a vida transcorria em paz em *"Gull Cottage"*

As crianças eram felizes na escola. Cyril se destacava como o primeiro de sua classe, com distinções em latim, e queria um microscópio como presente de Natal. Anna fora a última nos exames, mas dançou como solista na festa de final de cursos, e desejava que lhe comprassem uma vitrola.

O dia de Natal foi o mais feliz que Lucy passou desde que era menina. Nada malogrou: começou com meias cheias de presentes feitos em casa e continuou com o peru, pudim de frutas secas, fogueirinhas, pequenas representações de assuntos natalinos, castanhas rachadas no fogo ao ar livre, depois de uma ceia satisfatória e as reluzentes estrelas de lantejoulas na árvore de natal, estendendo seus ramos como nos contos de fadas. Parecia haver um mágico poder de transformar tudo, inclusive converter a tarefa de lavar pratos em delicioso romance.

O inverno despertou de sua letargia, brotou a primavera uma vez mais, e Lucy comprou um cachorrinho. Pouco depois de casar-se havia expressado veemente desejo de ter um animal em sua casa. Edwin a havia presenteado com um Pomerânia de pedigree. Mas, essa pequena criatura comprada casualmente de um homem no mercado de rua, era apenas um cão metade Sealyham e metade Terrier, além disso, era um companheiro muito divertido. Com Tags, como ela o chamou, caminhava até ao campo depois que estavam cumpridas as tarefas de casa. Lucy voltava para casa com o rosto resplandecente para ouvir as coisas que as crianças tinham a contar e trocar com elas as suas.

Quase todas as noites ela recebia a visita do Capitão Gregg, que lhe contava façanhas no mar durante sua própria juventude.

—Você é velho agora? — perguntou Lucy uma noite, após o relato de uma particular e agitada viagem através dos mares do Sul.

— Para nós não há envelhecimento nem juventude. Ah! a juventude, sem idade, sem tempo, sem peso e sem fundo... Apenas a imortalidade, ante a eternidade e a visão de cada vida.

—Isso parece espantoso e pouco claro! - disse Lucy.

— Porque como já lhe disse várias vezes, eu não tenho palavras para fazê-la entender - explicou Gregg.—E toda beleza, serenidade e nobreza, como você tem experimentado na Terra. É o maior e mais generoso em sentimentos como o mais encantador pôr-do-sol, como a música mais sublime. Você está apenas no limite

do entendimento.

— Não entendo por que o deixa, se é tão maravilhoso! - exclamou Lucy.

— Também a este respeito lhe dei resposta. Eu sou um tonto de cabeça dura e odeio deixar as coisas pela metade.

—Mas não é assim! Você já declarou tudo, eu já fiz este testamento beneficiando aos seus velhos capitães do mar. Não acredita em mim?

—Não de todo. Você é tão jovem...

—Jovem? — repetiu Lucy. — Tenho trinta e quatro anos.

—Em anos talvez! Em experiência tem apenas cerca de dezessete. Não parece ter muito mais quando brinca com Arma, ou com este ridículo cãozinho. Suponha que você volte a se casar.

—Eu não penso em um novo matrimônio.

—Alguém pode pensar em casar-se com você, apesar de tudo. É realmente muito bonita.

—Oh! - disse Lucy enrubescendo. - Sou mesmo?

—Não seja tão recatada! Condenação! Você deve saber que tem cabelos ondulados naturalmente, olhos tão azuis como mar em calmaria, orelhas como... pequeninas conchas rosadas. Seguramente deve ter um sentimento de prazer ao fitar sua própria figura, de cada vez que se olha no espelho.

—Não! - acrescentou Lucy honestamente. Geralmente me aborreço em me olhar no espelho e não ver meus cabelos muito bem tratados. E ademais nunca gostei de meu nariz.

- E um bonito e pequeno nariz! O que há de mais com ele?

- Há sardas - disse Lucy.

- São sete sardas exatamente, e eu as aprecio - afirmou o Capitão.

- Quanto a mim, sempre gostei de nariz aristocrático, romano como era o de meu pai.

-O qual estaria deslocado em seu rosto pequeno, como poderia estar a tromba de um elefante na cara de um mico. Mas, como estava dizendo, alguém pode, dentro de muito pouco tempo, desejar casar-se com você. Muito depressa e como você não é muito susceptível...

—Não! Não sou! - protestou Lucy.

—Como pode saber? - perguntou Gregg. - Com que homem você tem se relacionado desde que enviuvou?

- O senhor Coombe...

—Um bacalhau com consciência!

- O doutor Hamer...

- Casado, com a sua profissão, uma esposa e quatro filhos.

- O vigário e o cura...

- Um celibatário, o outro um adenóide sem identidade.

- Ora, não seja tão crítico! Você era bem parecido!
- Talvez eu não fosse muito bem parecido! - disse Gregg com risinho abafado.
- Mas eu podia sentir a minha personalidade, não só com uma boa prosa, mas também como um bom cortejador. E isso pode acontecer com você.
- Você não poderá e eles também não poderão! - protestou Lucy.
- E o que você quer apostar?
- Eu não faço apostas! - replicou Lucy de modo altaneiro.
- Bem, eu sim. Minha fraqueza era o jogo. Aposto suas roseiras contra o meu pinheiro que você cairá pelo primeiro homem atraente que lhe demonstre admiração.
- Não se mostre muito espiritual, apesar de toda sua fina lábia. Deveria estar envergonhado de sua pessoa — contestou acaloradamente ela.
- Mas, maldito seja! Minha querida, mesmo os fantasmas têm direito de se divertirem. Eu realizo um bom negócio de paz ao estar aqui vigiando, cuidando de você e ajudando-a a sair das enrascadas.
- Não necessito de auxílio algum. Obrigada! Eu posso me manter sozinha, perfeitamente bem, e, confiar... completamente.

Capítulo 6 Miles

Havia algumas nuvens flutuando sobre o horizonte ocidental, quando Lucy saiu para dar a sua caminhada no entardecer do dia seguinte. Acompanhava-a seu cachorrinho Tags. Rumou para o caminho da colina, em direção a este, onde o Sol brilhava em um claro céu azul.

Seguiu sem impermeável e sem guarda-chuva. Tags corria sobre a relva curta, seguindo pelo olfato as trilhas dos coelhos, o focinho abaixado sacudindo a cauda que se movia como uma pluma. Grunhia com excitação sobre a pista fresca cavando freneticamente em cada toca com suas patas de Terrier, e os olhos chispando debaixo de seus ondulados pêlos de Sealyham, até que, repentinamente, desapareceu. Estava ali e de súbito, não estava mais. Nada se ouvia. Lucy correu até que viu o cãozinho que se havia precipitado em uma toca que desmoronara e tapara sua entrada.

(- Tags! Tags! - gritou ela, e colocando-se de joelhos cavou com mãos febris a terra que o cobria. Mas o animal se havia arrastado até certa profundidade. Lucy cavou quanto pôde e não chegou a alcançar o ponto em que ele se encontrava. Dando-se conta que seus esforços eram inúteis, levantou-se e correu descontroladamente, correu o que podia correr, alarmada com sua própria inaptidão e pelo horror de saber que Tags estava enterrado. Com a esperança de encontrar algum auxílio percorreu a colina já agora envolta por fortes ventos. Com desespero em sua mente, caiu nos braços de um homem que chegava pela trilha ascendente do vale mais abaixo.

-Venha, venha logo! - disse-lhe ela quando pôde pronunciar uma palavra e tomando o desconhecido pelo braço o arrastou em puxões até o local onde pouco antes estivera a cavar.

- Cave! - disse ela aflita, e o homem ante a urgência de sua voz, agachou-se sem perguntar nada e começou a afastar a terra para os lados. De súbito surgiu o flexível rabo de Tags e o salvador, enfiando os braços até os ombros, arrancou o pequeno corpo coberto de terra, começando a pressionar suas costelas de cima para baixo até que o animal tornou a respirar. Então, tirou do bolso traseiro da calça um frasco, abriu a boca de Tags e deixou nela cair umas poucas gotas de brandy em sua garganta.

-Aí está, velho amigo! - disse o homem quando Tags pode reagir. —Este é para você, um novo cão... Mas o que é que se passa? - disse dirigindo-se a Lucy. ^ Agora que você recobrou o seu cãozinho. Sente-se bem?

- Eu estou bem! - disse Lucy sentando-se bruscamente sobre a grama, certamente porque seus joelhos não a podiam sustentar. -Foi horrível... Sabendo que o cão estava ali e... eu tão inútil, tão estupidamente inútil! - disse levantando suas mãos sujas de terra num gesto de aborrecimento e incapacidade.

- Esse era trabalho para homem. Sinto-me muito contente por haver estado suficientemente perto. Não seria fácil encontrar um homem por aqui. E muito raro, realmente, - disse o homem, prosseguindo. - Seguia a caminho de minha casa lá embaixo e algo me fez mudar repentinamente de ideia e tomar por este caminho... Era como se uma voz me tivesse falado.

- Oh! - disse Lucy sorrindo. - Uma voz?

- Quero dizer que não era uma voz humana - assegurou o estranho.

- Estava pressentindo que você me diria isso! - disse Lucy com o rosto em chamas.

- Pressentia! - repetiu o homem. - Que pretendia? Não precisa ficar alarmada, eu não sou uma dessas pessoas lunáticas... Quero dizer que não me deixo levar por vozes... Mas seguramente você sabe o que dizer. Todas as pessoas experimentam essas repentinas intuições algumas vezes. Suponho que se trata de telepatia, embora o som fosse como a fala de um homem, que me dissesse: "Segue e dá a volta pelo alto da colina", me dizia a voz. Isto me produziu uma grande surpresa.

- Como era esse homem?... Digo, essa voz? - Lucy perguntou timidamente.

- Por quê?

- Oh! Olhe Tags... olhe Tags! - Lucy começou a rir quase que histericamente, à medida em que apontava o cachorrinho que se agitava sobre suas patas, sacudindo a terra acumulada em seus pés, e voltando à toca derrubada, afastando debilmente pequenos torrões.

- Realmente, você deveria tomar um pouco disto! - disse o homem tirando outra vez o frasco de brandy, pois Lucy seguia rindo imoderadamente. - Isso lhe

fará melhor do que qualquer outra coisa.

- Já estou completamente reconfortada. Muito obrigada. Estou perfeitamente bem.

- Certamente, é o que parece - acrescentou o homem admirado.

A brisa agitava seus claros cabelos sobre um rosto brilhante, e seus olhos azuis olhavam fixamente. Dava a impressão de ser uma dessas pessoas que não demonstram facilmente seus sentimentos.

- Muito obrigada por ajudar-me! disse Lucy chamando Tags, para se porem a caminho de volta. - Já tivemos suficientes caças de coelhos para o dia de hoje.

Negras nuvens começaram a se aproximar rapidamente, levadas pelo vento e começou a cair grossas gotas de chuva.

- Vai ser uma chuva diluviana - exclamou o homem. - Será melhor que venha à minha cabana e se resguarde nela até que passe a chuva.

- Não! Não! Obrigada! - disse Lucy quase violentamente.

"Me-do, me-do", parecia sibilar os ventos em seus ouvidos... (ou não era o vento?)

- Você vai se molhar até os ossos - insistiu solicitamente o homem.

- Gostaria que viesse, pois que estas chuvas de abril não duram muito, além disso, o susto que sofreu o seu cãozinho não toma conveniente que se molhe. Veja você como está molhado.

"Me-do, me-do..." sibilou o vento.

- O mesmo não acontece comigo! - insistiu Lucy.

- Ora, se aconteceu! Permito-me insistir em que venha comigo. Fica logo abaixo da encosta entre esse grupo de árvores.

Tomando-a pelo braço conduziu-a à parte mais baixa da colina. Havia uma pequena casa de pedra, que fora encravada sobre um formoso penedo recoberto de ervas, a meio caminho da colina, oculta por um pequeno bosque de álamos, que estendiam seus galhos retorcidos como braços em atitude de maldição ou de bênção.

- Nunca teria imaginado que houvesse uma casa aqui! - alegou Lucy, quando estava no umbral sob o resguardo do teto em palha e o estranho lhe abria a porta.

- Está bem oculta - replicou ele. - Por vezes gosto de ficar sozinho, junto ao selvagem e primitivo. A água é preciso trazer da distância de uma milha todos os dias, e meu banho é no mar, o qual é bastante frio nesta época do ano, porém me convém para o momento.

A porta se abria sobre uma sala de estar e outra porta aberta à direita mostrava mais além um dormitório mobiliado com simplicidade: uma cama, uma mesa e uma cadeira. A sala demonstrava maior atenção e conforto. Havia algumas almofadas no solo, cortinas de cretone nas pequenas janelas, um sofá estofado de crina de cavalo e uma poltrona colocada em frente à lareira. Um pedaço de

veludo vermelho se estendia sobre a mesa redonda, com um lampião de azeite ao centro. Uma mistura de livros e papéis, um jarro cheio de flores silvestres, com joios pontiagudos como se tivesse sido arranjado por um menino que recolhera as flores impacientemente. A impressão que Lucy teve ante aquela distribuição de coisas devolveu-lhe a confiança. Seus pensamentos se voltaram para o homem estranho que a havia auxiliado tão espontaneamente.

"Quem cozinhará para ele, varrerá o assoalho, remendará a roupa e lavará os pratos?" Perguntou ela de si para consigo.

Assentou-se na poltrona que estava colocada ao lado da sua. O desconhecido, de joelhos no piso, dava-lhe as costas enquanto colocava o fósforo nos gravetos para acender o fogo, por detrás das negras barras de ferro do pequeno fogão que havia num canto.

Ele era um homem alto, de ombros largos e provavelmente tinha a mesma idade que ela. Seus cabelos crespos caíam um pouco sobre suas pequenas e curiosas orelhas. Tinha vestido um paletó em lã de duas cores, de boa qualidade, calças bem talhadas de flanela cinzenta. Mas tinha um furo em uma das meias e seus sapatos necessitavam ser cuidados. Um sentimento maternal de piedade se apossou dela. Não tinha ninguém que cuidasse dele, vivia só neste pobre lugar?

-Creio que uma xícara de chá não iria mal - disse ele então.

Puxou uma porta que se encontrava na parte detrás e que conduzia a um pequeno aposento. Entrou ali, tomou um bule com água de um depósito e, regressando, colocou na trempe onde agora o fogo se mostrava vivo e fulgurante.

,T- Obrigada! O chá é uma de minhas fraquezas - disse Lucy. - Você mesmo faz? - perguntou ela enquanto ele ia e vinha pela sala levando um bule chinês de cor marrom, um par de xícaras de chá, um pão em uma pequena cesta, um prato de marmelada, um pedaço de manteiga amarela, açúcar e leite.

- Uma mulher do campo vem uma vez por semana fazer a limpeza e um pouco de comida. Quanto ao mais eu me arranjo muito bem - explicou ele.

Era cômodo estar na pequena habitação com o fogo trepidando na lareira, ouvindo a chuva que golpeava de fora contra o vidro da janela. Tags jazia aos seus pés, estendido em sono de cachorro esgotado. Esse homem havia salvado a vida de Tags. Um sentimento de gratidão fez com que Lucy se virasse para o estranho. Era ridículo pensar que o Capitão Gregg fizera tudo para que se realizasse o encontro... Ela não devia permitir que esse velho fantasma se convertesse numa obsessão... Talvez Eva estivesse com a razão... Talvez se estivesse convertendo em uma excêntrica... Afinal de contas, este fora um encontro perfeitamente normal, coisa que tinha que ser... E aquela voz, seria telepatia como havia dito o homem, numa explicação razoável. O débil sibilar do vento seria uma obra de sua imaginação.

-Há muito tempo está aqui? - perguntou Lucy.

-Quase uma semana! - foi a resposta. Seus olhos eram da mesma cor que seus

cabelos, castanhos; tinha uma fenda no queixo e usava um anel de selo no dedo mínimo da mão esquerda.

- É um lugar formoso. Como o encontrou? - perguntou Lucy.

- Encontrei-o através de um aviso publicado no jornal - respondeu ele.

C:- -E tão tranquilo... - acrescentou Lucy.

- A maior parte das mulheres diria que é muito solitário - acrescentou ele.

- Encanta-me a solidão - disse Lucy.

- Alguma vez já a experimentou?

- Sim, fico sozinha o dia inteiro, enquanto as crianças estão no colégio.

- Tem filhos? - perguntou o estranho arqueando as sobrancelhas com surpresa.

- Dois: um menino e uma menina. Eu sou viúva - e acrescentou apressadamente - O bule está fervendo.

"Por que teria ele interesse em saber se seu marido vivia ou não?" - "Você parece jovem demais para ser uma viúva.

Ele se ergueu e tomando o bule da lareira se pôs a preparar o chá.

- Há muitas viúvas ainda mais jovens do que eu.

- Eu não me refiro tanto a questão dos anos, mas sim, à experiência. Você não parece casada.

- Mas alguém pode ter o aspecto de ser uma pessoa casada?

- Definitivamente, como uma boa geleia! - respondeu ele.

- E eu não dou a impressão de ser uma pessoa de vida assegurada? - perguntou ela sorrindo.

- Você não parece, de modo algum.

- Isso não soa muito bem! - riu-se Lucy.

- Você é muito suave e doce.

- Você não deveria dizer coisas assim - disse Lucy ruborizando-se. - Nem sequer sei o seu nome.

- Meu nome é Miles Blaine e você é muito doce.

- Não seja absurdo.

- Não creio tampouco que você deveria falar-me dessa forma. Também eu não sei o seu nome.

- Meu nome é Mrs. Muir. E se este chá é para mim, por favor, coloque um pouco mais de água quente. Não o aprecio muito forte.

- Seu nome é Mrs. Muir e gosta de chá fraco... - disse ele seriamente. - Já começo a conhecê-la melhor, mas não tão bem quanto desejaria.

- Foi muito estranho como começou a chover. O tempo estava lindo quando saí de casa...

a Fui eu quem ordenou a tormenta ao profeta do tempo. E muito amigo meu. Talvez lhe peça que faça com que se inunde tudo. Então você não me deixará nunca.

- Penso que é melhor que vá embora agora! - disse Lucy indecisa.

- Não, você não pode ir porque está tudo alagado, e se eu tivesse um guarda-chuva não lhe emprestaria.

- Preciso ir-me - disse Lucy pondo-se em pé.

- Não, não me deixe! Tudo está tão bem, não deve assustar-se comigo.

- Eu não estou assustada.

- Demonstre-o, então, sentando-se e terminando o seu chá. Estou tão aborrecido aqui. Você me salvou de me arrojarem do alto da colina, no vazio.

- Se está tão aborrecido, por que se mantém aqui?

- Deus o sabe! - exclamou Mies lugubrememente.

- Por que você veio para cá? Devia saber que era muito solitário.

- Vim porque queria ter um pouco de paz e ter a oportunidade de conhecer-me a mim mesmo. Mas o pior do caso é que me conheço muito pouco e estou aborrecido.

- Sinto muito! - comentou Lucy.

- Prove-o então sentando-se e conversando comigo - implorou ele.

- Está bem, mas só posso permanecer por muito pouco tempo - disse Lucy sentando-se à borda da poltrona. - Que faz quando não se encontra aqui e se aborrece?

si- Vivo em Londres.

- Mas o que faz?

- Pinto um pouco, escrevo outro pouco, jogo golfe, cavalgo e também jogo bridge e pôquer.

- Não tem profissão?

- Mais ou menos. Comecei a trabalhar como advogado, mas os tribunais me deprimem.

- Ocorre-me que você não tem necessidade de trabalhar para viver.

- Não.

- Bom, e porque não trabalha para alguém?

- Se encontrasse alguém que valesse a pena, fá-lo-ia - disse Miles suavemente.

- Você poderia fazer tanto bem! - disse Lucy.

- Como e onde? - foi a resposta dele.

'- Poderia viver nos bairros pobres, ou até mesmo no parlamento - acrescentou Lucy seriamente, e se calou ao notar nos olhos dele um brilho que parecia esconder um sorriso.

- Você está rindo de mim! - disse ela então acusadoramente.

- Não o estou, lhe juro, você está me fazendo muito bem agora. Sinto-me um homem melhor.

Lucy não estava convencida:

- Você está rindo de mim intimamente, e eu acreditava que estivesse falando sério e me pedindo conselho.

—Jamais encontrei uma mulher como você.

- Sou apenas uma mulher como outra qualquer.

- Oh! Não! Não você, minha querida — disse Miles gentilmente, porém com tal convicção na voz que ela se levantou apressadamente de novo e atravessou o aposento, colocando-se em frente à janela.

—A chuva cessou! — exclamou Lucy dando as costas à sala e a Miles.

As nuvens, sem dúvida, se distanciavam mostrando um pálido e dourado céu a oeste. Os raios do Sol incidiam oblíquos formando um leve resplendor sobre as gotas que ainda pingavam na entrada recoberta por colmo. Na praia, embaixo, o mar chegava com encrespadas e verdes ondas, curvando-se como poderosas espadas de aço antes de se desfazerem em um agitado remoinho de espuma branca, que atraíam o pedregulho cinzento, até a sua oculta profundidade.

As gaivotas alçavam-se em vôo com suas grandes asas, usufruindo do vento que se assemelhava a um corcel. Além, à distância, uma desmaiada e suja coluna de fumaça negra, no horizonte, indicava a presença de um vapor que zarpava. Olhando para fora, a grande serenidade do mar e do céu fazia a pequena habitação parecer contraída e irreal.

- Temos estado falando de coisas sem importância - disse ela gravemente. Muito obrigada por salvar meu cãozinho e por sua hospitalidade.

Ele havia se aproximado à medida em que ela falava e olhando-a fixamente disse-lhe com igual gravidade:

- Eu lhe disse tudo o quanto lhe devia dizer até agora. Nunca falei a alguém como falei a você. Faz-me pensar na primavera e nos botões das rosas... Uma nova vida começa.

E olhou-o por um momento e seus olhos se encontraram frente a frente, com uma aparente honestidade, como a dar-lhes impressão de que se estabelecia entre eles um vínculo maior. Olharam-se até que Tags, assustado por seus sonhos, deu um salto rompendo o encanto. O cachorrinho correu para sua dona em busca de carinho, porém ela, no alvoroço de seu sentimento, tomou uma estranha decisão. Dirigiu-se rapidamente para a porta e a abriu antes que Miles pudesse impedir o rápido movimento. Lucy saiu para a frescura da chuva que molhava a noite e correu até a trilha da colina ansiosa de voltar ao seu âmbito familiar.

Capítulo 7 Desilusão

Ela pensou que seria fácil livrar-se de Miles Blaine, mas estava muito equivocada. Não foi difícil para ele saber onde ela vivia, e a chamou nesta e na noite seguinte. Ele a esperava em seus passeios pela praia, colinas e bosques, que não eram propriedades privadas. Lucy não pôde evitar os encontros e passou a pôr em dúvida se queria realmente evitá-lo.

O lugar favorito era uma pequena praia situada no baixo Dows, por detrás da

casa de Miles.

Ela chegava ao entardecer de maio, quando as campânulas azuis começavam a florescer na base dos verdes blocos de suas folhas. Miles estava esperando-a sentado num tronco de árvore caído e inclinado sobre um outro de faia. Seus olhos se encontravam cerrados. Parecia uma estátua esperando que lhe dessem vida. Ela cogitou se teria o poder de lograr tal objetivo. Ouviu a respiração dele, de maneira estranha e ela se deteve olhando-o com silenciosa fixidez. Ele sentiu sua aproximação e ergueu-se abrindo os braços. Com um pequeno grito, correu ela diretamente para Miles envolvendo-o em um abraço. Tomando a cabeça dela entre as mãos ele a beijou suavemente nos lábios. Outra vez repetiu o gesto menos suavemente e logo com tanto ardor que ela sentiu que saía de uma vida ordinária comum para compartilhar uma existência que nunca havia vivido antes e que lhe fazia reviver todas as primeiras coisas felizes de sua vida.

- Oh! Querida minha! - murmurou ele soltando-a por fim. - Você é tão diferente...

Não era essa a palavra que ela esperava. Um pequeno estremecimento percorreu toda a sua pele; foi como uma sombra sobre seu ardente espírito. Tomou de sua mão e retrocedendo até detrás do tronco atraiu-a fazendo-a sentar-se do seu lado. Colocou-lhe seu braço em torno de sua cintura, fazendo-a sentir-se novamente segura.

- Feliz? - disse ele.

Ela inclinou a cabeça. Era muito difícil dizer tudo o que sentia. Essas experiências eram tão novas em Lucy que faziam-na tropeçar nas palavras ao querer expressá-las.

- Eu nunca havia me sentido assim antes! - disse ela.

- Nem eu! - admitiu ele. - Você é muito especial, tão especial que não desejo que se vá nunca mais. E por que haveria de ir-se de minha pequena casa? Há comodidades para você. Venha comigo à minha casa, Lucy, e fique ali para sempre.

- Você quer dizer...

- Quero dizer que a amo, e que não quero afastar-me nunca de seu lado! - interrompeu ele rapidamente.

Virando a cabeça ela o olhou:

- Você deseja que estejamos juntos para sempre?

- Para sempre! - disse ele beijando-a. - Oh! Lucy! Venha comigo e agora. Não me deixe nunca.

- Mas haverá acomodação para as crianças em sua casa? >

- As crianças? — disse ele com repentino aborrecimento. - Você não me ama. Se me amasse esqueceria que elas existem. Se sentisse o que sinto não precisaria haver nenhuma acomodação para ninguém em seus pensamentos.

- Sim! Amo-o! - disse ela com tristeza. - Você sabe que se... como iria permitir

beijar-me como o fez se eu não o amasse?

- Como quê? - perguntou ele.

- Como se... estivéssemos realmente casados... - murmurou ela.

Ele a olhou com estranheza, e procurando nos bolsos encontrou cigarros.

- Você é muito jovem, não creio que saiba realmente acerca do amor.

-Eu o sei agora! - disse ela orgulhosamente. - Amando-o como amo é como sentir que amo a tudo e a todos muito mais. Desejo que todos sejam felizes, e as crianças não o seriam se eu as abandonar... Naturalmente que os deixarei durante nossa lua-de-mel... Tomaria as medidas essenciais para que sejam atendidas como quiserem, até o nosso regresso ao lar.

r - Como você pode ser tão sentimental e tão prática? - disse ele pensativamente.

- Odeio as pessoas práticas, pois destroem o mágico da vida.

- Mas, Miles, eu não posso abandonar meus filhos. Você não pode esperar que chegue a este ponto! - disse Lucy tristemente.

Atirou o seu cigarro ao solo e o pisou nervosamente com o pé contra o musgo, respondendo grosseiramente:

I - Sim, eu poderia, eu quero que você se esqueça de tudo, exceto de mim. Nós amamos um ao outro e podemos construir nosso próprio mundo. Todavia, sempre se metem outras pessoas e interferem nas coisas. Se você realmente me ama deveria vir à minha casa agora. Mas não me ama o suficiente para fazer o que peço. Assim é que estou perdendo tempo - pôs-se em pé, olhou-a e exclamou - Adeus!

Ela se ergueu rapidamente e tomando-o pelo braço disse:

Blr Miles, oh, Miles!, por favor, não me fale dessa forma... como se eu fosse uma estranha. Eu o amo e farei tudo o que você quiser.

-Tudo?

. - Dê-me um pouco de tempo. Eu poderia dispor as coisas para amanhã.

- Dispor as coisas... Você não pode tratar o amor como se fosse uma comédia. No amor justamente poderia suceder isso.

Lucy lançou débil soluço, afundando-se no tecido do casaco dele e acrescentou:

-Oh! Miles! Eu era tão feliz... Não deixe que tudo se perca assim...

- E você que está pondo as coisas a perder - disse ele passando o braço ao redor da cintura dela novamente, e trazendo-a para mais perto. - Pequena tola. Não percebe que nada importa no mundo senão você e eu?

- Tenho a impressão que você deve ser um mágico - disse ela sorrindo através das lágrimas. - Faz-me ver tudo às avessas e o que deve ser meu dever; procura me fazer acreditar que tudo está bem se tudo eu abandonar.

' — O amor é mágico. É tudo o que existe de mais certo na vida! - disse ele beijando-a de modo que as palavras de ambos permaneceram presas nos lábios de

cada um. Um ramo se quebrou no solo por detrás dele, no silêncio do tranquilo local. Isso soou como o disparo de uma pistola. Lucy empurrou Miles para trás e olhou em redor alarmada.

- Ali há alguém! - exclamou. - Alguém que está nos espionando.

- Foi apenas um coelho - disse ele confiadamente. - Posso ouvir sua carreira até sua toca, onde vai contar aos outros coelhos que Mrs. Muir está comportando-se indevidamente no bosque.

- Você é tão absurdo! - disse ela sorrindo. - Mas está se fazendo tarde e devo voltar para casa. Estará você aqui amanhã?

- Sim. Estarei aqui amanhã, ainda não sabe Deus o que direi, sendo você tão dura de coração. Por que é assim? - perguntou ele.

Ela sorriu timidamente:

y — Dura de coração, eu? Como se você pudesse ver meu coração. Talvez isto se resolva amanhã... - respondeu e se distanciou correndo antes que ele quisesse detê-la.

A margem da clareira voltou-se para dizer-lhe adeus, porém ele não a olhava mais. Tirara uma carta do bolso e quando se deu conta de que ela o via, fê-la em pedaços, em pequenos fragmentos, que se espalharam sobre o verde musgo como as pétalas de uma flor morta. E se afastou com passadas largas, arrancando as campânulas nascentes com sua bengala.

* * *

Desde o primeiro encontro Lucy mantinha uma cerrada negativa em discutir a situação com o Capitão Gregg. Permanecia com as crianças até que estas adormecessem e trocando de roupas no quarto de Arma, deslizava silenciosamente até o quarto, deitando-se logo em seguida. Erguia as cobertas até as orelhas, fingindo surdez ou estar dormindo. Não tinha o propósito de conversar de Miles Blaine com o Capitão. Dava-se conta que seria humilhante confessar, tão depressa, que ele tivera razão. Todavia, aquela noite Gregg negou-se a ficar a margem.

- Devo falar com você, Lúcia - começou o Capitão e sua voz soou como um trovão através de seus sentidos, obrigando-a a dialogar.

- Bem! - admitiu ela em sua consciência, já que não era mais possível evitar.

- Oh! Lúcia, minha querida... minha querida!

- Você tinha razão - disse Lucy assentando-se na cama, apoiada nos travesseiros. - Você tinha razão. Mas não existe nada tão maluco quanto um velho maluco. Eu o admito... Sou uma mulher ridícula, sensível, mas sou mais feliz do que fui em toda minha vida.

- Oh! Lúcia! - disse o Capitão lastimosamente

- Eu não creio que você esteja enciumado.

- Os ciúmes são enfermidades da carne. Eu não estou enciumado, mas, oh! Lúcia, poderia você perdoar-me?

- Perdoá-lo? Mas não lhe disse justamente que me sentia mais feliz do que em toda minha vida? Sou tão feliz quanto alguém possa sê-lo. yjiár Pare, pare! - interrompeu o Capitão Gregg. - Tudo isso é culpa minha. Fui um cego, estúpido... Mas ali estava ele que me pareceu ideal para resolver a situação de Tags. Não me dei conta, realmente, do quanto era você infantil em suas emoções. Necessitava dar-lhe uma lição e como você estava tão complacente, tão firme, Deus meu! Tive uma grande lição de qualquer forma.

- O que é que você quer dizer?

- Minha querida, este homem é casado.

- Miles casado? - exclamou Lucy...

- Está casado, não existe lugar para dúvidas. Tem uma esposa e três filhos e o menor ainda se encontra no berço.

- Não acredito! - afirmou Lucy.

-Lamentavelmente tudo isso é certo.

-Mas ele disse que me amava. Hoje me beijou e disse que nunca estivera tão apaixonado.

-Você não deve vê-lo nunca mais.

-Está claro que voltarei a vê-lo novamente! - replicou Lucy. - Deve haver algum engano. Ele me conta tudo... Não poderia deixar de ter-me contado uma circunstância tão importante em vista das que me disse. Não negaria que estava casado... Nós nos amamos e fomos feitos um para o outro.

- Minha querida, hoje fiz uma viagem para ver essa mulher.

- É bonita?... - perguntou Lucy rapidamente.

-Bonita—respondeu o Capitão — e tem três filhos que são a semelhança do pai em imagem e espírito.

-Não creio! Miles não pode estar casado.

-Temo que você irá verificar por si mesma. Eu maldigo minha pessoa, porque a culpa é toda minha. Nunca tive um pensamento em minha mente no sentido de você ser minha esposa. Eu não poderia dizer-lhe que era casado até hoje quando lhe chegou a carta de sua esposa narrando que o menino menor ia ser batizado. Mas com todo encanto e boa presença, esse homem não é mais do que um caprichoso com suficiente dinheiro para dar-se aos seus prazeres.

-Quer dizer que eu sou um dos seus caprichos? - perguntou Lucy com os lábios ressequidos.

-Eu temo que sim, minha querida - disse o Capital docilmente. - Ele foi filho único, seu pai um perdulário e sua mãe não soube criá-lo, o que não é razão para que arruine a sua felicidade! - acrescentou filialmente.

-Mas eu não posso acreditar, não posso admitir que Miles seja um mau-caráter se me faz, a mim, sentir-me tão bem mais bondosa do que era antes.

- O diabo em pessoa esteve no céu antes de cair e suas tentações podem estar plenas de beleza e perspicácia. É uma maneira de me explicar. Acho,

entretanto, que você deve ser forte, Lúcia, deve ser forte!

-Eu não quero ser forte! - disse Lucy enfadada. - Apenas desejo estar com Miles.

Enfiando o rosto entres os travesseiros se pôs a chorar.

Na manhã seguinte a confiança de sua felicidade retomou a ela. A conversação da noite anterior parecia-lhe - quem sabe - um sonho ruim. Apenas pôde esperar entardecer, e quando o crepúsculo caiu, saiu quase que correndo para o local no pequeno bosque, tal como haviam combinado.

As campânulas formavam uma cascata azulada que caíam da ladeira da montanha até encontrar-se com o riacho marrom brilhante, dentro e fora d'água entre as sombras dos olmos. Ela prosseguiu seu caminho tão rapidamente que chegou ao local fora da hora combinada. Sentando-se em um tronco de árvore caída, recostou-se contra uma faixa de galhos finos e cinzentos. Deixou que a beleza do tranquilo lugar penetrasse até seu coração, momento em que ela mesma acreditou converter-se em parte da natureza, presa ao solo, vivendo com a luz do Sol que se filtrava entre a ramalhada das árvores. Cerrou os olhos e deixou que sua pessoa se fundisse calidamente no esquecimento.

O beijo de Miles a despertou. Colocou seus braços em tomo do seu colo enquanto se ajoelhava ao seu lado. Assim se mantiveram juntos até que a felicidade do presente se encontrasse com a fria e triste noite anterior, fazendo-a chorar, mas dessa vez de puro prazer.

- Meu amorzinho, o que é que a está perturbando? - perguntou ele ao sentir as lágrimas salgadas em seus lábios, uma vez que ela chorava silenciosamente.

-Foi apenas um sonho - murmurou ela, muito perto dele.

- Não posso permitir que os sonhos perturbem minha querida - disse Miles. - Que sonho foi esse?

- Sonhei com você! - disse Lucy em voz baixa.

- E foi um pesadelo tão grande, meu amor? - perguntou ele rindo-se.

- Sonhei que você estava casado... - disse ela ainda mais baixo.

Cucao... cucao... cucao... soou através do bosque e o cucao...

cucao voltou a ouvir-se outra vez como se o pássaro pretendesse ser o eco de si mesmo.

Miles não disse nada e através do seu silêncio cresceu a orquestra do bosque como se o repiquear do pássaro carpinteiro, o canto do melro e dos pardais fossem o chamado do cuco, o sussurrar das folhas, o canto do riacho, o suspiro da brisa, e o quase inaudível zumbir dos insetos compusessem todo um grande final, quando se cerram as cortinas do último ato de uma tragédia.

Ela o sacudiu repentinamente antes que ele pudesse raciocinar.

-Não é certo! - exclamou Lucy.

Miles não respondeu e ajoelhado ante ela mais parecia um menino suplicante do que um conquistador amoroso.

- Está certo, está certo! - disse ela baixinho e encobriu o rosto com as mãos. - Você me mentiu! Você me mentiu! - prosseguiu em lágrimas.

-Não - protestou ele por último. - Eu não disse mentiras.

- Não com os lábios. Você mentia enquanto suas palavras não o diziam.

-Não foi mentira que eu amo você.

- Se realmente me amasse, ter-me-ia dito a verdade acerca de sua pessoa e de sua vida! - protestou Lucy.

-Você me fez sentir um homem novo diante de uma nova vida. O marido de Olívia é completamente outro homem, um homem obscuro, de idade mediana, sem ideais e sem futuro...

- E com um passado e três filhos - acrescentou Lucy.

- Divorciar-me-ei de Olívia, nós nos casaremos e seremos felizes.

-Pode alguém ser feliz às custas de outra? - interrogou ela pesarosamente.

- Eu a deixei em casa em Londres, com todos os presentes de bodas, e ademais tem uma boa possibilidade econômica.

- Suficiente para reparar a perda do esposo?

- Tudo isso não irá afetá-la muito - disse Miles com confiança. - Olívia não é uma romântica, e, ademais, ama mais os filhos do que a mim.

- Entretanto, ela estaria sempre entre nós dois - acrescentou Lucy sombriamente.

- Não seja tão vitoriana, querida - ergueu-se, sentou-se ao seu lado e passou o braço em redor da cintura dela. - Ademais, para que serve o divórcio nestes dias?

- Eu nunca tive nada a ver com isso, embora sempre me tenha parecido bastante absurdo... Uma confissão de fracasso e a ruptura de promessas feitas.

- Você leva tudo muito a sério, minha querida. As pessoas se divorciam todos os dias. Não é tão alarmante quanto você pensa.

- Você fala como se conhecesse bem o assunto - comentou Lucy. - Sabe-se por experiência pessoal, Miles?

- Sim. Tive uma vez um processo de divórcio.

- Com Olívia?

- Oh! não, não. Foi antes de conhecê-la.

-E se casou com a outra mulher?

-Não. Tinha os tornozelos demasiados delgados e eu a deixei.

"Estou compreendendo" refletiu Lucy, estremecendo um pouco.

- Você sente frio minha pequena - disse ele atraindo-a mais, porém ela se afastou inesperadamente, libertando-se do abraço.

Não! Não! - exclamou Lucy. - Tem que dar-me tempo para pensar... Isto era tão, tão formoso e agora... Sinto-me como uma mulher diferente. Se tivesse sabido que você era casado... mas como poderia eu... sabê-lo?

- Você é muito jovem - disse Miles, mas não como se recordasse da

primavera, dos belos princípios, e sim como um menino caprichoso que faz uma cena por um brinquedo estragado. - Você dá muita importância a tudo isso.

-Estou pensando em sua esposa e em como ela chegará a odiar-me.

- Olívia não odeia ninguém, desde que sejam amáveis com seus filhos. Ela coloca isso acima de tudo; inclusive recusou-se a ir comigo à Suíça neste inverno porque não queria deixá-los - sentou-se no tronco e olhando-a fixamente sorriu estendendo-lhe as mãos. - Venha Lucy. Como pode alguém estar errado nisso tudo se somos tão felizes?

—Eu sei! Justamente, eu sei. Desejaria que me desse algum tempo. Você me faz sentir débil como se tivesse controle sobre minha vontade, tanto quanto sobre meu coração.

- Tomei o seu coração? - perguntou ele sorrindo. - E então?

"Como? Verdadeiramente" pensou Lucy chorando intimamente, sacudindo a cabeça. Mas seus lábios não se moveram.

-Virá ver-me aqui amanhã? - disse ele acrescentando - trate de crescer um pouco, minha querida, mas não demasiado, pois que a quero bem e a amo como você é.

As lágrimas desceram de seus olhos e sua voz se tomou débil. Deu a volta e saiu correndo aos tropeções, amassando as campânulas sob seus pés, distanciando-se de sua própria debilidade, apressada por sair desse encantamento enquanto tinha forças para resistir.

* * *

Mas à noite a tentação retomou e com ela o Capitão Gregg para combatê-la.

— Se você não quer pensar nos filhos de Olívia, pense nos seus próprios! - disse ele severamente.

—Eva cuidaria deles.

— Essa mulher! Que esperanças poderão ter as pobres crianças com ela? - instou o Capitão.

— Você vive dizendo que Cyril não é meu filho! - disse ela num tom de reprovação e duramente.

—E com Arma? Para sua filha será o pior. Pense nela.

— Eu sempre devo estar pensando nos demais? Não posso ter a felicidade para mim mesma?

— Você seria feliz sabendo que Anna é desditosa e sabendo que Olívia vai ser abandonada?

— Olívia não entende seu marido.

-Disparate! A dificuldade de entender é dele, garboso e bem vestido. Ela é uma agradável mulher, com sentido de humor e de honra.

- Mas está claro; ela o afugenta, trocando-o pelos filhos. Não quis ir a Suíça no Natal por causa dos filhos.

- Seu filho menor nasceu na noite de Ano Novo - replicou Gregg

o que não impediu ao "Gran Miles" ir comemorar com uma mulher debochada de baixa moral. Seguramente nada lhe disse a tal respeito.

- Ele me contou tudo.
- Isso é uma rematada mentira, ele nunca mencionou o caso, pois se diverte com qualquer mulher atraente que passe pelo seu caminho.
- Devo supor que você pensa que ele esteja apenas se divertindo comigo? - perguntou Lucy.
- Estou seguro disso, minha querida! - contestou tranquilamente o Capitão.
- Pois está muito equivocado, uma vez que ele deseja se casar comigo! - disse Lucy num desabafo.
- O mais triste acerca das mulheres é que crêem firmemente naquilo que um homem lhe diz com seus lábios e não atendem ao que lhe diz com seus atos.
- Eu creio em Miles. Ele nunca teve uma boa oportunidade.
- Compreendo. Você crê que poderia alterar o que seu pai engendrou em sua educação e sua mãe fomentou em seu coração. Como a maioria das mulheres, você vive comum enigmático espírito missionário, segundo o qual se deve sempre buscar uma possibilidade para a natureza do homem e fazê-lo um pouco maior do que os anjos. Apesar de que ele não pensa em mulher alguma: se a esposa o chama aceita-a como é, senão sai em busca de outra...
- Como Miles tem o direito de fazer! - interrompeu Lucy triunfalmente.
- Miles não quer uma esposa. Tudo que deseja é uma mãe e uma concubina.
- Não quero ouvi-lo mais! - disse Lucy tapando os ouvidos e tentando afastar a voz do Capitão.

Mas sua razão resistia em excluir o Capitão Gregg, embora sua oposição o recusasse.

De manhã, apesar do sol brilhante, num claro céu azul, seu horizonte interior era negro com pesadas nuvens de pressentimento. Percebeu que todas as suas emoções estavam tensas, como se as fibras de seu coração estivessem vibrando num conflito espiritual, visto que Anna era inconscientemente um dos fatores de mais força. Ali estava sua jovem filha na tensão de seu estado de excitação, dando passos em intervalos regulares e pensamentos triviais durante o café da manhã. Os olhos das crianças estavam cheios de perplexidade ao vê-la tão silenciosa, muito tesa e calada, assentada em sua cadeira e dobrando finamente, muito pausadamente, o seu guardanapo quase sem pressenti-lo. Anna saiu lentamente da casa para a escola. Cyril se sentiu presunçosamente superior ante a indiferença da mãe e deixou-a com uma espetacular despedida em meio do caminho.

Durante toda a manhã continuou a luta. Ela já se via correndo para Miles para confiar-lhe suas dúvidas e temores. Ou então decidia não voltar a vê-lo, ou perguntar-lhe quem era a mulher que havia falado o Capitão. Sentiu-se exaltada pelo poder do amor julgando-o um gigante eterno, outras vezes se sentia abatida

com uma debilidade egoísta para assemelhar-se a um pequeno anão. E ainda a razão lhe gritava: "Se ele a ama teria ido vê-la para assegurar seu amor". Mas, embora a manhã a mantivesse ocupada, ocorreu-lhe o seguinte pensamento:

"Essa não é uma ocasião apropriada". A razão persistia, o orgulho a ajudou e a manteve prisioneira até a hora do encontro, ao entardecer, na clareira do bosque. O relógio soou lentamente a larga espera como sinos dobrando aos mortos e moribundas esperanças mortas, até que o Sol começou a descer para lá da cidade e com ele a decisão dela. Embora o dever a devesse manter em casa, por causa das necessidades das crianças, sentiu que devia ir a todo custo e apressurada-mente. Preparou uma ceia fria para os filhos, com uma nota para Anna, onde dizia que devia chamar Cyril para comer e logo após ir para a cama, como bons meninos. Ela voltaria logo.

O pânico se apoderou de repente dela, enquanto se apressava em subir pelo sendeiro da colina; "não lhe dissera Mies, em seu primeiro encontro, que ela o havia salvo do suicídio? Poder-se-ia supor que estas simples palavras continham mais do que parecia. Não estaria jazendo no fimdo da colina branca, com as gaiotas marinhas entoando um réquiem?"

Correu, chegou à colina e deixou que seus olhos percorressem o vazio. A casa cinzenta mal podia ser vista na profunda obscuridade. Apenas da janela que dava para oeste se escapava uma nesga de luz, formando um raio de ouro através da penumbra. A pequena e descuidada parte do jardim, assim iluminada entre as árvores, assemelhava-se a uma paisagem de uma época distante. Como para fazer Lucy retroceder, pois que pretendia entrar, um riso de mulher se escapou para fora através da janela aberta. Era um riso vulgar, que se perdia na profundidade de si mesmo.

"Se me oculto, poderei ver através da janela sem que se apercebam de mim", pensou Lucy desesperadamente, sabendo que esta era uma situação para ser encarada de frente e em toda a sua verdade.

Entretanto, quando abriu a porta sem bater, a cena continha para ela sua própria realidade, como se, indubitavelmente, fosse parte de uma representação em um cenário teatral. Uma mulher vestida espalhafatosamente de verde se encontrava sentada em uma poltrona e ao seu lado, abraçando-a, Mies que estava ajoelhado, fitando-a. Seus cabelos caíam-lhe sobre a fronte e tinha a boca entreaberta.

Lucy teve a sensação de conhecer de memória aquela cena. Sabia que a mulher olharia para trás e vê-la-ia, olhando-a com descaramento através de seus pálidos olhos verdes. Que Mies se ergueria e iria até ela dizendo:

- Minha querida; há horas que espero por você que não chegava nunca. Quando voltei para casa encontrei-me com minha prima que viera até aqui a fim de ver-me.

kprima deMiles \ A mulher vulgar tirou de uma bolsa marrom, com ornamentos

de tartaruga, um cigarro que acendeu com um isqueiro de ouro.

Prima? Por que não uma irmã?—assim seria menos suspeito, uma vez que os dois tinham os cabelos avermelhados.

—Eu disse prima—afirmou Miles voltando-se. E embora Lucy não pudesse ver o seu rosto, podia supor que teria toda expressão de um ator teatral, com um piscar de olho e uma expressão de advertência. - Pensei que você me havia abandonado.

Novamente surgia a lábia de Miles, dando ordens e fazendo reprovações. Estava atribuindo a ela a culpa por essa situação, olhava-a fixamente com os olhos cândidos, mas sem nenhuma sinceridade neles.

"A vida para ele não é mais do que um jogo!", pensou Lucy voltando a olhar para ele, que, todavia, conservava aquele estranho ar de superioridade. Ele podia ir de um lado para o outro, sendo sempre a figura central, descendo a tela da cena quando a comédia ameaçava acontecer em tragédia ou diminuir a sua personalidade, deixando os outros atores desamparados, pensando em seus próprios papéis para a trama ruínoza. Mas era Lucy quem tinha o libreto desta função. Ela podia encerrá-la a seu próprio gosto.

-Eu o deixo. Adeus Miles - disse ela gravemente. Cerrou suavemente a porta às suas costas, certa de que a mulher espalhafatosa prenderia o homem para que não a seguisse, mesmo valendo-se das forças de seus braços se necessário fosse.

* * *

A voz do Capitão Gregg se fez ouvir muito suave quando ele retomou para ela naquela noite.

—Eu não tenho o que dizer-lhe. Inútil seria insistir em que estive enamorada de um homem que nunca existiu, pois só existiu em sua imaginação e em seu coração. Tudo que tenho a dizer é que me perdoe. Sou um maluco, rematadamente um maluco. Isso é o que sou.

- Eu o perdoo. Provavelmente a cena poderia ocorrer a qualquer tempo! - disse Lucy tristemente.

— Não se eu o tivesse enviado para o alto da montanha nessa ocasião, então ele só voltaria no dia seguinte. Foi tudo por minha causa.

—Perdô-lhe! - repetiu Lucy.

-Mas eu não me perdôo. Deveria ter sabido que interferindo espontaneamente na vida de outras pessoas, seja para o bem, seja para o mal, estaria cometendo um grave erro. Eu sabia disso, mas foi por amor próprio e meu maldito orgulho, pensei que você necessitava de uma lição quando eu mesmo é que deveria tê-la tido. Sou, indubitavelmente, um pobre representante do outro mundo. Ir-me-ei daqui até ter adquirido mais sabedoria; vou-me embora Lucy—disse humildemente o Capitão.

Porém ela não respondeu nem com a voz nem com o pensamento. Estava sentada ali olhando fixamente o fantasma de sua própria felicidade.

Capítulo 8 0 O retorno

O Capitão Gregg não retomou e os anos sucederam, um após o outro, acumulando uma grande paz em seu passo de modo que uma estação parecia mais que um mês, e um ano nada mais do que uma estação.

Lucy, aliviada de sua dor, modificou o seu modo de viver, não se deu descanso em sua solidão e procurou trabalho de modo a poder satisfazer o coração de sua cunhada, atuando no Clube de Jovens, ou no Instituto de Mulheres. No verão, no Campo para Crianças Desvalidas; no inverno, na cozinha e sopas para os pobres, até que um ataque de gripe, seguido de uma pneumonia, obrigou-a a retirar-se, por conselho de seu médico, à sua velha e monótona existência, que assumiu com tranquilidade que chegou a surpreender a si mesma. O cachorrinho Tags morrera no verão anterior, e Anna, juntando seu próprio dinheiro, havia comprado um pequinês de duvidoso "pedigree" como presente de Natal. Então a recordação de Miles parecia ser inócua, um alívio apoiado pelo peludo companheirinho. Deu-se conta que pensar no presente lhe dava gratidão.

O pequinês era de cor cinzenta, com o focinho negro e um rabo enrolado. Lucy a denominava Miss Ming, e pintou para ela uma cesta vermelha para que dormisse aos pés de sua própria cama, mas o cãozinho tinha outras ideias acerca dos lugares em que deveria dormir, e, invariavelmente, deslizava para baixo do travesseiro de penas, colocado aos pés da cama de Lucy, tão pronto ela adormecesse, para sair lentamente outra vez pela manhã antes que sua dona despertasse. Até que uma noite ela foi despertada com um grunhido do cãozinho, ao mesmo tempo que ouvia a voz quase esquecida do Capitão Gregg murmurando em seus ouvidos.

—Tire esse maldito cão da cama, bendita da minha alma. Da próxima vez meter-se-á entre os travesseiros.

— Ora bem, você está de volta! — disse Lucy tomando MissMing em seus braços e procurando calar seus grunhidos por temor que pudesse despertar as crianças.

— E será sem tempo, não é muito saudável ter um cão pulguento dormindo em sua cama, em minha cama!!!

— Não é uma cadela pulguenta! Pobre pequeno animal, você não deveria dizer isso à minha querida.

— Oh! Deus meu! Que forma de falar para uma mulher sensível! - disse com desgosto o Capitão.

— Pensei que você gostasse dos cães.

— Sim, gosto de cães, mas não de rãs cobertas de pêlos como esse.

E um insulto chamar tal criatura de cão.

— Você não parece ter mudado. Pensei que voltaria com uma nova linguagem e melhores pensamentos — disse Lucy.

—Você estava segura de que eu voltaria? — perguntou Gregg.

— Estive muito ocupada para pensar em você há bastante tempo. Quando estive enferma poisei em você uma ou duas vezes. Aprendeu isso?

— Eu não sou muito bom aluno. Meus pensamentos me atraíram para cá. Estou

ainda muito interessado nas coisas materiais - contestou Gregg.

— E isso que eu represento para você? - perguntou tranquilamente Lucy.

— Significa você e minha casa. Pensava em cada minuto que poderia deixar outro testamento, destinando a casa a essas crianças abandonadas.

— Todavia, você não confia em mim, já percebo.

— Admito que a ideia passou por sua mente! - defendeu-se o Capitão.

— Está certo - disse Lucy. — Esse seria um tratamento mais lógico para Cyril, que está crescendo e poderá fazer perguntas a esse respeito. Agora deseja ingressar na Igreja. Ganhou uma bolsa para um Colégio Teológico.

- Já sei, e também que Anna deseja ser bailarina.

- Ela não me disse nada a respeito! - disse Lucy.

- Não, mas ingressará numa escola de dança assim que deixar o colégio. Então haverá conflitos com o Gran Cyril, lembre bem essas minhas palavras.

- Mas por que haveria tudo de ser assim? Cada um deles tem sua própria vida.

- Cyril não é o mesmo desde que ganhou a bolsa auxiliado pelo bispo de Whitchester, que o protege. Um homem de mente estreita, a respeito do qual só muito raramente se ouve falar.

- Como é que você sabe todas essas coisas?

- Tomei interesse por tudo isso e tenho andado por aí - disse o Capitão.

- Oh! - exclamou Lucy abraçando-se ao pequeno e morno corpo de Miss Ming.

- Sim. E também tenho visto Miles! - disse de súbito o Capitão muito cuidadosamente. - Fez muito bem em sair disso, minha querida. Sua grosseria aumentou e deseja mulheres cada vez mais jovens. Estas se riem dele e tratam de se apossar de tudo que lhe dá, terminando por deixá-lo. Então corre de volta para a esposa para que o console.

- Ela não se divorciou dele? - perguntou Lucy.

- Não. Porque é uma mulher de muito boa fé, e o perdoo todas as vezes.

- E uma esposa melhor do que o poderia imaginar - admitiu Lucy.

- Está apaixonada por ele, não é um romance e como o verdadeiro amor é cego fica sabendo de tudo, mas tem uma infinita capacidade de perdoar.

- E você, você esteve apaixonado alguma vez? - perguntou Lucy.

- Creio que sim. Frequentemente, mas nunca cheguei tão longe para desejar casar-me com alguma delas. O mais próximo que estive de um casamento foi com uma certa moça de Dublin. Ela tinha os cabelos negros, cílios e sobrancelhas do mesmo tom, olhos azuis e um belo corpo irlandês.

— Como se chamava? - perguntou Lucy com certa tensão.

- Deus bendiga minha alma! Não o recordo. Costumava visitá-la em sua casa nas noites que tinha livre e na semana que estava no porto. Ela cantava para mim. Mas o mar e meus barcos estavam sempre em primeiro lugar em minha alma.

— Cyril disse que o celibato é um sublime ideal — disse Lucy.

— Espere um pouco! O bispo tem uma filha com ideias completamente diversas.

— Cyril nunca me falou a respeito dessa moça; é sempre tão reservado, tão diferente de Anna! Pode-se pensar que você está equivocado acerca de seus desejos de ser bailarina, porque estou segura de que ela o teria dito.

—Em breve você verá! — asseverou o Capitão. — E então começarão as dificuldades. Seja amável, Lúcia. Isso significa muito para ela.

As dificuldades começaram na semana seguinte. Logo depois que Anna dançou em concerto de caridade. Ela regressou à casa sorridente e brilhante pela recitação.

—Mãezinha! - gritou entrando pela cozinha, enquanto Lucy estava preparando a ceia, pois se apressara para terminá-la antes que a filha chegasse.

— Mãezinha, madarne Lachinsky esteve no concerto e disse-me que vai me levar com ela.

— Levá-la querida? — perguntou Lucy enquanto enchia a mantei- gueira para preparar uma torta. - Levá-la para onde?

—Para sua escola de dança em Londres. Esta senhora está de férias aqui. No hotel onde fui vê-la, disse que iria ver-me dançar. Jamais sonhei que tal acontecesse, porém lá estava ela dizendo que me levaria para ensinar-me! Oh! Mãezinha, serei uma grande bailarina! E tomando sua mãe pela cintura dançou com ela uma valsa em redor da cozinha.

— Por que essa confusão toda? — perguntou Cyril saindo da sala onde estivera escrevendo, pois faltava uma semana para começar o curso. - O bispo não aprova o teatro e se chegar a saber que minha irmã exhibe seu corpo praticamente desnudo...

- Quem disse que estarei praticamente desnuda? - exclamou Anna.

- Por favor, Anna, escutemos primeiro o que tem Cyril a dizer - interrompeu Lucy. Ela odiava tanto a violência e eis que ela surgira outra vez, rompendo a paz do lar.

-É muito sabido que a maioria da gente do teatro é imoral! - disse Cyril. - Naturalmente que Anna, que é minha irmã, deverá portar-se bem, pois não estou envolvido em coisas do teatro. Isso me afetaria muito.

- Não são um pouco antiquadas suas ideias querido? — perguntou Lucy.

-Não são essas suas ideias e sim as do bispo, o qual Noé colocou na arca supondo que era um camelo! - disse Anna ironicamente.

-Anna! - intercedeu Lucy firmemente lutando por conter o riso que a invadia toda, porque o bispo Winstanley se parecia realmente com um camelo. - Se disser alguma coisa a mais, irá imediatamente para a cama.

- Se ela quer dançar, por que não se toma uma mestra dando lições a pessoas que conhecemos? - continuou Cyril.

Anna se atirou sobre o sofá apertando uma almofada contra a boca.

- E tudo que tenho a dizer se ela insiste em ser tão egoísta. Arrumará a minha carreira - concluiu Cyril.

- E quanto a você? Não é também um egoísta? - perguntou Anna, assentando-se. - Eu sempre quis dançar, desde que era um bebê. Tenho praticado e praticado desde que me vi em pé. Cyril pensou em ser médico primeiro, você recorda quando ele andava cortando rãs por toda a casa; depois quis ser banqueiro, e logo em seguida um político. Desde que o bispo o colocou sob sua proteção também quis ser bispo, porque este havia dito: "É uma carreira". Eu dançarei porque a dança é uma vocação, e madame Lachinsky não toma qualquer aluna em sua escola. Isso é uma grande honra.

-E preciso encontrar uma solução - disse Lucy.

Às onze horas, entretanto, ainda estavam procurando a solução, até que Lucy os mandou para a cama e foi ela para a sua, bastante cansada.

- Sinto-me exausta - pensou enquanto deslizava entre os frios lençóis de linho.

- Se não tivesse dito nada não poderia agora interferir, mas como eles se entregaram a discussão dos temas, posso fazê-lo - disse a voz do Capitão.

- De que forma? - perguntou Lucy.

- Dizendo-lhes que devem ser tolerantes um com o outro. Se Anna quer ser uma bailarina poderá trocar de nome. Então ambos irão por distintos caminhos. Não será necessário que suas vidas tenham possibilidades de indiferenças.

-Mas isso seria muito triste: uma completa separação de irmãos! - lamentou-se Lucy.

- A mim me parece que isso sucederia de qualquer forma. Se a igreja é boa para Cyril e o teatro para Anna, isso será o melhor a fazer... Mas, quero que fique bem claro que eu não estou interferindo.

-Eu guardarei silêncio a respeito deste assunto. Tampouco eu desejo interferir em suas vidas, tal como você; mas quero que sejam felizes. Sempre significa separação ou desconhecimento - disse ela docilmente. - Isso ocorre sempre?

- Não, mas pode suceder e muitas vezes significa um desprendimento total - sublinhou o Capitão, acrescentando: - Você não vai querer que eles fiquem enclausurados pelo resto de suas vidas.

* * *

Não houve melhor saída para a desavença. Cyril esteve de acordo que, se Anna trocasse de nome, não haveria mais conexão entre eles.

- Queres com isso significar que nunca mais falará com Anna? - perguntou Lucy a Cyril, enquanto buscava algo entre as cobertas de seu dormitório.

- Sempre estarei de acordo em falar com Anna como a senhorita Muir, como se ela levasse uma vida apropriada a de minha irmã- respondeu Cyril com

gravidade.

Estava surgindo agora a personalidade dos Muir, com seus "eu-eu" procurando através da força impor sua própria vontade ao mundo, como se tivessem a Carta Orgânica de Deus.

- Procure ser um pouco mais tolerante, querido Cyril. Isso fará com que a vida lhe seja mais fácil, tanto para você como para o resto das pessoas - acrescentou Lucy, que se dirigiu ao quarto de Anna para preparar suas maletas, visto que partiria para Londres imediatamente.

- Eu deveria ir com ela! - disse Lucy essa noite ao Capitão. - Não me agrada a ideia de que Anna esteja sozinha em Londres.

- Sozinha em Londres? - disse o Capitão com ar sério. - Não vai viver com Martha?

- Sim - concordou Lucy. - E muito mais triste do que foi a morte do meu esposo, mas é providencial que Martha tenha regressado a Londres e instalado ali uma casa de hospedagem. Eu confio em Martha para que zele cuidadosamente de Anna.

I Então não deve preocupar-se a respeito do assunto. Deus bendiga minha alma! Se você põe o barco no rumo certo, deve fixá-lo. Nunca poderá chegar a nenhuma parte se navegar para trás a metade do tempo.

- Talvez eu seja uma egoísta - disse Lucy desejosa por continuar o assunto. - Mas me sinto tão perdida em Londres, com toda aquela gente apressada, que me parece ser a única que caminha em determinada direção. Ela pode vir para casa nos fins de semana. Se vou com ela, poderia ter dificuldades com Cyril. Madame Lachinsky diz que Anna poderá seriamente seguir o seu curso e além disso, me assegurou que também cuidaria de Anna. Eu não posso tampouco pagar por "Gull Cottage" e viver em Londres com tal quantia - terminou estremecendo quase sem fôlego.

- Agora você se sentirá um pouco melhor e não tem necessidade de abandonar "Gull Cottage" Você precisa ficar aqui - sublinhou o Capitão.

Capítulo 9 Problemas

Logo surgiu a questão. Lucy nunca havia sido esbanjadora, por esse motivo tinha pouca noção de assuntos que envolvem dinheiro. Havia posto uma soma no banco e gasto outro tanto. De súbito, seus gastos pareceram ser maiores do que seu ganho, de forma alarmante. Os impostos aumentaram e abancaram os dividendos. Uma companhia em que ela tinha ações quebrou totalmente e, apesar de que Cyril havia obtido a bolsa, necessitava de dinheiro para suas compras de livros. Não havia dúvida de que cada vez necessitava mais. Também tinha que pagar os gastos com Anna. Cyril adoeceu e o médico estabeleceu que era necessário uma operação de apendicite.

- Que problema! - dizia Lucy falando essa noite com o Capitão Gregg, quando se deu conta do que significava ter de pagar também a dívida tida com o cirurgião. - Terei de alugar "Gull Cottage

-Você não pode fazer isso! - contestou o Capitão.

- Eu não posso e devo fazê-lo. No verão obtém-se oito guinéus por semana por uma casa mobiliada e situada num local como este.

-Não permitirei que a casa seja alugada. Você permite que entre estranhos aqui e eu os espantarei.

- Se não a alugo irei à ruína. Então a casa iria parar de qualquer maneira em mãos estranhas! - replicou Lucy.

- Espantarei a todos juntos! - explodiu o Capitão. - Você deve aprender a desafiar a ruína. Eva não poderia ajudá-la?

- Morreria mais depressa que pedir a ela um só centavo.

-Então terá que obter algum dinheiro! - acrescentou Gregg.

- Poderia tomar umas pensionistas - refletiu Lucy.

- Tome um inferno! Seriam piores do que os pensionistas. Não admitiria um único pensionista nesta casa. Você não é uma tabemeira!!! - alegava o Capitão. - Podia ser conduzida ao alcoolismo.

- Muito bem! Que me aconselha a fazer? Por acaso sou uma boa modista, posso pintar quadros, escrever livros, ou fazer coisas deste porte? Sou antes uma velha para voltar a aprender datilografia. Penso que isso seria completamente inútil.

-Escreva um livro...

lo:— Já lhe disse justamente que resulta para mim difícil até mesmo escrever uma carta.

- Mas eu posso! É assegurou o Capitão. - Posso escrever um livro, bendigo minha alma! Um grande livro que seja um sucesso de venda, você o escreverá. Compre amanhã uma máquina de escrever e folhas de papel.

- De que tratará o livro? - perguntou Lucy, hesitante.

- De mim! Será a história de minha vida e chamá-la-ei *Blood and Swash*.

- Não me parece de nenhuma forma que seja um bom título! - disse Lucy.

-Isso não significa que o seja, mas é sugestivo! -riu baixo o Capitão. - Consiga tinta e papel de modo a começar esta noite mesmo.

-Não tão rapidamente. As máquinas de escrever são caras. Como posso comprar uma se me encontro sem dinheiro no banco e tenho, além disso, os gastos com Cyril que ainda estão para serem pagos no hospital?

- Deve vender algo - disse Gregg depois de uma pausa. - Venda, para começar, esse espantoso anel de pérolas que usa.

y—Esse anel me foi dado pela mãe de Edwin. Creio que não deveria vendê-lo.

- Bem, então empenhe-o. Você está realmente em um aperto e no decorrer não há lugar para falsos sentimentos. Você não gostava da mãe de Edwin e odeia

esse anel. Demônios! Não vejo diferença que faz guardar-se jóias em um cofre ou na caixa de segurança de um comerciante de uma casa de penhores. Traga o cofre de jóias e veremos que coisa mais há para se desfazer.

- Como você me dá ordens! — disse Lucy franzindo a sobrancelha, mas dirigindo-se para onde havia um quadro azul, por detrás do toucador. Voltou à cama e esparramou o conteúdo sobre o cobertor.

- Pingentes! Você nunca os usou e pode desfazer-se deles.

-Mas poderia usá-los. Estes são tão bonitos - disse Lucy colocando um par de gotas de coral em suas orelhas.

- Poderia também usar um anel no nariz - replicou Gregg. — Esta pomba é de diamantes autênticos?

- Sim, e o ramo de oliveira que tem no alto é de esmeralda. E um presente que Edwin me deu de bodas.

- Como uma proteção contra a adversidade? — perguntou brincalhão o Capitão.

-Não, foi escolhido pela mãe dele.

-Então não deve preocupar-se com ele. Se estes diamantes são bons, deve animar-se e comprar a máquina de escrever, e pagar os gastos de hospital, apenas com um broche. Empenhe-o amanhã! — animou o Capitão.

- Mas, onde? Nunca vi uma casa de empenhos por aqui e não sei se existe alguma.

- Há uma no lado oposto, em *Three Feathers* e duas em *Whitemouth*. Talvez seja melhor que vá para lá! Provavelmente terá um preço melhor. Não deixe que a enganem... Esses diamantes parecem bons.

-Você está seguro de que não há outra maneira de obter dinheiro? - embargou Lucy.

- Não consigo pensar em outra coisa. Diz-se que, neste caso, é melhor um pássaro na mão do que dois a voar. Vá e venda-o; seja uma boa menina.

No dia seguinte, incapacitada de encontrar uma solução melhor, Lucy tomou o estojo do broche e se dirigiu a *Whitemouth* pelo ônibus da tarde.

Era sábado. A praia estava plena de turistas de fins de semana, apesar de setembro já estar chegando ao seu fim. Pela primeira vez Lucy contentava-se de estar entre tanta gente. Pareceu-lhe que os turistas ocultavam por sua vez suas preocupações, tanto quanto ela o fazia, enquanto se mantinha em frente a uma vitrine de uma joalheria, sobre a qual se lia: "compramos ouro velho", e na entrada dependuravam-se três globos dourados que não chegavam a obstruir a passagem. Deu-se algum tempo para adquirir a coragem suficiente para cruzar o umbral da porta, sempre duvidosa, mas olhando sem ver uma bandeja com alianças de casamento exibida no centro da vitrine. De repente ouviu uma voz familiar atrás dela. Ao voltar-se deu de frente com Eva, gorda e animosa, com os cabelos grisalhos, mas de qualquer maneira era a mesma Eva.

A cunhada afirmou com voz resoluta:

-Pois muito bem, aqui está Lucy. Nunca guardei rancor pessoal, porém penso que você poderia ter-me escrito para perguntar como estava, depois do que sofri naquela sua horrível casa. Sempre digo:

-Se Lucy me apresenta o ramo de oliveira eu serei a primeira a tomá-lo.

-Ramo de oliveira! — exclamou Lucy, parêcendo que a pomba de diamantes havia crescido em sua carteira até adquirir o tamanho de uma árvore e que chamava Eva para contar-lhe que ia ser vendido com o ramo de oliveira e tudo.

—Você me parece pálida, minha querida! - disse Eva com visível satisfação. - Sempre disse que essa casa sua não era local para você. Melhor é que venha tomar uma xícara de chá comigo. Sempre digo que o passado deve ser esquecido e nunca deve haver lugar para ele. Vamos, minha querida! — disse Eva tomando a cunhada pelo braço e conduzindo-a a uma confeitaria próxima. Convidou Lucy a sentar-se em uma das mesas e ela ocupou o lugar da frente, pedindo chá e começando a revolver o passado até a sua última recordação.

- E certo que eu havia jurado não tomar a colocar os pés na sua casa. - disse Eva enquanto tomava a sua segunda xícara de chá e comia vários confeitos. - Mas se você necessitar sacrificarei minha palavra. Quero dizer que tenho sentido da proporção e também do dever, o que considero primordial.

-Muito bem, de sua parte - disse Lucy enquanto intimamente se preocupava com a hora em que fecharia a casa de empenhos, pois ela devia armar-se da coragem suficiente para voltar novamente ali. - Realmente - continuou - eu não necessito de ajuda. No momento estou sozinha. Cyril foi para o Colégio Teológico em Whitcheater... No momento ele se encontra hospitalizado...

-Eu sei! Na realidade Cyril e eu temos nos correspondido há muito tempo. - Lucy pensou: "Bem que Cyril gostaria que eu não soubesse disso!"

-Vi Cyril ontem. Disse-me que voltaria para casa na semana entrante para sua convalescença... É um querido rapazinho e tão parecido ao pobre Edwin... Ele está se portando muito bem. O bispo pensa muito nele. Mas, o que ocorre com Anna? Tomando aulas de dança! Cyril está muito preocupado com isso. Está se tomando um homem e assume todos os cuidados da família.

- Não há por que se preocupar - disse Lucy um pouco amargamente. -Anna se encontra na escola de danças de madame Lachinsky, que se preocupa muito com ela.

- Lachinsky, uma estrangeira, uma russa! Suponho que não é digna de nenhuma confiança e que provavelmente é comunista.

- Você não me explicou como pode suportar tudo isso - contestou Lucy. - Estive com madame Lachinsky e me pareceu uma dama muito agradável.

- Sem nenhuma dúvida, mas se eu fosse você vigiaria a ela e a Anna. Surpreendeu-me quando soube que você havia permitido que a menina fosse para Londres sozinha. Realmente Lucy, você deveria ter ido com ela.

- Martha está cuidando dela! - disse Lucy firmemente.
- Essa ordinária e velha cozinheira que você contratou quando estava recém-casada? - perguntou Eva.

- Martha não é ordinária nem velha! — começou a dizer Lucy, mas se calou depressa. Sabia por experiência que era inútil argumentar com sua cunhada. Martha falava o dialeto cockney e seu cabelo se havia tomado grisalho em comparação com os de uma mulher jovem, mas por isso não era ordinária nem velha. Eva não aprofundava nunca nem ia mais além do que a superfície. Suas críticas eram sem fundamentos, assim como os seus entusiasmos.

-Estou satisfeita com Martha. - disse Lucy com tranquilidade. - Anna estará bem alimentada e bem cuidada.

-Mas será capaz de educá-la bem? - inquiriu Eva inclinando-se para frente enquanto seus pálidos olhos cintilavam por detrás dos óculos. — Quem sabe em que espécie de sociedade estranha poderá ingressar sem ter a ninguém que a guie! Eu não confio em gente de teatro mais do que eles podem me mostrar em cena.

- Conheceu alguém dessa espécie de pessoa? — perguntou Lucy.

—E um fato bem conhecido que suas normas de vida são completamente diferentes das nossas—contestou Eva.

—Diferentes não significa necessariamente que sejam piores - acrescentou Lucy e continuou—Eu confio em Anna.

-De qualquer forma você deveria desfazer-se dessa casa horrível e ir viver com ela! — manifestou Eva mordendo uma massa com creme como se fosse um inimigo pessoal.

-Creio — disse Lucy — que Cyril não deveria preocupar-se com tudo isso.

-Cyril foi o primeiro a dar-se conta do dever que você lhe atribuiu! — replicou Eva.

-Duvido que fosse assim se tudo não tocasse em seus próprios interesses.

Eva se apressou em responder:

-Não penso que isto seja normal para Cyril, pois, caso contrário, vocês nunca o teriam atendido, do mesmo modo que o pobre Edwin não foi compreendido.

"Era inútil discutir", pensou Lucy. Sobrinhos e irmãos são pessoas completamente diferentes de filhos e esposos e como Eva não tivera filhos nem marido, não poderia jamais compreender a diferença que existe entre essa parentela.

- Cyril nunca me sugeriu que fosse para Londres e é porque nada tem a ver com miss Dale, a bailarina. Se eu fosse viver com ela, tudo se tornaria muito complicado.

-Bem, não diga que não a preveni! - enfatizou Eva empurrando seu prato e dando uma olhada no relógio que trazia no pulso, ajustado por uma maciça cadeia de ouro, como se estivesse aprisionando o tempo. - Cinco em ponto. Terei tempo

suficiente para vê-la às cinco e um quarto, à saída do ônibus para Whitecliff antes que eu tome o meu paraWhitchester.

-Não vou tomar o ônibus das cinco e um quarto - explicou Lucy embora ela tivesse realmente intenção de tomar esse ônibus. - Eu... eu... tenho que ver um amigo.

- Um amigo... que amigo? Não sabia que você conhecia alguém emWhitemouth.

-E uma relação muito especial — redarguiu Lucy.

"Popularmente aos agiotas dá-se o nome de tios; assim isto não é de todo uma mentira" — pensou Lucy.

-Acreditei que você não tivesse parentes. Sempre a ouvi dizer que seus pais eram filhos únicos.

-Não eram! - contestou Lucy. - Este é um parentesco muito distante.

- Espero, Lucy, que não esteja tratando com pessoas indesejáveis. Você sempre teve pouca noção das restrições sociais... Lembra-se daquela moça que você recolheu em Whitchester, e que nós descobrimos ser filha de um empresário de cerimônias fúnebres aposentado?

-Eu gostava daquela moça, tinha um rosto bonito e um grande sentido de humor.

- Era completamente inadaptável! - acrescentou Eva. - Se eu não tivesse que assistir a uma reunião especial de nosso Hobby Club, ficaria para conhecer o seu amigo ou parente.

- Estou certa que ele ficaria encantado em conhecê-la!—acrescentou temerariamente Lucy.

—Ele?—repetiu Eva, confirmando sua pior suspeita.—Cynl conhece esse homem?

-Ainda não, mas ficará conhecendo! - redarguiu Lucy, comum brilho nos olhos.

— E preciso que o conheça. - respondeu Eva. - Lucy, não estará você... Não estará pensando em casar-se novamente?

— Não, não precisa se preocupar Eva, já passei da época do romance.

— Oh! Eu sei - acrescentou Eva rapidamente. - Afinal de contas você é mais jovem do que eu... Não que me considero velha, não para estes dias. Pode pensar que alguém ache você atraente de certa maneira... Os homens são tão estranhos!

Ergueu-se abruptamente e fez sinal à garçonete para que trouxesse a conta, dirigindo-se ao gerente junto da caixa, perto da porta. Lucy deslizou dissimuladamente uma moeda na mão da moça que as atendera.

Chuviscava quando saíam do local, e zangando-se com Lucy por não trazer seu guarda-chuva, Eva abriu o seu, aproximando-se dela e tomando-a pelo braço, assim a conduzindo na direção contrária, até uma esquina em que Lucy inventou uma desculpa e despreendeu-se do seu braço para dizer-lhe adeus. Agradeceu o chá, prometendo que a chamaria e que a veria na próxima ocasião em que estaria

em Whitchester.

"Que nunca chegue esse dia" disse Lucy para si mesma apressando-se a voltar à casa de empenhos antes que descessem as portas.

Já era hora de fechar quando chegou. O estabelecimento estava vazio, excetuando-se o proprietário, o qual deveria conhecer Eva, pensava Lucy, enquanto retirava de sua bolsa de couro, o estojo e o broche, depositando-os sobre o verde tapete de veludo do alto mostrador.

O prestamista era um homem alto e frágil, com pequenos olhos escuros que pareciam olhar a toda parte ao mesmo tempo, menos a pessoa a que atendia. Tomou de uma lupa e o broche. Com a magnífica lente no seu olho direito, examinou os diamantes atentamente.

- Ocorre-me que a senhora deseja um engaste novo? - disse ele com voz baixa.

Lucy moveu a cabeça sussurrando:

- Não, não, eu... eu quero vendê-lo...

O homem olhou a pomba com expressão complexa e diferente, quase que como se aquela fosse uma imitação de vidro de um simples louro. Depositou-a no mostrador.

-Este é um desenho muito velho! - disse desdenhosamente.

-A mim me disseram que as pedras são realmente boas, e a lapidação é de vinte e duas facetas! - disse Lucy.

- Quinze! - disse o homem secamente.

-Vinte e dois está marcado.

-Não, e não. Dar-lhe-ei quinze libras pelo broche! - disse o homem olhando Lucy sobre sua cabeça, e como se ela estivesse falando ante um arranha-céu.

-Não me parece suficiente! - exclamou Lucy dubitativamente.

Ele encolheu os ombros, e dando uma volta começou a fazer números em um livro.

-Ali existe um broche com brilhantes muitíssimos pequenos que tem preço marcado de quinze libras!disse Lucy assinalando uma vitrina.

- Engaste moderno de platina - disse o homem, e continuou somando.

-Poderia o senhor dar-me...?

- Sessenta libras e nem um centavo menos, demônios! - bramiu a voz do Capitão.

O prestamista olhou para Lucy fixamente, com os olhos torcidos. Esta lhe devolveu o olhar da mesma maneira, embora corando, com a boca aberta para iniciar a palavra que estava para dizer.

- Quê? Que é que a senhora disse? - perguntou o homem sustentando seu fixo olhar.

- Sessenta libras! As esmeraldas podem ser baratas, mas os diamantes são bons, e você sabe disso. Eles sozinhos valem sessenta libras! - disse o Capitão.

— Leve-o, leve-o! — disse o prestamista, pouco cortês, como se não se dirigisse a uma dama.

— Você nos dará sessenta libras! — exclamou o Capitão.

Lucy continuava parada ali, sem falar, enquanto Gregg acrescentava:

— Com esses condenados olhos que têm não conhece os bons diamantes que são muito melhores que as baratinhas que você tem aqui. Com mais um pouco lhe deixarei toda a minha bíblia de maldições...

— Fecha essa boca! - grunhiu o prestamista enquanto o seu rosto se punha da cor do pergaminho. — Afinal, quem é você?

— Não lhe interessa, eu sei o quanto vale este broche. Sessenta ou não.

— Isto é chantagem! - protestou o prestamista.

— Consciência culpada. Não estou fazendo chantagem com ninguém, estou lhe oferecendo uns condenados e finos diamantes a um condenado preço baixo. Fique com eles ou deixa-os! - terminou o Capitão.

Com as mãos trêmulas o prestamista abriu uma gaveta tirando um pacote de notas que contou e entregou a Lucy pelo mostrador. Esta as somou também com as mãos trêmulas colocando-as em sua carteira.

— Muito obrigada! — disse amavelmente apressando-se em sair e deixando o prestamista olhando fixamente o símbolo da paz que se encontrava à sua frente, sobre o verde do veludo.

□ * □

— Não me importa, você não tinha o direito de fazer o que fez. Colocou-me numa situação ridícula. Nunca mais tomarei a pôr os pés em Whitemouth! - disse Lucy ao Capitão na intimidade do lar.

— Como você não vai a parte alguma, não terá muito a perder. Por que não comprou a máquina de escrever?

— Por que não comprei a máquina de escrever? Em primeiro lugar, os estabelecimentos estavam fechados, e em segundo lugar, não irei mais pessoalmente fazer compras em parte alguma.

— Bom, sinto muito, querida, mas não podia permitir que aquele velhaco a enganasse em quarenta e cinco libras.

— Se era tão velhaco, como pôde ouvir a você? Isso me deixou perplexa.

-Os velhacos são necessariamente insensíveis, e toda pessoa insensível pode ouvir-me. Esta é a causa pela qual Miles me ouviu. Aqueles que têm a mente apenas em um curso, nunca podem ver ou sentir outros pontos de vista que não sejam os próprios. São surdos espiritualmente.

- Lembro-me de que você disse que Miles era inteiramente egoísta.

-Egoísta, mas não insensível. Podia sentir e entender qualquer ponto de vista alheio e o convertia em seu próprio proveito. Bom ou mau, não significa espirituais ou não espirituais. Essa é outra descrição feita pelo homem. Os maus costumes terrenos têm mais finos pensamentos e sentimentos, mas estão numa

nebulosa, talvez desde o princípio de suas vidas, e nunca poderão aprender a navegar em linha reta. Eu lhe direi algo a mais: são os santos e os pecadores que se encontram mais perto de todas as coisas, não os médios e medianos, com seus negativos pecados pelo pensamento, malícia e falta de benevolência.

- E você é um santo ou pecador? - perguntou Lucy.

- Bem, eu não sou santo. Não obtive um bom lugar no outro lado, mas, afinal, sou honesto comigo mesmo e me excluo do todo.

- Você quer dizer que existe um inferno? - interrogou Lucy.

-Algumas pessoas podem chamá-lo assim. Há uma dimensão na qual certos espíritos têm que esperar até que compreendam e admitam a verdade acerca das pessoas. Não é renegadamente bom: tratar de ensinar alguém que não quer admitir que tem algo a aprender.

- E eu, irei para essa dimensão? - perguntou Lucy com os olhos dilatados.

-Não, se você é completamente honesta consigo mesma. Não se preocupe acerca de onde terminará o final da viagem. Este é um meio seguro para não tropeçar nos pedregulhos que se encontram sob seu nariz. E, agora, meta-se na cama como uma boa menina e amanhã começaremos a história de minha vida. Antes terá que escrever à mão, enquanto você pede a máquina de escrever, de Londres.

Capítulo 10 O livro

Sucedeu várias vezes nas semanas seguintes, que Lucy apoiara suas mãos no colo e se negava a continuar a escrever "*BloodandSwash*"

- Em primeiro lugar foi a dificuldade que experimentava em escrever à máquina; nunca antes datilografara coisa alguma. Pensou, muito vagamente, que os tipos se manejariam por si mesmos como a máquina de costurar, mas descobriu que as coisas eram muito diferentes. A inocente aparência da pequena máquina parecia ter uma perversa personalidade própria, que persistia em mostrar no papel sinais de admiração que não haviam sido solicitados, com parênteses, com sinais e frações que tomavam tudo indecifrável. Lucy se orgulhava de sua letra, mas naquela máquina de escrever as palavras mais simples surgiam como se se tratasse de uma linguagem estrangeira, e algumas letras pareciam ter caracteres mais fortes que outras, insistindo em aparecer primeiro em todas as suas ocasiões. Mas, gradualmente, começou a ser mais eficiente e apesar de que nunca tenha usado todos os dedos sobre o teclado, começou a fazer bastante bem com quatro dedos e o polegar.

- Semelhantes palavras não deveriam ser usadas - disse ela uma noite. - Não posso escrever coisas como esta. Nunca acreditei que isso pudesse ocorrer. Não escreverei essa parte correspondente a Marselha; isso ficará posto de lado.

- Não será posto de lado! - disse o Capitão.

- Não usarei esse episódio. - replicou Lucy.
 - Então não continuarei. Esta é a minha história e a farei condenadamente bem, à minha maneira. Essas coisas devem ser ditas! - acrescentou o Capitão.
 - Não vejo necessidade para isso.
 - Mas eu vejo. Meu livro será o registro da verdade, e mostrará tanto o ponto negro quanto o lado branco de cada situação.
 - Não creio que essas coisas tenham ocorrido! - afirmava Lucy.
 - Já lhe disse antes. É um sintoma de envelhecimento, de tensão ao escrever a mesma observação duas vezes em poucos minutos. Você não vai ter um triste final. Assim é melhor que prossiga na redação do meu livro. Estas coisas acontecem e também piores do que essas, e prosseguirão ocorrendo aos jovens marinheiros em portos estrangeiros, se não forem advertidos.
 - Se você tivesse lido isso em um livro prosseguiria mencionando essa taverna...
 - Taverna, não mude as palavras Lúcia, se existe uma boa e velha linguagem em inglês, use-a.
 - Você poderia ter deixado de frequentar um lugar desses se tivesse lido acerca dessas casas em um livro? — insistiu Lucy.
 - Talvez. Pelo menos estaria prevenido, eu não podia pensar que seria convidado por uma agradável e jovem princesa, a fim de tomar chá em sua casa.
 - Que foi realmente que pensou?
 - Era minha primeira viagem e tinha apenas dezesseis anos. Havia passado toda a minha vida em uma vilazinha do campo, criado por uma tia solteirona e educado por um velho vigário. Como esses dois nada sabiam acerca da vida, como poderiam assenhorear-se de uma enciclopédia? Pelo amor do céu! Continuarei agora, Lúcia, e não tema... onde foi que paramos? Marselha é diferente de qualquer outra cidade! — exclamou o Capitão. — Este não é um poema literário épico, é a simples história da vida de um marinheiro.
 - É realmente muito *simples* - concordou Lucy.
 - Bem, ponha-lhe os adornos que quiser! - replicou Gregg. - Combine toda a gramática endemoniadamente, como você gosta de tratá-la.
 - Quiçá seria melhor que escrevesse tudo em manuscrito e depois datilografasse, assim o trabalho decorreria mais rápido.
 - Pouco faz como eu execute o trabalho, você terá que ler tudo depois de datilografado.
 - Não confio em que você faça modificações. Se não houver um capítulo denominado: "Marselha é diferente de qualquer outro porto da Europa"...
- Lucy ouvia a voz em cima e embaixo da habitação como se ele estivesse andando sobre a cobertura de um barco. Ela procurava imaginá-lo como quando era um homem jovem e uma criança pequenina. No primeiro capítulo do livro ele descrevia a sua infância. Seu pai fora contramestre e se perdera no mar quando

o filho tinha seis anos de idade. Sua mãe havia falecido um ano mais tarde, e ele foi enviado para viver com uma tia no campo. Deve ter sido um torvelinho chegando à tranquila vida daquela mulher, com seu gênio tempestuoso e amor ao perigo, além de outras coisas inoportunas. Trepava nas árvores mais altas, no campanário da igreja, e encheu a casa de cachorrinhos de toda a espécie; havia quase afogado uns gatinhos, mas mesmo assim ela lhe cuidava com muito carinho. Quando faleceu deixou-lhe todo o seu dinheiro com o qual pôde comprar o seu próprio barco. O Capitão seguia falando enquanto Lucy deixava que vagassem seus pensamentos.

-Todas essas pessoas eram gente magnífica, embora sentadas em seus lugares sobre os rústicos bancos. Desprezavam o luxo que deveria caracterizar os marinheiros, desprezando a pobre tripulação que tratava com severidade, embora não fizesse senão para o bem. Você está cansada? - perguntou Gregg repentinamente.

-Não, não estou cansada, obrigada.

-Por que estava tão pensativa?

-Estava pensando em você quando era criança, perguntando-me a mim mesma como seria então.

- Deus meu! Suponho que não tenha ouvido uma única palavra do que eu estava dizendo.

- Oh! Sim, ouvi, espero que esteja certo. Produziu-se um silêncio que durou algum tempo, então ele disse asperamente:

- Ocorre-me que tenha sido um pequeno e desgraçado menino, e que minha tia deveria viver muito sozinha.

Fanfarronadamente persuadido pela quantidade de dinheiro que lhe proporcionaria o livro, o Capitão Gregg fazia a cada noite Lucy se esforçar ainda mais, mantendo-a todas as horas datilografando. Afortunadamente, Cyril que havia voltado para casa para passar um mês em convalescença, tinha um sono muito pesado, mas uma noite despertou e se dirigiu escadas abaixo a fim de beber algo quente. Ao ouvir sua mãe que datilografava no dormitório dirigiu-se para ali.

—Minha querida mãe, o que é que está fazendo? - disse ele olhando-a muito de perto por causa de sua miopia, e havia esquecido de colocar os óculos. - Parece que está escrevendo um livro! - acrescentou.

— Sim! — disse Lucy fazendo apressadamente um rolo com os papeis. Estava no capítulo oito, que tratava das danças nativas em Bali-Bali, em seu tempo.

-Minha querida e pequena mãe! Você está escrevendo um livro, para quê? — disse ele afetuosamente, passando-lhe um braço em redor dos ombros, enquanto ela punha rapidamente a tampa na máquina de escrever, ocultando o papel em que escrevia.

— Para tratar de obter algum dinheiro! — explicou ela apertando contra si o

manuscrito em um montão desordenado.

—Não tinha a menor ideia de que você pudesse escrever.

— Eu tampouco. Mas... volte para a cama querido, que pode se resfriar.

-E uma noite muito quente e eu não tenho sono! - disse Cyril enquanto levantava o seu roupão e se assentava na poltrona.

- De que trata o livro? — perguntou amavelmente.

— Oh! Não creio que possa interessar-lhe! — contestou apressadamente Lucy.

—E a história de uma jovem?

—Não. Mas é melhor que volte para a cama. Já sabe que o doutor disse que tinha de cuidar-se.

-Eu me cuido. Estou perfeitamente bem, e muito quentinho. Continue datilografando e ficarei pouco tempo para não atrapalhá-la, a menos que precise de ajuda... Quer que eu leia as páginas que já passou à máquina?

- Não! Não! Muito obrigada - exclamou Lucy, um tanto violentamente.

-Bom, era apenas uma sugestão. Queria ajudá-la! — disse Cyril com voz dolorosa.

-É muito amável de sua parte, querido, mas estou um pouco nervosa esta noite e não gosto que fiquem olhando meu trabalho.

-Você não deve exceder-se, mamãe!

- Você é muito amável—pensou Lucy, "mas completamente alheio à verdade do assunto."

- Querida mamãe - continuou Cyril sentimentalmente. — Está trabalhando tanto e com tanta disposição para ganhar dinheiro para mim?

-E para Anna - esclareceu Lucy aborrecida com a intervenção.

- Oh! - Naturalmente - disse Cyril muito tenso como sempre que mencionava sua irmã. - Mas não conte muito com o que possa receber ao publicar o seu livro... Quero dizer que há muitas mulheres que escrevem livros em nossos dias.

-Este é diferente! - disse Lucy algo impaciente perdendo a cautela ante o tom superior na voz de seu filho.

-Estou completamente segura do que estou tratando. Entendo que o título de um livro é muito importante.

- Como vai se chamar o seu trabalho? - disse Cyril sorrindo.

-E um segredo, todo livro é um segredo, e eu não estou escrevendo usando o meu próprio nome. Penso que não agradaria ao bispo! — disse Lucy conciliatória.

- Escrever é muito diferente de pintar o rosto, ou exibir o corpo desnudo no palco! - acrescentou Cyril friamente.

- Não vejo o porquê. Penso pessoalmente que exibir a mente desnuda com dúbios ensinamentos pode ainda ser pior.

- As vezes você diz coisas extraordinárias. Você exhibe sua mente desnuda neste livro?

- Minha mente não intervém nisto.
- Minha pergunta é: de que se trata? Pois você tem tido uma vida tão retraída, ainda mais retraída do que a de Jane Austen, e esta foi famosa. Quem poderia ser mais retraída do que Miss Mitford e Granford é um clássico.

- Isso não é à maneira de Granford - acrescentou Lucy.

- Não; suponho que não seja, porque esses são trabalhos de gênio, e seguramente terá que sentir urgência por escrever, apesar de que alguns gênios amadurecem mais tarde do que outros. Eis Bernard Shaw.

-Não me interessa o que possam dizer. O que desejo é que você vá para a cama e durma.

- Já lhe disse que não tenho sono. Alguma vez pensei em escrever um livro, talvez pudéssemos, mamãe, fazê-lo em colaboração. Eu poderia trazer o elemento masculino para sua história.

—Há nela elemento masculino suficiente, obrigada! - cortou Lucy.

- Parece-me que está escrevendo somente para você mesma, confesse, mamãe. Não passará disso. Essa poltrona é muito confortável, você a usa muito? Nesse caso você poderia levá-la para o meu quarto. - Ele se apoiou em toda a poltrona. - Posso levá-la mamãe?

- Não! - grunhiu o Capitão, incapaz de manter-se em silêncio por mais tempo.

- Fique tranquilo, não se atreva a dizer uma única palavra- disse Lucy.

- Foi apenas uma pergunta, lamento, não pensei que você tivesse tanta estima por essa poltrona. Perguntei-lhe se a usava e você me disse que não. Parece-me que não mereço que gritem comigo, de tal forma como foi feito. Se você não quer que eu permaneça aqui, ir-me-ei já.

Cyril ergueu-se enquanto falava e colocando uma mão carinhosa nos ombros de sua mãe, lhe disse:

, — Não trabalhe tanto! Isso não será bom. Se você ficar enferma quem vai cuidar de mim?

- Não vou adoecer. - interrompeu Lucy mecanicamente. - Boas- noites, querido.

- Boas-noites, mamãe. - repetiu Cyril inclinando-se para beijá-la.

- Boas-noites querido! - disse novamente Lucy.

Quando Cyril saía viu que o pingente do cordão de seu roupão balançava suavemente batendo em suas pernas pela parte de trás, igualzinho como quando era menino, e Lucy lhe disse:

-Amarre o cinto, querido...

Parecia o eco de dias passados. O rapaz não ouviu e Lucy permaneceu murmurando.

-Não a ouviu! - interveio o Capitão. - Lamento haver voltado a falar. Mas Cyril já não é uma criança. Ora vejam, quer também levar a minha poltrona.

-Não lhe dê ouvido. Vai ser um grande pastor de almas, que cuidará do espírito de outras pessoas.

- No momento, seus pensamentos estão voltados mais para as coisas materiais. Já se vê entre a mitra de púrpuras de bispo. É jovem e muito ignorante.

- Ignorante? E a bolsa que ganhou?

- Conhecimento e leitura de livros não é sabedoria.

- Temos nosso livro de sabedoria? - perguntou Lucy, colocando o manuscrito novamente sobre a mesa.

-Tem alguns elementos de sabedoria, minha querida.

- Eu levava uma vida sensata. Esta se tomou em uma existência completamente desgovernada. Você chega a certa idade através de naufrágio e desastres em meio a uma voragem. Alguns homens encontram a Deus.

Voaea nacaâct

Capítulo 11 O editor

Cerca de seis meses mais tarde Lucy subia os degraus da oficina gráfica de um editor de Londres. O manuscrito datilografado de "*Blood and Swash*", ela o levava como um pacote sob o braço, pesando como se fosse chumbo. "*Tacket & Sproule*", eram os nomes que se viam em uma placa de bronze colocada sobre a porta que mais parecia uma residência do que uma oficina de imprensa.

K Procure estes senhores, porque publicam livros inabituais - foi o que lhe dissera o Capitão. - Não é uma firma grande, porém tem boa reputação. Pergunte por Sproule que é louco pelo mar... tem um pequeno iate em Boshan e passa nele todo o tempo que pode. É uma pequena e linda embarcação. Leve, pois a ele o livro.

-Não seria melhor mandar pelo correio? - havia perguntado Lucy.

- Creio que você quer que seu nome fique fora disso. Será mais fácil então explicar isso a Sproule pessoalmente do que por escrito. Ele é uma pessoa decente e não deixará de ajudá-la. Sempre pensei que uma entrevista pessoal ajuda muito mais - disse o Capitão.

- Mas não terei de escrever-lhe para pedir uma entrevista?

-Não, leve você mesma. Frequentemente é melhor um ataque de surpresa... farei com que o chefe das oficinas não esteja presente, e assim sendo poderá entrar diretamente no escritório.

- São incríveis as coisas que você me faz fazer! — suspirou Lucy.

- É tudo para o seu próprio bem, minha querida. Eu não poderei usar esse dinheiro.

Agora Lucy se dirigia à porta desejando estar a milhas e milhas de quilômetros de distância. Viu a seu lado uma antiquada campainha que fez soar

trêmula. Nenhum ruído a surpreendeu.

- A porta está aberta, entre... - murmurou o Capitão.

-Vá-se embora, nego-me terminantemente a ver esse homem se você vai interferir como fez no caso do prestamista... Atirarei o livro ao Tâmis se você disser uma única palavra.

-Precaução, minha querida, precaução. Eu não direi uma única palavra, mas você vai ficar ali esperando oito horas se aguarda o som da campainha. Tire-a suavemente e entre minha querida, e não aceite menos de dez por cento por direitos autorais.

Com tal estímulo, Lucy abriu cuidadosamente a porta e penetrou numa sala com uma escada, e lá em cima se via uma porta para esquerda e outra para direita. Essa estava entreaberta, e através dela pôde ver um rapaz de tez pálida sentado numa escrivaninha, aparentemente absorto em um grande livro comercial. Empurrando a porta quase aberta, Lucy penetrou no recinto.

- O senhor Sproule está em casa? - perguntou ela.

— Sim! - respondeu o rapaz sem levantar os olhos.

— Posso vê-lo? — inquiriu Lucy.

— Sente-se — convidou o rapaz.

Um banco corria ao largo de uma parede debaixo de uma estante na qual havia fileiras de livros, com capas alegres, todos publicados por Tacket & Sproule. Lucy leu, *Chãos, Pilgrims in Picardy, My Seven Lives, and Whither*

Uma estufa de petróleo estava acesa na lareira. O pequeno cômodo se mantinha cálido e sufocante, porém Lucy se sentia congelada até a medula dos ossos. Suas mãos, calçadas com suas luvas brancas, pareciam-lhes pegajosas e frias. Colocou o manuscrito sobre os joelhos como se fosse uma criança que se leva para o médico examinar. Olhou fixamente o rapaz, tão intensamente que afinal este se moveu inquieto. Pôs-se em pé e atravessou uma pequena porta de vidro, na parte superior, onde lia o nome Mr. Brandley, impresso sobre um cristal com letras negras e fortes. Bateu na porta e uma voz respondeu:

-Entre!

Ele desapareceu. Tornou a voltar aos fins de alguns minutos e assentou-se ainda sem olhar Lucy. Perguntou-lhe com voz rouca se havia sido chamada.

- Não - respondeu Lucy.

- Então não poderá vê-la - acrescentou o rapaz.

- Não desejava ver Mr. Brandley!

- Entendi! Mas o Sr. Sproule não pode vê-la sem um encontro marcado - disse o rapaz.

- Mas na porta está escrito Brandley! - insistiu Lucy.

- Afirma era Tacket & Brandley. Agora é Tacket & Sproule... Esse senhor está muito ocupado.

O som de um telefone soou sobre os ombros do rapaz e ele se levantou

levando o fone ao ouvido.

- Muito bem! — respondeu laconicamente. — Está bem...

Evidentemente não houve resposta, colocou o fone no lugar e retomou ao seu escritório. A campainha tomou a tocar, com o mesmo resultado, uma, duas, três vezes. Por fim, resmungando, o rapaz levantou-se da mesa e se lançou escadas abaixo.

-Agora, Lucy, minha querida, rápido antes que esse rapaz volte! — murmurou Gregg.

Com o coração batendo selvagememente Lucy se levantou e cruzou a porta com o nome de Brandley. Bateu na mesma, como fez o rapaz e uma voz interior disse: "entre". Ela entrou em um aposento que quase parecia um escritório enorme, onde se encontrava um homem de rosto largo e corado por detrás da escrivaninha. Havia ali mais estantes cheias de livros do que em Tacket & Sproule. Nas paredes ou em qualquer espaço livre, quadros com fotografias das oficinas da empresa. A escrivaninha estava revestida de latão, sobre a qual emergiam papeis como se fossem a espuma de um vulcão.

-Bem! — exclamou Sproule, com seu rosto corado, levantando-se e se aproximando da poltrona, como se estivesse esperando este momento. —Por favor, Miss Gordon, sente-se, nossos leitores gostaram muito de "*Silver Threads*", mas...

- Não sou Miss Gordon - interrompeu Lucy.

-Não é Miss Gordon? - exclamou o Sr. Sproule olhando-a por sobre os montes de papeis. - Miss Gordon tinha esta hora marcada e eu disse ao rapaz que não deixasse entrar mais ninguém.

-Sinto! Eu não sou Miss Gordon — disse Lucy nervosamente começando a desfazer o manuscrito de "*Blood and Swash*", com as mãos trêmulas.

- Se você não é Miss Gordon, quem é?

—Trago-lhe um original — respondeu Lucy ignorando a pergunta.

-Muita gente me traz originais - disse o senhor Sproule, olhando o volumoso pacote que Lucy tinha em suas mãos.

- Como fez para entrar?

- Somente chegando até aqui e entrando.

—Esse rapaz!...

-Ele não tem culpa, não tem nada a ver com isto. Ele disse que o senhor não podia ver-me e então... então foi chamado à porta de entrada e assim entrei!

-A senhora costuma entrar quando dizem que não entre? - perguntou Sproule olhando-a com certa simpatia.

—Não, porém obviamente sabia que o senhor estava aqui dentro. Não via por que não poderia mostrar-lhe o meu original.

-Seu primeiro livro é escrito simplesmente pela senhora? - gemeu Mr. Sproule.

-Sim!...

—Tudo a respeito do amor, suponho.

- Não! — disse Lucy e lembrando-se da linguagem e dos incidentes do livro, pôs-se roxa, erguendo-se.

Como podia ela permitir àquele homem pensar que sabia a respeito daquelas coisas tais como estavam escritas no original? Publicá-lo-ia? Cometera um equívoco?

- Devo ir-me. Nunca deveria ter vindo! - Lucy tartamudeou incoerentemente, procurando colocar as folhas de papel no envelope, com as mãos trêmulas.

- Minha prezada senhora... sente-se bem?

- Não, mas o que lhe disse é a verdade... Quero dizer que um amigo...

- Um dos seus amigos escreveu o livro?

Lucy inclinou a cabeça de modo implorativo.

- Prezada senhora, sente-se, nada há porque temer, nada de nada - disse Sproule com delicadeza e com toda a gentileza convidou-a a sentar-se na poltrona, tomando o original enquanto ela também voltava a sentar-se.

Lentamente começou a folhear as páginas. Sua atenção entretinha-se gradualmente e foi-se transformando até a incredulidade e então se absorveu totalmente, interessado, mantendo sua atenção fixa nas frases que tinha sob os olhos.

Às doze menos um quarto, apareceu o rapaz anunciando a chegada de Miss Gordon. Mr. Sproule disse ao rapazola que comunicasse Miss Gordon que não podia recebê-la; estava ocupadíssimo. Às doze e um quarto o rapaz voltava de novo, comunicando que Miss Gordon ainda permanecia ali e foi expulso com um grunhido. Às doze e quarenta e cinco reapareceu para dizer que Miss Gordon se fora e à uma e meia voltou para comunicar que sairia para o almoço.

-Almoço! - disse Mr. Sproule como um eco. — Que horas são?

-Uma e meia - informou o rapaz.

- Mande que me sirvam numa bandeja e não quero que ninguém me moleste! - disse Mr. Sproule sem levantar a cabeça.

-Adupla, como habitualmente? - indagou o rapaz lançando, pela primeira vez, um olhar a Lucy, a qual se mostrava pálida e tensa na dura poltrona de madeira.

- Qualquer coisa, qualquer coisa! - resmungou Sproule distraidamente.

Pouco depois apareceu um silencioso camareiro com uma imensa bandeja carregada de pratos de metal cobertos e dois jarros, que colocou sobre as bandejas envoltas em guardanapos, saindo logo a seguir tão silenciosamente como havia entrado.

-Não deseja almoçar enquanto a comida está quente? - perguntou a Lucy que se encontrava faminta, pois havia tomado, nesse dia, apenas um pequeno desjejum e muito cedo.

—Então? - perguntou Sproule.

-De sua própria refeição? - exclamou Lucy exasperada pela fome e vencendo toda a sua timidez.

-Como? - exclamou Sproule erguendo os olhos e olhando-a com muita surpresa, como se fosse uma nova espécie humana em uma ilha deserta.

E, como que regressando de remotas paragens, acrescentou:

- Procede sempre assim?

- Naturalmente...

-Naturalmente! Céus! São catorze horas em ponto e alguém nos trouxe algo para comer. Acompanha-me?

Ergueu a cobertura dos pratos oferecendo a Lucy carne, pudim de rim, purê e couve-flor. Aproximou dela um jarro de cerveja. Com outro prato idêntico à sua frente, tomou o jarro de cerveja e virou um bom trago.

—Extraordinário! — exclamou tomando a colocar o jarro na bandeja. - Muito interessante este livro. A princípio pensei que a senhora fosse uma temperamental e que realmente o havia escrito. Mas, certamente, não lhe posso atribuir tal feito. E um livro escrito por um homem, Deus do Céu, e que homem! Onde se encontra ele agora?

-Oh! Não estou segura... - gaguejou Lucy e tomando o jarro tomou também um gole de cerveja. — E muito forte! - disse fazendo uma careta.

-Certamente, pois se trata de uma velha cerveja. A senhora teria preferido vinho? Lamento muito, porém estava realmente absorvido por este livro... o que não quer dizer que iremos publicá-lo - acrescentou cautelosamente. - Gostaria de conhecer o autor. Onde poderei encontrá-lo?

- Ele não deseja que o vejam. Deseja permanecer no anonimato.

-Ora, tolices, prezada senhora. Eu preciso vê-lo. Sinto esse homem em meu próprio coração.

- Lamento! - disse Lucy com desespero. - Mas o senhor não poderá vê-lo. Não está visível, está...

-Ah! Já entendo, já vejo! - acrescentou Sproule com um olhar significativo às botas negras que Lucy usava sempre que viajava para Londres. - Já vejo... me parece que faltou-me o tato. Receba os meus sentidos pêsames. Já entendo perfeitamente.

- O senhor não me entende e temo que não possa explicar-me - disse Lucy algo exasperada por tanta solicitude não desejada e, além disso, com um começo de dor de cabeça motivada pela cerveja forte a que não estava acostumada.

Mr. Sproule, com uma curiosa expressão em seus olhos, disse lentamente:

- Então, necessariamente não tenho nenhuma pergunta a mais a ser feita acerca do misterioso autor.

- Nada de mais perguntas - disse Lucy acrescentando - O bife está excelente e, igualmente, o pudim de rins.

I São realmente especiais! — disse Mr. Sproule. - Mas agora precisamos falar

de negócios. Caso nos decidamos a publicar o livro, com quem devo comunicar-me?

- Oh! Pobre de mim. Deve o senhor comunicar-se comigo. Não poderia eu vir ao seu encontro?

- Vai ser um pouco difícil fazer os cheques... É hábito fazerem-se os cheques nominais. Não podem ser emitidos para um senhor X — disse Sproule.

- E não poderia pagar-me em dinheiro? - indagou Lucy.

- Seria difícil e nada satisfatório. Vamos, prezada senhora, tem que confiar em mim. Seu nome permanecerá ignorado para todas as pessoas, exceto por mim. Seu segredo estará perfeitamente seguro em minhas mãos.

- Pensarei nisso. Voltarei na próxima semana e far-lhe-ei saber o que resolvi - disse Lucy e se foi antes que o editor pudesse detê-la.

* * *

-Esse senhor fala como se conhecesse o nosso segredo. Tê-lo-ia escutado?— dizia Lucy ao Capitão.

— Eu o ouvi minha querida. Oh! Lúcia, você é realmente muito inocente apesar dos seus anos.

— Que quer dizer?—perguntou Lucy.

— Minha querida, obviamente esse senhor pensou que eu era um ser humano e além do mais, seu amante... - asseverou o Capitão.

— Oh! Não pode ter pensado tal coisa... Não irei mais lá... É um desrespeito para uma mulher idosa como eu - exclamou Lucy.

—Idosa? Condenada seja! Você não tem cinquenta anos ainda, e é essa a idade em que a maioria das atrizes começam a interpretar Julieta.

— Eu não sou uma atriz! - protestou Lucy.

— Não, renegadamente, você não se dá conta, mas é uma mulher muito atraente; os pensamentos do Sr. Sproule não me surpreendem.

—Nunca mais voltarei a falar-lhe—afirmou Lucy.

— Oh! sim, você o fará. Se você não o fizer eu mesmo o visitarei e então tudo terminará em fogo.

— De qualquer maneira talvez não publiquem seu ambicioso livro.

—Ele o publicará e será um grande sucesso. Recorde bem minhas palavras - asseverou com complacência o Capitão.

Capítulo 12 Blood and Swash

Poucos meses depois foi publicada a história do Capitão Gregg. Não houve necessidade de Lucy vender parte dos seus pertences para poder fazer frente aos seus gastos. Anna já podia ganhar algum dinheiro no Sadlers Wells Theatre.

Nem com Cyril que havia terminado o curso de Sociologia e ficara noivo da filha do bispo, à qual a avó havia deixado uma renda anual de mil libras. Não, indubitavelmente Lucy não passou necessidades, até que se solucionaram todos os problemas, com a edição do livro.

Entre a redação do livro do Capitão Gregg e a publicação por Sproule, haviam surgido profundos desacordos, que foram sanados através de Lucy, cuja afinidade estava principalmente com a de Mr. Sproule. Este sustentava que deveriam ser trocadas algumas palavras, embora a substituição modificasse o tom do livro, pois que a firma Tacket & Sproule não deveria ver-se envolta em litígios ou que o livro fosse proibido pela censura.

- Diga ao Capitão que se fosse por mim não substituiria as palavras -disse o Sr. Sproule, em uma das muitas visitas que Lucy lhe havia feito em seu escritório. — Mas nós outros corremos os riscos publicando-o tal como está.

- Diga a Sproule que este é um país livre, e que eu escreverei o que demônios me ocorreram! - bramira o Capitão, quando ela voltou a "*Gull Cottage*

- Se eu pudesse entrevistar esse homem! — disse o Sr. Sproule.

- Deixe-me falar com o camarada - solicitou o Capitão, mas Lucy recusou terminantemente.

Instintivamente sentiu ela que se alguma pessoa chegasse a conhecer a sua assombrosa conexão com o fantasma do Capitão, todo mundo contribuiria, ao se falar nisso, a colocar um fim a toda à sua tranquilidade e isolamento.

-Então fará o soçobro real de "*GullCottage*" - advertiu Lucy ao Capitão, explicando que ele não poderia suportar a publicidade.

Uma noite, esgotada, cansada, depois de um dia agitado, tormentoso, nos encontros com os dois homens, disse ela:

- Indubitavelmente não estou segura de que prosseguirei nesta empreitada, pois estou exausta.

Esta ameaça alarmou tanto o Capitão que teve amargas e lamentosas queixas. "*BloodandSwash* ", entretanto foi publicado e as primeiras edições venderam-se rapidamente. Os direitos para um filme cinematográfico foram negociados por uma soma vultosa, no outono, quando, também, ocorreu o casamento de Cyril com Célia Winstanley.

A reunião foi realizada na casa da noiva, ornamentada com motivos de alianças nupcias. Para surpresa de Lucy todas as pessoas presentes discutiam o livro. Foi ela uma convidada à parte. Sentada à direita do bispo, como na ceia da noite anterior, ela se sentiu—congelada, horrorizada com a situação em que se encontrava, sem poder dizer palavra.

-Um livro terrível! — disse o bispo, citando ligeiras observações, quando não fazia soar a campainha de serviço posta na grande mesa, como se aquilo fosse um officio religioso.

- Que livro é esse? - perguntou a velha senhora Parmister que se encontrava

do outro lado do bispo.

- Ora! "*Blood and Swash*" Mrs. Parmister. Não posso explicá-lo de maneira decente. E não sei como uma editora de escol se tenha prestado a publicar esse tipo de literatura... — explicou o bispo.

- Confesso que me agradou - confessou o bispo colonial que se encontrava à direita de Lucy.

Era um primo distante do bispo Winstanley, a quem não via há muito tempo, mas como estava de férias presenteara Célia com um dente de elefante trabalhado. Por esse motivo fora convidado para as bodas.

- Há algumas descrições magníficas em muitos capítulos e a moral que expressa é sadia - prosseguiu dizendo.

- Pagã, eu a chamaria — interveio Cyril.

- Completamente pagã! — acrescentou Célia, uma jovem de cabelos claros, vistosa, educada em aparência e maneiras, que deu a Lucy a impressão que tivesse sido criada em uma caixa de cristal, sem haver tido nenhum contacto com o mundo.

- Célia querida, não fazia a menor ideia de que você tivesse lido esse livro obscuro! - disse agitada a esposa do bispo do outro lado da mesa.

Era uma pequena mulher mal-humorada, sempre disposta a tratar, em vão, de ter uma companhia onde quer que estivesse.

- Na realidade, não existem nestes dias bons livros que nos deslumbrem - disse Mrs. Parmister como em um suspiro. — Como, por exemplo, sucedeu com "*The Rosary*", escrito pela querida Florence Barclay.

- Na realidade não, nos deslumbramos com realismos e nem os desejamos nesses dias modernos! — disse o bispo. — Mas tampouco desejamos que nossa literatura se veja mesclada na lama, em sórdidos detalhes.

- De minha parte nunca li nada que não seja o "*Times*" e o "*Thackeray*" — dizia Everad Parmister.

- E Dickens - mencionou Eva, que também estava na reunião com um pálido vestido cor-de-rosa e suas ametistas.

- Não senhora, Dickens escreveu para gente vulgar e não para os cavalheiros — replicou Everad.

- Quem escreveu "*Blood and Swash?*" — alguém perguntou a Cyril. - Alguém o conhece?

- O autor prefere permanecer no anonimato - salmodiou o bispo. - Amim pelo menos não me surpreende. O capítulo decorrente em Marselha é muito chocante e não seria nada estranho que este livro saia de circulação. Escrevi aos periódicos sugerindo-lhes tal coisa.

- Será esse um meio seguro para aumentar a sua venda. Não há nenhuma dúvida de que o autor ficará muito agradecido a você, Herbert... Suponho que seja necessário incrementar a sua venda, pois noto que todas as pessoas

presentes leram o livro! - disse o bispo colonial.

—Eu somente o folheei.

—Uma pessoa precisa conhecer para condenar...

—Eu queimei esse livro...

—Apenas dei uma olhada na primeira página.

"Uma tormenta de agudos cochichos e protestos se ergueu, como o das gaivotas no mar" pensava nervosa Lucy, em frente ao seu prato, até que o bispo pronunciou o sonoro final.

—Terminando, parece que nenhum de nós jamais abriu o livro. Em especial Mrs. Muir que não se aventurou a fazer nenhuma crítica.

— Mamãe nunca leu nada, a não ser livros de culinária de Mrs. Becton, e "Home Chat" apesar de que uma vez começou a escrever um livro. Que fim teve esse trabalho mamãe? - disse Cyril com afetada satisfação.

—Não aborreça sua mãe, Cyril! - reprovou Célia.

—Por acaso nenhum de nós nunca tentou transcrever nossas personalidades e situações sobre o papel? Diz-se que todo homem e toda a mulher traz um livro em si mesmo! — disse o bispo colonial, acrescentando - Eu escrevi o meu quando tinha dez anos e se chamava "*Black Ben's Booty*", e o redigi em minhas classes de sagrada escritura, na escola preparatória.

—Paizinho está escrevendo um livro agora! - exclamou Célia, e as gaivotas do mar voltaram a pipilar novamente entre amortecidos gritos.

—De que se trata?

—Que maravilhoso!

—Nunca descansa!

—E infatigável!

—Insisto em que gostaria de conhecer o autor de "*Blood and Swash* Suponho que seu editor deve saber quem é - prosseguiu o bispo colonial.

Eva intercedeu:

- Para dizer a verdade, um amigo meu que é uma grande autoridade, disse que o autor é um entrevado e que nunca esteve no mar em toda a sua vida.

Então se produziu um curioso estampido, justamente quando Eva terminava de falar. Espalhou-se como um golpe de ar que passou pelo salão, soprando e apagando as altas velas que ardiam sobre a mesa. Cerrou a porta a golpes no rosto do mordomo que levava uma bandeja de vinho. Mrs. Muir sentiu-se tão afetada que caiu de costas tendo de apoiar-se sobre o ombro do bispo, aparentemente num desmaio de morte.

* * *

- Como se atreveu?.. Como se atreveu?.. — exclamou Lucy recostada sobre o sofá do dormitório, ao qual foi levada pelo bispo.

Ali se sentiu reanimada, cheirando sais, graças às atenções da Sr¹ Winstanley. Ali foi deixada a seu próprio pedido, para poder recuperar-se.

-Você prometeu que se viesse não diria uma única palavra.

-Eu não falei, mas demônios, Lúcia, isso era demasiado! Chamar-me entrevado e que nunca estive no mar... Isso foi demasiado, depois de todos esses comentários fúteis! Se você pudesse tê-los visto a todos na intimidade das suas habitações, lendo com avidéz o episódio de Marselha... Todos, exceto o bispo e sua esposa, que leram o livro, não chegaram ao final, pensaram que se tratava de algo assim como "*Blood and Sand*", que ocorreu entre corridas de touros... Hipócritas! — exclamou o Capitão.

-Por favor, quer ir-se embora? - disse Lucy friamente.

Não levando em conta o pedido, o Capitão prosseguiu:

- Lúcia, minha querida, penso que temos estado equivocados com relação ao bispo... Não o havia escutado antes. Convenho em que parece um camelo e tem a aparência de uma minhoca, mas ao menos é genuíno e se deixaria matar por suas convicções. É muito melhor que seu primo, o bispo colonial George, que está atuando tanto tempo como um profundo cristão, enquanto suas crenças se voltaram em outra direção.

— Por favor, vá-se embora e não se aproxime senão depois das bodas. Não confio nem gosto de você; em resumo, você me desagrade muitíssimo. Portou-se como um torvelinho! — recriminou Lucy.

—Winstanley está por escrever aos periódicos acerca desse terremoto — disse o Capitão rindo. — Fui chamado de muitas maneiras em minha vida, porém de terremoto, nunca. Como gostaria que você tivesse visto o rosto dessa gente. Em muitos anos não ri tanto como quando o mordomo derramou todo o vinho do Porto sobre o peito da camisa... "Quem matou o galo de peito colorido?"

—Você disse que eu estou no jardim de infância. Digo-lhe que você não passou da época das fraldas — disse severamente Lucy.

— Eu sei... Eu sou mau e não creio que possa melhorar. Lamento tê-la posto em todas essas dificuldades, como quando teve que aparentar um desmaio.

—Preciso pôr em ordem meus pensamentos para que possa ser eu mesma, e falar com franqueza com você—disse Lucy.

— Foi um pouco árduo para George ter que transportá-la escadas acima.

—Eu peso exatamente quarenta e oito quilos e quinhentos gramas, o que não constitui muito peso — defendeu-se Lucy.

— Talvez não seja problema para uma pessoa treinada em levantar peso, mas é completamente diferente fazê-lo escadas acima depois de uma cena como aquela. George bufava como uma baleia.

— Falando de levantadores de peso, contei-lhe alguma vez acerca do circo que levei à América do Sul no *Esmeralda*?

— Já ouvi tudo que tinha que ouvir acerca de seu passado. Isso me tem produzido grandes dificuldades e provavelmente outras maiores ainda. Por favor, pode ir-se e deixar-me descansar?

— De qualquer forma o meu passado vai brindá-la com uma boa renda! — afirmou Gregg.

— E eu a deixarei toda com a mansão "*Gull Cottage*", e também às damas pobres se você não se for e prometo não voltar por aqui.

— Deus nos ajude, também eu creio que você o faria. Perfeitamente, ir-me-ei... e sua voz se desvaneceu em um sibilar deixando Lucy a sós.

Mas por pouco tempo, porque no momento seguinte a porta se abriu e apareceu Eva. Fechando os olhos Lucy quis simular que se achava adormecida, mas teria que ser mais do que um sono para dissuadir Eva em sua determinação misericordiosa. Arranjou-lhe os travesseiros sob a cabeça, cobriu-lhe o corpo com a manta e tirou-lhe os sapatos, como para fazer levantar a um inválido genuíno. Em sinal de protesto, Lucy se mantinha inerte e dando um suave ronco aparentou dormir muito bem. Em seguida, mal-humorada, Eva se foi na ponta dos pés. Então Lucy dormiu realmente.

O relógio, colocado sobre a lareira, estava batendo onze horas quando despertou ao ouvir golpear a porta.

- Entre! - disse sonolentemente, e quando a porta se abriu Célia e Cyril entraram no quarto com fisionomias tão solenes como se fossem encontrar com a morte.

- Como se sente, mamãe? — perguntou Cyril com voz suave.

- Perfeitamente bem, querido — respondeu Lucy ainda meio adormecida.

- Ainda bem que você diz isso, mas eu estava achando que fora melhor chamar um médico; Cyril me disse que nunca soube que a senhora sofria esses desmaios antes — disse Célia.

- Desmaio? - exclamou Lucy com surpresa. Então de pouco em pouco voltou à realidade acrescentando — Oh! sim, naturalmente... Mas agora me sinto perfeitamente bem, dormi com toda tranquilidade.

- Deu-nos um grande susto! — disse Cyril.

- E realmente foi alarmante a forma como se apagaram todas as velas... O bispo pensa que foi uma espécie de tremor de terra.

- Um verdadeiro tremor de terra - afirmou Lucy.

- Se você se sente realmente melhor, permitir-nos-ia ficar um pouco aqui para uma pequena conversa, mamãe? Permite-me chamá-la por mãe, Mrs. Muir? - rogou Célia.

- Pode chamar-me como mais lhe agradar - respondeu Lucy, e acrescentou - "Querida", para não parecer muito brusca.

- Obrigada, mamãe. E agora permita-nos sentar e ficar acomodados!

- disse a moça atraindo Cyril para a beira do assento que ocupava.

Lucy pensou que podiam sentar-se um ao lado do outro, mas estarem acomodados era duvidoso. Para logo estavam sendo esperados os móveis, como ditava a moda, os quais dariam a Célia e Cyril uma comodidade que lhes conferiria

uma maior intimidade e o conforto que o mundo moderno requeria. Todavia, eles estavam muito bem assim, um ao lado do outro.

Talvez aquilo os incomodasse um pouco, mas era só uma minúscula parte das grandes emoções. Como, por exemplo, era a chama vacilante do fogo em relação ao calor elétrico que brilhava às suas costas. Era certo de que não havia sujeira nem pó, por falta de cinzas, mas com uma volta de chave podia-se tomar tudo em uma morta obscuridade; em troca um fogo de carvão produzia um grato calor, mesmo quando em brasas moribundas.

-Nós queremos o melhor para todos, mamãe. - disse Célia terminando um largo discurso, olhando fixamente Lucy com seus pálidos olhos azuis que pareciam estar analisando o custo da roupa que usava até às peças mais íntimas.

Cyril disse:

- Poremos em seguida a mansão "*Gull Cottage*" nas mãos de uma imobiliária.

- Quê? — exclamou Lucy sentando-se de um salto na cama e voltando à completa realidade.

—Estávamos dizendo-lhe, mamãe, que não é correto que você viva sozinha nessa casa desolada de Whitecliff — acrescentou pacientemente Cyril. — Apesar de tudo, querida, você não é mais tão jovem... —Tenho escassamente cinquenta anos! — exclamou Lucy.

-Não é muita idade nos nossos dias — disse Célia com muito tato. — Mas demasiada idade para viver sozinha e fazer todo trabalho, especialmente se a senhora é propensa a esses desmaios, não pensa assim?

—Eu não sou propensa a desmaios. Nunca desmaiei na minha vida!

— afirmou Lucy.

—Até esta noite! — acrescentou Cyril.

- Isso não foi nada! - disse Lucy.

- Não há nenhuma utilidade em que você sej a tão valente por isso, mamãe - intercedeu Célia.

- Eu não sou valente. Somente tive um... breve sobressalto. Talvez tenha tomado muito vinho - disse alternadamente Lucy.

- Você tomou só um copo, mas isso não pode ser contado nesse caso... Não, querida mamãe, Cyril e eu pensamos que você não pode viver sozinha e fizemos um plano. Irá viver em *Whitchester* conosco.

- No próprio e velho lar que papai edificou para você! - acrescentou triunfantemente Cyril.

- Sim, isto era um segredo. Paizinho me inteirou há um mês que havia necessidade de um cura em *Saint Swithins*... Você sabe, sobre a montanha acima da velha casa... Meu pai me perguntou se gostaria, como presente de núpcias, que Cyril fosse nomeado para *Swithins*, e nós outros, sabendo que *Yvybank* estava à venda pedimo-la e ele a comprou para mim. Assim, você vai viver conosco.

-Mas, Cyril, que loucura, não vai ter de estar em *Saint Swithins* para sempre!

- exclamou Lucy assustada e incapaz de acalmar-se completamente, ante o interesse dos rostos.

- Eu acredito que não. É muito bonito ter um lar estabelecido para nele morar - opinou Cyril.

- Estando conosco tê-la-emos sempre à vista e poderemos deixar a senhora tomar conta das crianças quando desejarmos fazer uma excursão - acrescentou Célia.

-É muito bom da parte de vocês pensarem nisso, queridos - disse Lucy procurando demonstrar uma fervente gratidão em sua voz, o que estava longe de sentir. - Mas isso não pode ser, a gente jovem necessita ter a sua própria casa.

- Mas essa seria nossa própria casa! - insistia Célia.

- Com uma sogra nela! - acrescentou Lucy.

- Poderemos viver perfeitamente bem. Eu sei que poderemos... - disse Célia.

- Você não pode saber como se sentirá com uma pessoa no desjejum durante os sete dias da semana. O ideal seria que tivessem um almoço e uma ceia ocasionalmente comigo.

- Virei amanhã tomar o desjejum com você e veremos assim como tudo ocorrerá! - sorriu Célia.

Lucy sacudiu a cabeça:

- Não - disse - vocês são umas crianças muito amáveis, considerando-se obrigadas para comigo, mas as coisas estão melhor como estão.

- Não é uma obrigação, mamãe. Queremos que você venha conosco! — exclamou Célia com um sorriso sutil nos lábios.

Lucy pensou :

"Próprio de uma moça malcriada que sempre faz o que quer"...

—Não! — disse ainda mais firmemente. — Eu sou uma velha egoísta com determinados e próprios costumes que não são os desta geração.

- Poderia ter o seu próprio apartamento - disse Cyril.

- É muito amável de sua parte pensar assim, mas eu permanecerei onde estou em "Gull Cottage

- Sua mãe está cansada, querido — disse Célia, com aspereza. - Voltaremos a falar nisso em outro momento; talvez paizinho possa dissuadi-la sobre o que seja melhor fazer.

—Talvez ele possa — disse Lucy sem maior convicção na voz, enquanto oferecia a face para receber o beijo de boas-noites.

"Mas eu poderia apostar que seria necessário mais de um bispo para fazer-me mudar de ideia!" pensava para si Lucy enquanto eles saíam do cômodo.

Capítulo 13 O bispo

No alvoroço dos últimos momentos da pomposa boda, Lucy esperava poder

escapar aos conselhos do pai de Célia sobre como fazer-se as coisas corretamente.

Fez o desjejum no dormitório e permaneceu reclusa até que o som do gongo chamou para a ceia fria, preparada no escritório do bispo, visto que a sala de jantar havia sido preparada justamente para a cerimônia. Ali se escondeu com o prato de língua fria por detrás de um busto de Milton, até que foi vista pelo primo George que tinha um prato de salada de frutas nas mãos e uma torrente de informação concernente aos costumes dos casamentos dos bantos, o que a manteve completamente muda até que saíram para o serviço religioso na catedral.

Era um dia frio, de sol brilhante, nos começos de outubro. Os raios do astro se refletiam contra as empoeiradas vidralhas de cor, através das janelas de vidros manchados que iluminavam Célia e sua comitiva, com seus brancos vestidos como se a cena não se passasse no presente, mas fosse uma tranquila imagem do passado, e a velha catedral se houvesse mantido fechada desde o século de sua construção, para adquirir hoje o poder de transformar todos os seus ocupantes.

"Que estranho!" — pensava Lucy. Quão grande e duradouro é o trabalho da mão e da mente do homem. Olhava para cima admirando o teto abobadado. Ouvia sons de uma música que a envolveu. Sentindo-se diminuta e humilde, porém elevando-se espiritualmente para além do pequeno formigueiro de que fazia parte. O Capitão Gregg esteve por perto, pois havia algo de grandioso e magnífico no bispo.

Na mesa, comendo, podia ser uma estrepitosa sirene soando, mas ali tudo se harmonizava dando à sua voz a ressonante tonalidade do órgão, em estilo medieval, ao pronunciar as palavras que uniam em sagrado matrimônio sua filha com o filho de Lucy.

Esta não queria abandonar o banco da igreja depois de terminada a cerimônia. Não quis reunir-se ao burburinho da multidão que se agrupava em redor do novo par, brindando por sua felicidade, com *champagne*, fatias de torta e fazendo sutis votos. Foi demasiada rápida a queda do sublime ao ridículo até ao banal. Se Arma estivesse ali entenderia, mas, apesar de Cyril haver sido persuadido que a convidasse, essa teve um espetáculo e não pôde encontrar-se presente.

Quando os noivos foram levados à estação onde tomariam o trem para Londres, em sua viagem para Roma, Lucy tão pronto quanto pôde deslizou rapidamente escadas acima até o quarto em que se hospedava, evitando Eva que estava sob uma palmeira no vestíbulo, entretida contando ao primo George tudo quanto ele não queria escutar acerca da dança Morris; evitando a Sr⁴ Winstanley que agitava um lenço azul que tinha desejado que Célia usasse na cerimônia civil do casamento; sobretudo evitando ao bispo e suas ideias sobre a retidão de caráter. Haviam-na convidado para passar ali o fim de semana mas ela se apressou a dispensar o convite. Alegou que tinha que voltar à sua casa, pois havia

deixado a sua cachorrinha com o jardineiro e não estava segura de como havia sido atendida por este, o que era uma difamação para o bondoso homem que ia meio-dia por semana molhar o jardim; também se difamava a si mesma fazendo-se parecer como uma dessas tontas e fanáticas mulheres com os seus cachorros e que não podiam se separar dos seus mais do que vinte e quatro horas.

Ia ser levada à estação para tomar o trem de Whitecliff às seis menos um quarto, e quando eram cinco horas Lucy já havia trocado as roupas para a viagem e fechado sua mala. Mas se acreditava haver evitado o bispo, se havia equivocado, pois neste momento ouviu um golpe na porta, e a criada informou-a de que o bispo se encontrava em seu escritório e que muito lhe agradaria se ela pudesse dispensar-lhe alguns minutos para conversar.

O escritório havia sido posto em ordem rapidamente voltando de certo modo à normalidade, mas assim como a tormenta deixa a sua marca por sobre a linha costumeira, assim a boda havia deixado pelos cantos as sobras da festa. Um copo de *champagne* se achava sobre um pedestal sob a imagem de um escuro bronze de Milton; uma cinta de prata tecida ornamentava um candelabro de bronze sobre a lareira; uma gardênia murcha jazia sobre o porta-fogo da lareira misturando sua exótica fragrância com o cheiro do couro, e o cesto de papeis se encontrava pelas bordas, cheio de papeis.

O bispo levantou-se de sua pesada cadeira por detrás da maciça escrivaninha, onde o pequeno peso de papeis guardava sermões para os dias seguintes. Saudou Lucy e lhe designou uma poltrona que estava perto da sua, sentando-se novamente. Quando ela se acomodou pôs-se sem nenhum preâmbulo a expor as ideias de Célia para o futuro.

Lucy pensava sentada docilmente na poltrona de couro vermelho:

"Se os bispos se mantivessem somente à distância esplendorosa das catedrais, em vez de meterem-se no cotidiano dos lares, quanto melhor fariam auxiliar as pessoas para que continuassem vivendo como lhes aprouvessem. Resultava assim numa grande perda de tempo desse pobre homem digno de ser escrito nas brancas páginas que estavam à sua frente. Se apenas se interessasse por seus próprios assuntos e a deixasse com os seus!"

Mas obviamente ele se achava combinado com Célia e sem nenhuma dúvida com Eva no sentido de que Lucy deveria ser resgatada do incêndio derradeiro; essa viúva que desejava viver fora do comum.

"Usava o bispo uma indumentária especial como aquela que havia posto, por que os bispos usavam sempre aparatos?" — perguntava-se Lucy. - "Eram vestígios do passado quando eles deviam estar preparados para quaisquer circunstâncias, em qualquer momento, mesmo durante as tormentas ou inundações para ajudar alguma ovelha desgarrada do redil?" - pensava Lucy imaginando-se em tais circunstâncias e se deu conta de como era difícil imaginar até onde podia conduzir a sua consciência.

—... estou seguro, Mrs. Muir, que por esse caminho a Sr^o estará de acordo comigo — e finalizou assim o bispo - Eles estão pondo o seu bem-estar com esquecimento de suas próprias pessoas.

Lucy voltou a pensar no assunto que estava tratando. Não se encontrava bem segura do que se dizia. Recordava sua conversa sobre os bebês desejados e deixados com ela para as excursões de Cyril e Célia, enquanto naturalmente ela podia deleitar-se com o ser uma boa avó, mas não tinha intenção nenhuma de converter-se em governanta. Mas, podia ela mencionar isso, a respeito de crianças que nem haviam ainda nascido, a um parente recém-adquirido escassamente algumas horas sem ferir sua puritana sensibilidade? Embora ele sem ruborizar-se, havia declamado na catedral diante de uma grande congregação, as ideias da igreja medieval sobre o matrimônio e a procriação, ela duvidava que essas palavras podiam ser tão aceitáveis para ele na intimidade de seu escritório.

— Célia e Cyril são muito amáveis e cheios de consideração, mas tenho a impressão de que seria uma carga para eles! - murmurou Lucy.

—A Sr^o não será uma carga, Mrs. Muir, tendo em conta a distância e a realidade de estar vivendo em uma casa solitária com um débil coração e...

— Meu coração está perfeitamente forte, graças a Deus! - disse Lucy agudamente porque afinal de contas o homem estava fazendo o que considerava melhor.

— E, verdadeiramente estaria muito longe de ser uma carga. Poderia trazer uma grande ajuda ao jovem par, porque, como diz S. Paulo no segundo capítulo de Títo: "Também as mulheres de idade devem estar em condições de graça, não sendo falsas acusadoras, não dando demasiado vinho, mestras das coisas boas. Devem ensinar as mulheres novas a serem sóbrias, serenas, amar a seus esposos, amar a seus filhos, ser discretas, castas, boas donas-de-casa, obedientes para com seus maridos, que a palavra de Deus não seja renegada".

— Oh! Não poderia ensinar a Célia estas coisas, não posso ensinar nada... Quero dizer que o senhor educou-a bastante bem. — disse Lucy.

- Fizemos o melhor. - disse o bispo modestamente. — Mas, os jovens estão em grande desvantagem no casamento, porque nunca tiveram que compartilhar a vida intimamente no caso da procriação e de compartilhar hábitos, coisas que não se adquirem facilmente, recém-saídos da puberdade.

"Oh! Querido senhor" - pensava Lucy. - "É um bom homem e faz sentir-me muito pequena, visto que neste assunto só estava pensando em mim em primeiro lugar, em minha pessoa. Se não vou logo, ficarei de acordo com tudo o que digam. Egoísta ou não, e eu não sei se estou contentando a todos, ou se vão se sentir desditosos. O problema é que este homem fez avaliações de tempo. Pensa em mim como uma velha, quando realmente sou muito mais jovem, em muitos aspectos, do que Célia, e eu não teria sobre ela mais influência do que um

fonógrafo fora de moda.”

- Não tome nenhuma decisão apressada, vá e pense! - disse amavelmente o bispo.

- Sim, por certo eu o farei! - disse Lucy fervorosamente. - Pensarei muito cuidadosamente e será um prazer dar uma resposta ao senhor... - deteve-se abruptamente.

Resultava impossível dizer haver pensado no assunto como um camelo, um pomposo e real camelo...

- Gostaria de dizer-lhe o quanto aprecio tudo o quanto me disse, e sinto-me feliz por tê-lo conhecido melhor—encerrou dizendo Lucy.

Nesse estado emocional de cordialidade, esteve a ponto de mencionar a Anna, na esperança de que poderia ser resolvido o seu caso através de entendimento, mas foi então que surgiu um criado informando de que a condução estava esperando na porta para levá-la à estação. “Melhor foi que este nos interrompera” pensou Lucy. “—Porque São Paulo não teria complacência nos seus textos conformistas para com as bailarinas. E o bispo era em muitos aspectos como S. Paulo.”

Capítulo. 14 Mãe e filha

- “Terei um tranquilo descanso até a hora do almoço. Não haverá nada nem ninguém que me moleste” - dizia Lucy na manhã seguinte enquanto permanecia na cama com Miss Ming esquentando-lhe os pés. Mas estava equivocada porque quando ainda estava meio adormecida, uma condução se deteve em frente ao portão e a voz de Anna lhe chegou através da janela aberta.

- Está bem *querido* - dizia Anna - volte ao meio-dia e me levará para almoçar fora.

“Quem era *querido*?” - perguntou-se Lucy. Anna tinha muitos amigos porém ela não podia ver a filha por detrás das cortinas da janela. De qualquer modo seu *querido* ia voltar ao meio-dia; então poderia vê-lo. Sua filha tinha sua própria chave e podia entrar. Lucy deslizou rapidamente para fora da cama e começou a passar um creme de pele. O gostoso creme de noite que Anna lhe havia trazido de sua última visita. “Enganosa sem dúvida..- pensou enquanto continuava untando-se para que sua filha não se sentisse ferida se chegasse a ver que o pote de creme estava ainda por abrir.

- Mãezinha... mãezinha, onde está você? - chamava Anna do andar de baixo.

- Aqui em cima, querida, disse Lucy arrojando seu velho e favorito chinelo sem salto para de baixo da cama, e vestindo uma formosa e elegante bata com que Anna a havia presenteado em seu último aniversário. De volta de seu toucador se pôs a alisar os cabelos com uma escova de marfim, quando a jovem entrou precipitadamente no quarto. Abraçou sua mãe calorosamente e assentou-

se na cama, abraçando também o cachorrinho.

—Velha mulher pensativa, esta folgando na cama a esta hora, nesta esplêndida manhã cheia de sol.

—Estou um pouco cansada depois do casamento — disse Lucy limpando o creme que havia posto um minuto antes.

— Quero ouvir tudo acerca do casamento — exclamou Anna.

— Célia estava como um sonho da moda, vestida em seda branca, e Cyril parecia um corvo todo em negro... tão funesto...

— Um corvo em uma boda? Mas eu esperava que houvesse uma multidão de corvos entre os convidados... Você deveria parecer um figurino com este vestido azul. Como estavam vestidas as damas do cortejo? Graças a Deus que não me pediram para ser uma delas. Não é por falar mal; eu lhes teria enviado um carinhoso telegrama e uma bandeja de prata. Que presente você lhes deu?

— A Célia dei um colar de pérolas.

—Aquela que parecia feita com lágrimas e que foi herança da avozinha? — perguntou Anna com interesse.

—Mandei fazer uma montagem nova. A Cyril dei um cheque para a lua-de-mel.

— Repentinamente sentiu um sentimento de surpresa que a fez compreender que Cyril levava sua noiva a Roma com as primeiras rendas de "*Blood and Swash*", e começou a rir. Se ele pudesse saber!... Porém ela não o diria nunca.

— O que sucedeu de mais interessante? — perguntou Anna sorrindo. —Nada, querida — disse Lucy. — Ela não poderia dizer a Arma com que carinho desejava compartilhar os segredos com ela, pois que Anna havia chamado alguém por *querido*. A reticência nunca havia sido o ponto forte de sua filha em relação àqueles a quem amava.

—Nós nos equivocamos acerca do bispo. E realmente um homem excelente. Sei que se parece a um camelo, pois que é muito imponente na catedral, mas é muito bondoso em seu próprio lar! — dizia Lucy.

— Quando alguém se mostra amável, você pensa em seguida que são santos; quando na verdade não são. Como estava tia Eva?

- Com um vestido cor de malva e um chapéu púrpura! - observou Lucy.

- E isso de Cyril querer que você vá viver com eles? — perguntou Anna.

- Como foi que você suspeitou? — indagou Lucy com surpresa.

- Eu sei de tudo, mas você não precisa ir viver com eles, de outro modo eu nunca poderia ir me encontrar com você... Ademais se tiver que viver com alguém, venha viver com Bill e comigo.

- Bill? — disse Lucy.

- Seu nome verdadeiro é Evelyn Anthony Peregrins Scaithe, mas nós o chamamos por Bill. O mais terrível é que é um barão.

- Mas por que terrível? — perguntou Lucy surpresa.

—É que não quero ser uma lady! — disse Anna com genuíno desgosto na voz. -

Oh! mãezinha, não é estranha a vida? Fiz todo o possível para enamorar-me de alguém completamente diferente, e não podia suportá-lo distante, do outro lado da mesa. Desejo ser respeitada. Aqui, vivendo com Cyril, que me desaprovava em tudo, sentia-me capaz de ser a rainha de meio mundo; mas no cenário sou apenas uma jovem que treme... Amo o *ballet* porém quero fazê-lo amadoristicamente quando eu quiser, não todas as noites para que qualquer pessoa possa ver-me. Quando Bill me perguntou se queria casar-me com ele, implorei-lhe que me levasse a Brighton por uma semana. Pensei que se fosse uma mulher perdida poderia ser o que pensava que era, mas tudo foi inútil. Bill não queria que eu fosse Miss Dale... Prefere-me como a senhorita Muir. Se Cyril diz que não me chamem assim vou cometer uma bigamia... Oh! mãezinha você entende uma situação tão difícil como eu a entendo?

- Sim, querida. Penso da mesma maneira - disse Lucy, embora, em verdade, se sentisse um pouco confusa com a efúvidade de Anna. - Imagino-a quiçá comprometida com Sir Evelyn Scithe, e que vai se casar com ele. Então ter o seu lar. Você pensa bem. E melhor não encerrar sua carreira.

- Eu sabia que você entenderia! - exclamou Anna. — Dançar não é somente mover-se ao compasso da música, dentro ou fora do cenário.

É viver o bailado, estar possuída por ele. Isto se a pessoa já atingiu o cume. Nunca poderei suportar estar na metade ou em nada. Aprecio muitas coisas: o teatro, a música, as reuniões, e me encanta cavalgar, dirigir um automóvel nas pistas de corrida, navegar num barco a vela em um mar embravecido, em suma, a maior parte das coisas belas que tem a vida. Amo Bill, mãezinha! — terminou dizendo com simplicidade ajovem.

— Você nunca estará sozinha - disse-lhe Lucy tratando de não pensar quanto havia precisado dela.

— Você também nunca estará sozinha, pois virá viver conosco - acrescentou Anna.

— Não, querida - contestou Lucy tranquilamente, impossibilitada de explicar à sua filha que a solidão não é uma questão de vida solitária, e sim de espírito. Era muito egoísta por ter um pensamento desse tipo, quando era tão feliz. — Estou muito feliz com o fato de você ter o seu lar - disse Lucy.

— Não creio que me estabeleça permanentemente. Bill também ama o teatro, e vai converter um velho celeiro localizado em campo de sua propriedade, em um teatro e poderemos, ali, fazer todos os balés e todas as peças que ninguém aceita.

— Bill tem dinheiro?

— Sim, mas isso nada tem a ver conosco. Ter-me-ia casado com ele mesmo que fosse um condutor de ônibus. Mas isso não faz mais divertida a vida... você vem viver conosco e se divertirá também.

— Anna, não comece a discutir comigo... o bispo quase me persuadiu de que era

meu dever ir viver com Cyril e Célia, porém sei que isso não me traria senão dificuldades. Tenho minha própria casa e quero advertir-lhe de que vou viver nela.

— Com o Capitão Gregg? - perguntou Anna.

Lucy se voltou para a filha olhando-a fixamente sem articular uma única palavra.

— Eu sei de tudo acerca dele - afirmou Anna. — As meninas lá do colégio me falaram acerca do fantasma e me perguntavam se eu não o havia visto alguma vez. Eu fingia, inventava histórias encantadoras, dizendo-lhes que sim... Não sei se me acreditavam, porém isso me tomou muito popular.

- Você nunca havia me falado! — defendeu-se debilmente Lucy.

- Não, não quis que você se assustasse pelo fato de eu saber, porém eu me enamorei de seu retrato, quando tinha onze anos, esperando que ele viesse e me falasse.

- Esperava isso?

- Naturalmente isso nunca aconteceu, mas eu sentia que ele estava na casa. Lembra-se daquela noite em que você saiu e se encontrou com aquele homem?

- Anna! Que homem?—exclamou Lucy.

- Não sei o seu nome, mas tinha o cabelo loiro e as roupas "Bond Street". Eu não a vigiei, mãezinha, mas você estava tão estranha naquela primavera!!! Eu estava colhendo campânulas no bosque uma certa tarde... Sei que deveria estar no colégio, mas era um dia tão formoso para se estar ao ar livre... Vi que ele a beijava. Voltei então para casa rapidamente e receei que você iria se casar com ele...

- Continue! — disse Lucy debilmente.

- Por certo não disse nada a ninguém... Cyril nunca soube que esse homem existiu. Mas na outra noite em que você saiu, sabia que iria encontrar-se com ele e me senti muito infeliz. Fui sentar-me em seu quarto e senti que o Capitão Gregg estava muito próximo de mim, dizendo-me que não me afligisse, que tudo terminaria bem... Fui uma pequena e ciumenta criança...

- Ele nunca... quero dizer, nunca soube que o sabia a respeito de Miles!— tartamudeou Lucy.

- Era esse o seu nome? Oh! sim, eu sabia. Os pais sempre pensam que não há nada que não saibam acerca de seus filhos. Porém, posso lhe dizer que nem sempre isso acontece, visto que muitas crianças são muito observadoras e seus lares são o mundo. O que nunca entendi foi porque Miles rompeu consigo - argumentou Anna.

- Não foi assim. Eu rompi com ele, se se pode falar assim, já que era casado.

— Ah! já sei! Isso deve ter sido muito duro. Se você o recusou, é inevitável que teve razões muito sérias para fazê-lo. Então Miles era casado? Somente o vi uma vez, porém parecia uma pessoa tão estranha e incapaz de se identificar com

a natureza... o bosque...

—E eu acreditei que Cyril era o mais reservado dos dois - expressou maravilhada Lucy.

— Não é precisamente assim que eu seja reservada, mas esse era um segredo seu, querida—explicou Ajnna.

— Está certo. Porém me pergunto: Por que você nunca me disse nada? — disse Lucy.

— Penso que estava assustada. Se eu admitisse que sabia, você teria imaginado que era realmente verdade... Mas isso passou, eu me tomei outra vez muito alegre e decidi esquecer tudo.

—Você escutou alguma vez a voz do capitão? - perguntou Lucy, o mais dissimuladamente que pôde.

— Bem, para dizer a verdade, não. Você sabe quão imaginativas são as crianças e como inventam amigos próximos. Eu senti que o Capitão Gregg era meu amigo e muito sensato e encantador. Dir-lhe-ei algo mais que não revelei a ninguém até agora, nem sequer a Bill. Quase estive envolta com gente muito estranha e reservada quando fui pela primeira vez a Londres. Percebi então que o nosso velho Capitão do mar os desprezava e isso me reteve a voltar nesse ambiente. Pode parecer-lhe estranho, minha querida, mas senti que ele desejava uma atmosfera particular nessa casa. Por isso odiaria a quem vivesse nela, embora você tivesse que viver tão sozinha.

Lucy pensou então que podia contar a Anna tudo acerca do Capitão Gregg e de "*Blood and Swash* ", e tudo mais, mas as palavras pareciam ter-lhe fugido da garganta... Terrível teria sido se Anna não lhe tivesse dado crédito, porém se propôs a conversar com o Capitão esta noite acerca disto.

Anna continuou dizendo:

— Tia Eva me falou pelo telefone ontem à noite... Era muito tarde. Tem o coração enfermo, mãezinha? Ela me disse que seu pai havia falecido de angina e que você havia desmaiado. Isso me assustou enoimemente... Mas devo dizer-lhe que a vejo esplendidamente bem. Talvez um pouco pálida.

-Eu não me noto pálida, tenho isto sim, os ossos moídos depois de toda essa sequência dos últimos anos.

- Seriadamente, querida - disse Anna reprovando-a. - Não é comum você desmaiar, mesmo que tenha havido um terremoto.

-Não houve terremoto nenhum. Você sabe o quanto intermináveis são essas cenas. Eu pensei então que essa não terminaria nunca.

-Assim que você pretendeu fugir—disse Anna sorrindo. — Era isso correto, querida? Na mesa de um bispo? Trar-lhe-ei um livro sobre etiqueta antes que vá em alguma das minhas ceias, e, que história é essa de terremoto, apagarem-se as luzes e caírem os quadros? Tive a impressão de que as paredes de Jericó caíram sobre tia Eva, tudo causado, presumo, pela voz do bispo, que pode ter o mesmo

efeito de uma trombeta. Mas seriamente, mãezinha, me aliviaria enormemente se você fosse a um médico.

- Irei a uma dezena de médicos se você quiser, mas isso seria uma perda de tempo inútil e gasto de uma grande soma de dinheiro.

- Vamos fazer um trato — disse Anna. — Depois que eu me tiver casado, você não me dará mais a minha pensão.

- Oh! sim, eu o farei. Não sabes o humilhante que é ter que pedir alguma coisa, alguma soma mesmo para comprar um selo. Eu não tinha dinheiro quando contrái matrimônio e eu sei o que é isso. Mas ultimamente fiz alguns bons investimentos e estou muito melhor do que estava antes — disse Lucy.

- Fazendo negócios no mercado de valores? Bom, isso não é assunto meu. Mas você sabe muito bem onde isso levou o nosso pai.

- Sim, eu sei. Porém isso é realmente uma mina de ouro — defendeu-se Lucy.

- Desde quando você se envolveu com minas de ouro? Realmente você é uma extraordinária mulher. Não me surpreenderia nem um pouco se um dia zarpasse para o Alasca para escavar por sua própria conta as minas. Confio em que tudo se deve à influência do Capitão Gregg e ao espírito de aventura que deixou nesta casa. Em verdade lhe digo que você necessita de Martha para que lhe cuide, muito mais do que eu lhe necessito! — exclamou Anna. — Martha quer ser minha cozinheira quando eu me casar, mas Bill tem uma cozinheira casada com seu mordomo. Seria melhor que ela viesse cozinhar para você. Então se acabariam minhas preocupações, poderia ir e permanecer conosco quando se lhe aprovesse, por quanto tempo o desejasse. E agora, vista-se por favor, querida, para que Bill não fique esperando.

* * *

-Você nunca me contou o que Anna sentia por você! - disse Lucy à noite quando o Capitão Gregg a cumprimentou com um sibilar. - Você tinha conhecimento disso?

— Eu sabia, porém não podia contar-lhe Lúcia, porque não teria sido justo.

—Anna sabia a respeito de Miles — comentou Lucy.

— Sim, e se condenou a si mesma muitas noites até adormecer, por causa dele! - manifestou o Capitão.

— E por que você não me disse?

— Isto não teria sido correto. Eu já havia interferido demasiado. Você tinha que abrir o seu próprio caminho através de suas convicções pessoais e não pelas razões de Anna. Você poderia ter chegado assim a aborrecer a menina, e Deus sabe como ela poderia ter-se portado então. Isso foi vivido por ela e seguiu com você, pois tem uma veia especial que é herança da maioria dos artistas. Mas, tal como Anna é, tudo está perfeitamente bem. O seu Bill é um homem agradável e um bom rapaz. Ela teve muita sorte.

—Ele também teve muita sorte! — afirmou Lucy.

— Esta vai ser uma verdadeira união — concordou Gregg.

— Eles usam da mesma linguagem. Isto é muito importante... E acham graça das mesmas coisas... Edwin somente ria quando via alguém ser prejudicado. Quero dizer, se alguém caísse por haver pisado numa casca de banana ou se queriam sentar-se sobre uma cadeira que já não estava no lugar em que pensava. Apreciei muito a Bill, pois me fez sentir o mínimo possível como uma sogra e nunca como uma mulher velha e enjoativa. Gosto dos seus olhos azuis... Realmente não é muito moço, mas alguém que se sente na classificação de homem que outros homens confiam. Tem esse fácil sentido de segurança dos que têm grande quantidade de dinheiro para dar. Não é assombroso? O poder que tem o dinheiro! Comecei recentemente a dar-me conta disso. E se você está sempre bem vestido, seguro de que terá táxis nos dias de chuva, criados que lhe lavam os pés e cozinheiras que lhe preparam as comidas. De tal forma, sente que o mundo é uma ostra com uma valiosa pérola... A pobreza não é desgraça, mas faz uma pessoa sentir-se como se tivesse nascido em um cesto de lixo. Por fim, é um meio pobre que mantém as aparências sobre o fio de um fio. Todavia, imagino que as pessoas totalmente pobres são ainda mais felizes do que os ricos — alegou Lucy.

—Muito menos preocupados, porque eles não têm responsabilidades.

—E eu seria rica?

— Muito bem! Moderadamente rica! — respondeu o Capitão. — Nosso livro alcançou uma outra edição a mais... não podem imprimi-lo mais rapidamente e ouvem-se comentários de que será traduzido para o sueco, o alemão e o francês.

— Gostaria de contar tudo isso a Anna! — gaguejou Lucy.

—Muito bem, faça o seu gosto, porém se o fizer logo aparecerá na primeira folha dos periódicos dos jornais—asseverou o Capitão.

-Anna pode guardar o segredo. Demonstrou-me que pode fazê-lo!

- afirmou Lucy.

—Um segredo não faz um embusteiro. Ela podia necessitar de fazer um juramento como precaução. Mas só resta esta alternativa. Não, minha querida, seja prudente, conserve o segredo somente com você.

— Muito bem, serei prudente. Nesse caso entendo que você tem razão, porque duvido de que Anna acredite.

Epílogo

Passaram-se os anos como contas de um rosário tocadas por ágeis mãos, cheios de interesses para Lucy com suas visitas a Anna e Bill e a Célia e Cyril. Bill era agora membro do Parlamento e Anna havia chegado a ser uma encantadora dama. Cyril sem ser bispo, pelo menos já estava maduro pelo tempo e se encontrava preocupado apenas com uma circunstância irônica: seu filho menor

era um ator de sucesso que o teria orgulhado se não o tivesse aborrecido.

O bispo havia falecido de pneumonia, depois de uma gripe adquirida em uma visita obrigatória a seus pobres. Sua mulher, todavia, vivia um pouco fora do seu âmbito, confortavelmente alojada em uma pequena residência perto da catedral. Eva havia falecido - menos romanticamente do que queria que tivesse sido - de sarampo alemão, protestando até o final dos seus dias de que havia adquirido febre escarlatina.

Um por um, se haviam ido os contemporâneos de Lucy, caindo da árvore da vida como caem as folhas no outono. Ela nunca havia dependido da sociedade para sua felicidade. Percebia agora de que a necessitava menos do que antes. Com Martha que a cuidava, vivia uma vida simples e de sua inteira satisfação. Nos dias quentes passeava pelos jardins entre as flores. Alongava-se pela trilha do cais, olhando as gaivotas, sedativamente acompanhada por um cachorro "fixe terrier". Nos dias frios sentava-se em frente ao fogo da lareira aquecendo os pés, ouvindo o rádio e tecendo camisas azuis para os pescadores do Mar do Norte. Ela nunca estava totalmente de acordo com a rádio, porém ouvia, não obstante, música, dramas e comédias representados pelos mais famosos artistas, como se isso fosse obra de mágicos que estivessem representando para ela de dentro de uma caixa de música, que milagrosamente necessitava que se fizesse girar o botão para fazê-la funcionar. Frequentemente, à noite, quando cochilava um pouco, cabeceando sobre o tecido das camisas azuis que adiantava muito lentamente porque seus dedos estavam se tomando duros por causa do reumatismo, suas conversas periódicas com o Capitão Gregg versavam sobre este assunto.

—Por que não vai a Harrogate ou Droitnich? Por que não vai consultar um médico? - dizia Gregg. - Você tem muito dinheiro...

Mas a pobreza de sua velhice era um dos temores mais terríveis de Lucy. Não podia persuadir-se que se o dinheiro havia evaporado tão rapidamente nas mãos de seu marido, não iria suceder atualmente em suas mãos, porquanto os valores das entradas de "Blood and Swash " haviam sido investidos com muita segurança, por um banco de Londres, no qual as rendas haviam sido depositadas no mais estrito segredo pelo empreendedor, neto do Sr. Sproule. Este fizera uma edição de luxo, ilustrada, que fazia o Capitão Gregg rir quando a via, e o representavam às vezes como um velho viking de cabelos doirados e barba avermelhada.

—Você tem muito dinheiro! — repetiu Gregg.

— Os impostos estão muito altos, tudo está subindo de preço e eu não quero terminar num asilo de mendicidade! — exclamava Lucy.

—Asilo de mendicidade, maldições! — bufou o Capitão. — Não sabe você que pode edificar um asilo para pobres e manter uma dezena de indigentes com o pagamento atual dos direitos autorais? Vá a Harrogate, por favor, vá a Harrogate.

—Prefiro permanecer aqui. Estou muito melhor e mais confortavelmente em meu lar. E ademais não deixarei Taggs — respondia Lucy.

— O nome do cachorro é Spot — corrigiu o Capitão — e Martha pode muito bem cuidar dele.

— Na última vez que fiii visitar Anna, Martha esqueceu-se de colocar remédio em sua água e ele começou a apresentar sintomas de eczemas entre os dedos das patas — alegava Lucy.

- Melhor é que o cachorro tenha eczema entre os dedos da pata antes que suas pernas se tomem duras como atizador de brasas - resmungava Gregg.

- Já estou demasiada velha para andar vagando por hotéis estranhos. Eu não irei.

- Você é uma cabeça dura, uma mulher obstinada. Se eu acreditasse em você seria capaz de deixar minha casa para um anexo ao Lar dos Cães de Battersea. E eu me maldirei se voltar a visitá-la outra vez - protestava o Capitão.

- Nunca pensei nisso...! É uma boa ideia! - dizia Lucy olhando-o com o canto dos olhos.

- Oh! as mulheres, as mulheres!... - resmungou o Capitão e se foi.

Os anos passavam e a primavera estava ali, deixando escapar seus verdes brotos através da terra rica e negra, os maciços de flores cultivados estavam plenos de novas vidas e adornados com narcisos. Lucy também foi induzida a sair para apreciar o florescimento do jardim, que ela amava tanto; mas os raios solares não davam calor aos seus velhos ossos. Pôs-se a tiritar quando se deteve entre as flores. Não protestou quando Martha a convidou para entrar de novo.

- Já vou, já vou! - disse, porque repentinamente se sentiu muito cansada e muito fria. Experimentou uma curiosa dor no punho esquerdo que lhe corria por todo o braço, contudo se deteve no caminho para recolher um ramo caído que se havia soltado de seu lugar na pequena grade. Sentia-se tão cansada que apenas pôde levantar seus braços à cabeça. O jardineiro cuidaria do serviço. Martha apareceu novamente na porta e a convidou que deixasse o ramo como estava.

O almoço a animou um pouco, com a quente sopa de frango e filé de linguado e ainda uma batida de chocolate, preparados como só Martha sabia fazê-los.

- Não lhe parece que somos muito gastadoras? - perguntou Lucy ansiosamente afundando-se na cadeira depois de ter-se alimentado, olhando como Martha empilhava pás de carvão de pedra para tomar mais vivas as chamas, como a ela agradava.

-Deus a bendiga, senhora. O que você comeu não daria para engordar um pardal - respondeu Martha tranquilamente. - É preciso que se aqueça.

—Eu não quero terminar num asilo de pobres. Já estivemos uma vez a ponto de sofrer uma consequência dessas. Qual era a palavra?

Por que Martha não a ajudava parada ali com seu rosto rosado e sua boca

aberta... Como parecia velha! Seu rosto estava tomado de rugas. Embora Martha tivesse dois anos a menos do que ela, estava segura de que não era assim, se não lhe dava a resposta que pedia por que permanecia silenciosa com a boca aberta?

— Oh! feche essa boca Martha! — exclamou Lucy com enfado.

—Eu estava parada aqui, apenas olhando — dizia Martha com dignidade. — Pensava que você queria falar-me, tenho que fazer o trabalho que já conheço muito bem—continuou dizendo.

Recordando-se de que gostava de escutar um pouco de rádio, ligou-o, mas como havia comido mais tarde do que de costume já não havia música, só se ouvia um discurso sem interesse.

Cyril havia se dado bem na escola, muito melhor do que a querida Arma. Esta era agora uma dama e envergava roupas muito finas... Se Arma vivesse um pouco mais perto! Mas seu marido estava governando o país, e ela tinha que viver com seu esposo em Londres, mesmo deixando a mãe sozinha... Sozinha! Essa era uma palavra amarga, uma lágrima rolou pela face de Lucy que a secou como fazem os meninos com o dorso da mão. Pelo menos Taggs estava a seus pés... Taggs não, Spot. .. Taggs havia sido um outro cachorro. O cão que Miles havia desenterrado da toca de coelhos. Havia anos que não pensava em Miles. Quão feliz havia ele tomado a ela naquela primavera, mas, também quão desgraçada! Isso era a vida... Luzes e sombras... Se esse a tivesse encontrado antes, talvez ela pudesse tê-lo afastado da bebida ou do jogo, ou de outra coisa que o houvesse perturbado. Edwin havia jogado secretamente no mercado de valores... Ela nunca pôde entender esse segredo. Ruína! Era uma coisa terrível... Devia realmente insistir para que Martha fosse mais econômica... Isso seria terrível. Voltara a esquecer a palavra. Parecia tão fácil esquecer as palavras agora... Estava muito cansada... Muito cansada. Inclinou a cabeça no encosto e adormeceu.

Mas o descanso não a repousou como sucedia sempre. Sentia-se tão fatigada e fora de si que voltou a falar ríspidamente com Manha quando esta lhe trouxe a xícara de chá da tarde, com os biscoitinhos que ela tanto gostava de comer.

O rádio transmitia uma música: "Tu deves ser mais suave sobre o assento de uma bicicleta para dois"... Uma das velhas canções! Isso havia sido motivo para as queixas que havia tido contra Edwin... Ele não lhe permitia que tivesse uma bicicleta embora pedisse, pois queria pedalar ao seu lado... Ir ao campo no entardecer do verão... Longe de seus poderosos parentes. A velha Mrs. Muir julgava que andar de bicicleta não era para damas... Pobre Edwin, talvez ele também quisesse distanciar-se... Talvez por essa causa procurara fazer fortuna, talvez temesse sua mãe e suas irmãs, como sucedia a ela, e procurou evadir-se dessa escravidão de ricos. Bem que gostaria de fazer-lhe esta pergunta... Mas Edwin estava morto. Como fazê-lo?

Lucy voltou a cochilar ao compasso da alegre música de Strauss. Seus dedos reumáticos seguravam as agulhas de osso para tecer as camisas dos pescadores

e o trabalho progredia muito lentamente.

Despertou sentindo-se muito cansada para fazer sua costumeira troca de roupa, dispondo-se para sua solitária ceia, que apenas provava, e muito tempo depois subia trabalhosamente a escada até o seu dormitório.

Seus cabelos estavam embaraçados, não podia manter o braço levantado para atingir o alto da cabeça. A dor do seu braço esquerdo era cada vez maior... E isto a aborrecia muito, cortando a sua respiração.

- Alô Lúcia... - ouviu-se a voz do Capitão muito perto.

- Desejaria que não gritasse ao meu lado dessa forma - exclamou Lucy irritada.

- Você está cansada, minha querida, mas não se preocupe. Irá se sentir bem dentro de muito pouco tempo.

—Naturalmente que me sentirei bem dentro de muito pouco tempo. E me sentirei muito melhor agora mesmo se você se for e permitir que me deite.

A porta se abriu e entrou Martha com uma xícara de leite quente em uma bandeja de prata.

- Está se sentindo bem? - perguntou solicitamente a mulher. - Não comi quase nada do que lhe servi. Pensei que era melhor tomar algo quente antes de deitar-se.

-Oh! sim. Pode ir-se deitar! Todo o mundo me dá ordens. Quando poderei deitar-me? — grunhiu Lucy impacientemente.

-Mas se estou sozinha, não há ninguém por perto. E agora, por favor, tome o leite quente para dar prazer à sua velha Martha. É isso, querida.

-Não quero leite quente, na verdade odeio leite quente - disse Lucy com petulância.

-Bem, bem, tome ao menos alguns goles! — sugeriu Martha pondo-lhe a xícara nas mãos.

-Tem nata na superfície! — disse Lucy. - Essa não é a palavra correta.

-Nata? Não tem nada de nata! — alegou Martha.

-Nata... nata... nata - chorava Lucy como um menino malcriado. —Leve a xícara consigo.

- Bom, bom, não se ponha assim.

—Eu não me ponho de nenhuma maneira, só desejo ficar só. Vá se deitar como lhe disse.

—Muito bem - disse doloridamente Martha. - Nunca intentei mandar em você; só trouxe o leite para o seu bem! — e se foi.

- Chame-a em seguida, Lúcia, chame em seguida! — ordenou o Capitão.

- Não, ela é uma intrumetida, uma velha intrumetida.

- Chame-a em seguida! — rosou o Capitão. - Você não pode deixá-la ir assim. Você não foi educada como uma menina que não quer nunca que o sol se ponha em seus momentos de cólera.

- Neste caso não poderia haver alvorada. Chame-a, digo-lhe! - impôs Gregg com uma voz que exigia obediência.

- Todos me mandam... - soluçou Lucy. - Oh! Muito bem, você venceu. Martha... Martha... - chamou ela debilmente.

Esta deveria estar muito perto porque chegou logo em seguida.

- Sim, querida. Pareceu-me ouvir um trovão, apesar de não ser esta a época do ano em que eles sucedem.

- Lamento muito, estava muito aborrecida! - disse Lucy repentinamente pondo-se em seguida a chorar.

Martha tomando-a nos seus braços fortes fê-la dar a volta, colocando a cabeça no seu ombro para consolá-la.

- Isso, isso, querida! - disse Martha acariciando-lhe a cabeça inclinada. - Eu entendo, vai tomar um gole do leite quente para alegrar a velha Martha, e se sentirá melhor assim, tão bem quanto a própria chuva. Viu que não havia nata, - continuava enquanto que o dedo mínimo dobrado em forma de gancho extraia o creme frio da borda da xícara.

- Obrigada, Martha, você é muito boa para comigo! - disse Lucy a ponto de beber obedientemente um gole de leite. - Eu sou uma mulher velha e intratável; estou muito cansada e tenho uma grande dor no braço.

' - Porque o forçou no trabalho de jardinagem que fez. Deve deixar para o jardineiro isso de ordenar as trepadeiras, pois lhe paga um bom dinheiro para que o faça! - disse Martha. - Quer que lhe faça umas massagens no braço?

- Não, obrigada, estarei melhor amanhã. Boa-noite, Martha, obrigada, muito obrigada. Agradeço-lhe muitíssimo por cuidar-me tão bem.

- Não comece a agradecer-me com a litania de sempre, pois isso não aprecio! Boa-noite, durma bem e tenha bons sonhos.

- Boa-noite, Martha, e que Deus a bendiga! - saudou Lucy. - Eu estava aborrecida, admito-o - acrescentou quando a porta se fechou por detrás da mulher. - E que estou tão cansada... - Repentinamente se deixou cair sobre a poltrona com a cabeça inclinada para trás, sujeitando em sua mão o pente de cabelos.

— Agora não estará cansada nunca mais! - ouviu-se a voz do Capitão. — Venha, Lúcia, venha minha querida.

Lucy levantou-se para ir ao encontro de Gregg. Milagrosamente sua dor e seu cansaço haviam desaparecido. Caminhou para ele cordialmente como uma jovem. Gregg era jovem e belo como um conto de fadas.

Quem era esta que ficava para trás repousando na poltrona que ela havia deixado recentemente?

— Quem é ela? Como está ali esta pequena e velha mulher? — perguntou Lucy surpreendida.

— Olhe outra vez, Lúcia! — disse o Capitão amavelmente.

ELucy olhando mais de perto viu os anéis dos seus dedos na mulher, seu medalhão com a cadeia de ouro envolvendo o pescoço da outra.

—Essa, essa sou eu? — murmurou.

—Era você, Lúcia! — afirmou o Capitão.

— Mas eu me sinto tão pequena e pálida, tão frágil! - insistia Lucy.

— Isso é somente uma cobertura carnal. Você mudou o seu corpo como a serpente troca a sua velha pele quando essa não tem mais utilidade. Ah! Lúcia, agora estaremos juntos exatamente como queríamos! — acalentava o Capitão.

— Sinto-me tão feliz, tão estranha... — suspirou Lucy. — Sabe, Gregg, eu sempre o amei.

— E foi por amor a você que esperei todos estes anos...

* * *

Havia uma grande quietude na habitação. Só se ouvia o tique-taque do relógio, a máquina insensível dos minutos que os homens inventaram para medir as alegrias e as tristezas de suas vidas.

O corpo da Sr¹ Muir encontrava-se sentado muito quieto na poltrona com o rosto inclinado para o encosto, olhando sem ver para os olhos do Capitão Gregg pintados em seu retrato que pendia na parede.

Caro leitor

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

* * * * *

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através dos fones (Oxxló) 3382-1066, 3382-1471, fax (Oxxló) 3382-1647, site: <http://www.oclarim.com.br> ou através do e-mail: oclarim@oclarim.com.br

* * * * *

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

* * * * *